

**UM
CORAÇÃO
VOLTADO PARA**

Deus

**SINCLAIR B.
FERGUSON**

**UM
CORAÇÃO
VOLTADO PARA**

Deus

**SINCLAIR B.
FERGUSON**

**UM
CORAÇÃO
VOLTADO PARA**

Deus



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

■

Ferguson, Sinclair B.

Um coração voltado para Deus / Sinclair B. Ferguson ; tradução de Thomas de Lima. -- São Paulo : Vida Nova, 2021.

176 p.

recurso digital; 2 MB

ISBN 978-65-86136-40-1 (recurso eletrônico)

Título original: A heart for God

1. Deus (Cristianismo) 2. Vida cristã I. Título II. Lima, Thomas de

20-2390

CDD 231

■

Índices para catálogo sistemático

1. Deus

**UM
CORAÇÃO
VOLTADO PARA**

Deus

TRADUÇÃO
THOMAS DE LIMA

**SINCLAIR B.
FERGUSON**


VIDA NOVA

©1987, de Sinclair B. Ferguson

Título do original: A heart for God,

edição publicada por The Banner of Truth Trust (Edimburgo, Reino Unido).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New International Version. As citações com indicação da versão in loco foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Almeida Revista e Corrigida (ARC) e da Nova Almeida Atualizada (NAA). Todo grifo em citações é de responsabilidade do autor.

■

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Gerência Editorial

Fabiano Silveira Medeiros

Edição de texto

Lenita Ananias

Rosa M. Ferreira

Preparação de texto

Emerson Soares

Marcia B. Medeiros

Revisão de provas

Josemar de Souza Pinto

Gerência de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Wesley Mendonça

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EPUB

Booknando

■

Edição digital: abril de 2021

Para
William Still,
com profunda gratidão.

Como a corça anseia por águas correntes,

a minha alma anseia por ti, ó Deus.

A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo.

Quando poderei entrar para apresentar-me a Deus?

Salmos 42.1,2

Dia a dia, Senhor amado, por três coisas oro a ti:

ver-te com mais clareza;

amar-te com mais devoção e

seguir-te mais de perto.

Oração de Richard de Chichester (1197-1253)

Ofereço-te meu coração, ó Senhor,

com fervor e sinceridade.

Lema de João Calvino (1509-1564)

SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[1. Crescendo no conhecimento de Deus](#)

[2. Deus em três Pessoas](#)

[3. Criador do céu e da terra](#)

[4. O Senhor da aliança](#)

[5. Aquele que está sempre presente](#)

[6. O Salvador](#)

[7. Somente Deus é sábio](#)

[8. O Santo de Israel](#)

9. O provedor fiel

10. Adoremos a Deus!

11. Lembrem-se do Senhor

PREFÁCIO

Desde minha infância, nada me fascinava mais do que conhecer a Deus: “Quem é Deus? Deus pode ser conhecido? Se pode, como podemos conhecê-lo?”. Agora, nos últimos anos, percebo que essas perguntas não são apenas coisa de criança; são as perguntas mais importantes do Universo. Ademais, elas estão no âmago da fé cristã. Os crentes de hoje nem sempre enxergam esse fato com a clareza que deveriam. Talvez isso explique por que não somos tudo o que deveríamos ser, seja em nossa adoração na igreja, seja em nosso testemunho para o mundo. Minha esperança é que estas páginas contribuam de alguma maneira para o viver mais centrado em Deus.

Por esse motivo, Um coração voltado para Deus gira em torno da exposição bíblica. Só quando as palavras de Cristo permanecem em nós e nós permanecemos nele é que somos libertos desse cristianismo sem raízes tão característico de nossos tempos. Quando a palavra de Cristo nos influencia, começamos a dar frutos e a demonstrar que somos discípulos dele (Jo 15.5-8). Somente quando a Palavra de Deus causar impacto na nossa forma de pensar, viver e sentir é que vamos manifestar um coração marcado pela obediência a Deus e cheio de amor por ele.

Publico este livro com ansiedade e devoção ao mesmo tempo. Com ansiedade por causa da imensa e pura glória do tema e pela profunda consciência de minha falta de aptidão para escrever sobre o Deus que vim a amar e em alguma medida a conhecer. Com devoção porque procurei apresentar o ensino que ele nos deixou nas Escrituras, e almejo de todo o coração que ele o use para ajudar você a conhecê-lo. Eu lhe entrego estas páginas com o pedido de que também as leia com devoção, com o desejo cada vez maior de crescer no conhecimento de Deus.

Sinclair B. Ferguson,

Westminster Theological Seminary,

Filadélfia, Pensilvânia, EUA

CRESCENDO NO CONHECIMENTO DE DEUS

Qual é a coisa mais importante do mundo para todo cristão? É crescer no conhecimento de Deus.

O conhecimento de Deus é a essência da salvação e de toda experiência espiritual verdadeira. Fomos criados para conhecer a Deus. Vamos nos ocupar desse conhecimento por toda a eternidade. Nas Escrituras, isso é quase equivalente à salvação. Jesus afirmou que a vida eterna, ou a salvação, significa conhecer a Deus: “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). Ser cristão não é uma experiência mecânica, impensada; antes, requer conhecimento e entendimento. Significa relacionamento pessoal com o Senhor e conhecimento pessoal a respeito dele.

Por trás do que Jesus diz no Evangelho de João, jaz a promessa que Deus havia feito séculos antes na profecia da nova aliança: “Eu lhes darei um coração para me conhecer, para saber que eu sou o Senhor” (Jr 24.7). O cumprimento dessas palavras proféticas, Jeremias acrescenta, significaria: “Não mais ensinará o homem a seu próximo, ou o homem a seu irmão, dizendo: ‘Conheça o Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior” (Jr 31.34). Isaías nos diz, semelhantemente, que esse conhecimento de Deus seria a marca do reinado do Messias prometido, Jesus Cristo: “... a terra será cheia do conhecimento do Senhor, assim como as águas cobrem o mar” (Is 11.9). Que visão! Além disso, ela resume o que, segundo as Escrituras, Jesus veio fazer: trazer-nos o conhecimento de Deus.

Esse conhecimento de Deus é a essência de todo verdadeiro entendimento na vida cristã. Uma pessoa pode ser cristã e permanecer ignorante sobre muitas coisas. Mas não podemos ser cristãos e permanecer ignorantes a respeito de Deus. No fim das contas, afirma o sábio em Provérbios, “conhecer o Santo é ter entendimento” (Pv 9.10). Apesar de nunca ter tido tanto conhecimento do mundo quanto hoje, o ser humano talvez nunca tenha tido tão pouco conhecimento de Deus. É por isso que nossa época é caracterizada por uma singular falta de entendimento, valorização e percepção genuína dessa necessidade atual e premente.

As Escrituras também nos ensinam que conhecer a Deus é uma excelente proteção contra o pecado. Isaías partilha do lamento de Deus acerca da rebeldia de Israel, quando diz: “O boi conhece seu dono, o jumento, a manjedoura de seu proprietário, mas Israel nada sabe, meu povo nada entende” (Is 1.3). A raiz do declínio espiritual de Israel é sua falta de entendimento.

Quando, porém, os crentes conhecem verdadeiramente a Deus e estão amadurecendo em um relacionamento genuíno com ele, a vida deles é marcada por integridade e confiabilidade. Eles não tratam a desonestidade do coração ou dos lábios com indiferença. Em suma, eles são santos. Mas nossa época teme a santidade. É ainda mais trágico, portanto, que a igreja também tenha passado a ter medo da santidade. Nada lhe causa mais desgosto que ser diferente. O mesmo talvez aconteça a cada um de nós. Por quê? Porque não conhecemos a Deus como deveríamos. Se o conhecêssemos mesmo, isso transpareceria na essência de nossa vida.

Conhecer a Deus também é fundamental para o crescimento cristão. Na seção inicial da Segunda Carta de Pedro, o apóstolo chama a atenção para esse fato crucial. Ele exorta seus amigos a crescerem espiritualmente, desejando-lhes graça e paz “por meio do conhecimento de Deus”; também lhes diz que o poder de Deus nos deu tudo de que precisamos para viver a vida cristã “por meio do conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e bondade” (2Pe 1.2,3). De forma semelhante, quando Paulo expressou seu desejo de que os

cristãos de Colossos crescessem espiritualmente, o mesmo tema se repete: o crescimento é acompanhado particularmente do “crescer no conhecimento de Deus” (Cl 1.10).

Nosso erro tem sido estipular nossas próprias regras básicas para a vida cristã — até onde vai nossa presunção? — em vez de ouvir o que o próprio Deus deseja nos dizer, a saber: “Se você quer crescer como cristão, precisa em primeiro lugar crescer em conhecer-me”.

* * *

Esse conhecimento de Deus é nosso maior privilégio. Ouça Jeremias novamente: “Assim diz o Senhor: ‘Que o sábio não se glorie em sua sabedoria, o forte em sua força ou o rico em sua riqueza, mas aquele que se gloria, glorie-se nisto: em me compreender e me conhecer, em saber que eu sou o Senhor, e exerço bondade, justiça e retidão na terra, pois são essas as coisas que me agradam’, declara o Senhor” (Jr 9.23,24). Quem diz isso é o mesmo homem cujo discurso havia começado com: “Ah, se a minha cabeça fosse uma fonte de água e os meus olhos um manancial de lágrimas!...” (Jr 9.1). Jeremias não era nenhum teólogo ou autor em uma torre de marfim! Aqui temos um homem sofrendo por seu povo, enxergando a situação com a clareza de quem era forasteiro em toda a sociedade, menos na sociedade de Deus. Ele ia além das superficialidades da vida e penetrava no cerne da questão. Quem se importaria com a sabedoria deste mundo, ou com a força dos homens, ou as riquezas e a fama que alguns conquistam, se tudo isso for obtido sem conhecer a Deus? Com sinceridade devastadora, Jeremias reduziu todos esses desejos humanos ao devido (e bem secundário) lugar deles em sua “Jeremíada”. Só vale a pena ter orgulho de viver se no centro da vida estiver o conhecimento de Deus, regendo todas as nossas aspirações. Isso é algo de que podemos nos orgulhar.

De que eu e você nos orgulhamos? Que assunto mais nos empolga e nos preenche o coração? Será que consideramos conhecer a Deus o maior tesouro do

mundo e, de longe, nosso maior privilégio? Se não for assim, não passamos de pigmeus no mundo espiritual. Trocamos nosso direito de nascença por um guisado de lentilhas, e nossa verdadeira experiência cristã será superficial, insuficiente e tragicamente desfocada.

Infelizmente, muito da nossa vida cristã está sofrendo desse astigmatismo espiritual. Ele está presente em nossa vida pessoal, em nosso trato com os outros; aparece em nossa falta de influência sobre o mundo e talvez com mais evidência na natureza de nossa adoração. Era isso que Jeremias enxergava no ambiente de seu tempo. Não é de admirar que chorasse! Não surpreende ter havido momentos em que ele precisou lutar contra a mais profunda depressão — pois também estava ligado a seu povo. Não podia castigar essas pessoas sem sentir ele mesmo os golpes.

Você é sensível a essa questão? Conhecer a Deus é nada menos que seu maior privilégio como cristão, o privilégio que o faz sensível a todas as outras questões importantes. Mas será que esse é o assunto que está no centro dos seus pensamentos?

* * *

Quando observamos o que os mestres da vida espiritual escreveram e disseram no passado, é difícil fugir à conclusão de que fomos vítimas de um embuste neste século. Ao longo das últimas décadas, a igreja evangélica foi dominada por uma série de questões e preocupações de importância marginal ou, na melhor das hipóteses, secundária. Conferências, seminários e livros sobre uma série de “preocupações vitais” dominaram o centro do palco e moldaram a programação de muitas igrejas e muitos cristãos. Mas é chocante quanto tem sido ausente a concentração no próprio Deus. Aliás, nas raras ocasiões em que essa ausência não se deu, pusemo-nos em alerta para observar como se algo fora do comum estivesse sendo dito! O que aconteceu, com efeito, é que redefinimos a vida cristã e o sentido da vida eterna de acordo com uma série de questões

específicas. Não demos ouvidos à voz insistente de Jesus Cristo dizendo que o significado de todas essas coisas é conhecer a Deus.

O que implica “crescer no conhecimento de Deus”? A expressão aparece no relato de Paulo sobre sua oração contínua pelos colossenses. O conteúdo da oração de Paulo tem muito a nos ensinar sobre os princípios básicos de crescer no conhecimento do Senhor:

Não paramos de orar por vocês e de pedir que Deus os preencha com o conhecimento de sua vontade mediante toda sabedoria e entendimento espiritual. E oramos assim para que vocês vivam uma vida digna do Senhor e o agradem de toda maneira: frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus e sendo fortalecidos com todo o poder de acordo com sua gloriosa força para que tenham toda a perseverança e paciência (Cl 1.9-11).

Paulo dá a entender nessa passagem que quatro “leis” fundamentais regem o conhecimento de Deus no cristão em desenvolvimento:

1. Deus é o único autor do conhecimento que temos dele. Um dos grandes autores da igreja primitiva, Hilário de Poitiers (c. 315-368), deu voz a essa verdade: “Só Deus é testemunha adequada de si mesmo”. Ninguém a não ser o próprio Deus pode nos trazer conhecimento verdadeiro e confiável a respeito dele: é preciso que o próprio Deus o forneça. É por isso que Paulo não se contenta em instruir os colossenses com meras informações a respeito de Deus. Ele ora por eles, pedindo que Deus lhes ensine sobre si mesmo.

Essa verdade é muito humilhante. Aqui estou eu, com todo o meu conhecimento e instrução. Sei tantas coisas! Contudo, diante de Deus, sou um principiante que depende do Espírito Santo como meu mestre e guia. Paulo diz em outra passagem que só o Espírito Santo conhece os pensamentos de Deus e perscruta

as “coisas mais profundas” de Deus (1Co 2.10,11). A maravilha do testemunho e do ministério do Espírito a nós é que ele nos revela o coração de Deus. “Não recebemos o espírito do mundo [que é incapaz de entender e amar a Deus]”, escreve Paulo, “mas o Espírito que vem de Deus, para que entendamos o que Deus nos deu gratuitamente” (1Co 2.12).

O ministério do Espírito Santo é confirmado em outra petição de Paulo. Ele ora pelos efésios (e, como Efésios era uma “carta circular”, podemos muito bem presumir que seja sua oração por todo o povo de Deus): “Peço continuamente que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê o Espírito de sabedoria e de revelação, para que vocês o conheçam melhor” (Ef 1.17).

Portanto, não se aprende a conhecer a Deus verdadeiramente nos livros (embora eles talvez ajudem); não se aprende nas faculdades de teologia (embora elas devessem estimular esse conhecimento). Não se trata meramente de obter mais informações a respeito de Deus (embora as informações devessem estimular o conhecimento dele). Não, o conhecimento de Deus é um conhecimento pessoal, porque significa conhecer a um Deus pessoal. Apenas os que buscam conhecê-lo em espírito de dependência e pedem a seu Espírito que os guie à verdade recebem esse conhecimento. A promessa de Deus é eternamente verdadeira: “Vocês me buscarão e me encontrarão quando me buscarem de todo o coração” (Jr 29.13). Se pedirmos, receberemos; se buscarmos, encontraremos; se batermos, a porta que dá acesso ao conhecimento de Deus se abrirá completamente para nós.

2. O conhecimento de Deus requer sabedoria e entendimento espirituais. Essa verdade fundamental é no mínimo presumida na forma de Paulo orar pelos colossenses. A expressão específica que ele usa, vinda de um homem impregnado dos escritos do Antigo Testamento, é significativa: “sabedoria e entendimento” viriam a ser as características do Messias (Is 11.2), daquele que seria cheio do Espírito de Deus. Aliás, em menor grau, essas qualidades são a marca de todos os que são ungidos com o Espírito de Deus (e é esse o significado de “messias”). Portanto, lemos que Daniel — um homem cuja vida

exalava a consciência desse conhecimento de Deus —, por exemplo, era cheio de sabedoria e entendimento (veja Dn 2.14-30; 5.12).

Contudo, como podemos obter esse entendimento e sabedoria? Que instrumento, se houver algum, o Espírito usa para produzi-los? A resposta é muito simples: ele usa a Palavra de Deus, que é sua voz viva.

Uma bela e muitas vezes ignorada ilustração dessa voz de Deus está em um dos poemas de Isaías que falam da vida, dos sofrimentos e do testemunho do Servo do Senhor. Qual é o segredo da vida dele? O testemunho é este:

O Soberano Senhor deu-me língua instruída

para conhecer a palavra que sustém o cansado.

Ele me acorda toda manhã, desperta-me o

ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado.

O Soberano Senhor abriu os meus ouvidos,

e eu não tenho sido rebelde... (Is 50.4,5).

Ouvir com submissão a voz de Deus é o que nos dá o conhecimento de Deus e nos prepara para ensinar os outros e lhes fornecer instrução espiritual.

Mas onde ouviremos essa voz vivificante? Nas Escrituras, mediante o estudo paciente de sua mensagem e a compreensão cada vez maior da mente de Deus conforme ele a revela em suas páginas. É nas Escrituras que aprendemos como Deus vê a si mesmo, a nós e ao mundo e o que ele deseja que saibamos para poder servi-lo. As Escrituras são como um museu do funcionamento das coisas cujo curador é o Espírito, que nos guia e mostra o lugar, explicando as maravilhas da mente do Criador. Nesse museu, visitamos os bastidores para aprender com o próprio Deus. Para conhecer cada vez mais a Deus, portanto, nada substitui a disciplina de estudar e ler as Escrituras e meditar nelas. Não podemos ignorar o manual que Deus nos deu e querer conhecê-lo à nossa própria maneira. O único deus que podemos conhecer ao nosso modo é um deus que criamos à nossa imagem.

Esse fato — que precisamos perseverar na Palavra de Deus e permanecer nas palavras de Cristo (Jo 15.7) — sublinha a importância de um terceiro elemento presente na oração de Paulo pelos colossenses, que veremos a seguir.

3. Crescer no conhecimento de Deus exige paciência e perseverança. Paulo reconhece que os que desejam crescer no conhecimento de Deus também precisarão ser “fortalecidos com todo o poder de acordo com sua [de Deus] gloriosa força”, para que tenham “toda a perseverança e paciência” (Cl 1.11).

Por que essas qualidades seriam tão necessárias? Porque Deus é um Senhor vivo e pessoal. Ele está comprometido em transformar a vida de seu povo para ajustá-lo à comunhão com ele que é exigida de quem tem conhecimento dele. Conhecimento, no sentido em que Paulo emprega o termo, significa conhecer pessoalmente a Deus e seus métodos de se relacionar conosco. Às vezes descobrimos em nossa peregrinação que não sabemos ou não entendemos o que ele está fazendo enquanto nos conduz para esse conhecimento. Precisamos de

paciência para confiar nele mesmo quando não conseguimos entendê-lo.

Tiago nos elucida um pouco o significado dessa confiança (veja Tg 5.10,11). Ele nos lembra a “paciência” de Jó — ou, melhor, sua “perseverança” (às vezes ele não era muito paciente!). Por que Jó precisou perseverar? A resposta de Tiago é: embora saibamos o que Deus estava fazendo na vida de Jó (lemos o último capítulo do livro!), Jó não sabia nem entendia. Ele precisava aprender a perseverar até o fim, quando finalmente obteve um vislumbre dos propósitos do Senhor.

O que Deus estava fazendo na vida de Jó? Muita coisa — mas, sobretudo, ele estava conduzindo Jó a um conhecimento ainda mais profundo dele, de modo que Jó pôde dizer:

Meus ouvidos já tinham ouvido de ti,

mas agora meus olhos te viram.

Por isso desprezo a mim mesmo

e me arrependo no pó e na cinza (Jó 42.5,6).

Jó achava que conhecia muito bem a Deus. Mas então soube que recebera o conhecimento de Deus em uma dimensão inteiramente nova.

O que pensaria nossa presente época sobre a escola de discipulado em que Jó aprendeu a conhecer a Deus? O que está escrito em letras maiúsculas na vida de Jó interpreta as letras minúsculas que explicam claramente o mesmo princípio em nossa vida. Os que desejam conhecer a Deus passam tanto pelas trevas como pela luz, descem aos vales e também sobem os montes. O propósito de Deus não é sempre claro de imediato. Para aprender a conhecer a Deus, temos de aprender a esperar por ele (veja Hc 2.3). Isso exige paciência e persistência!

4. O conhecimento de Deus não pode jamais ser separado de uma vida de fidelidade. Paulo ora para que os colossenses cresçam no conhecimento de Deus porque deseja que eles vivam uma vida digna de Deus.

Quais são as características de uma vida “digna” de Deus? Ser “digno” de alguma coisa significa que há correspondência entre nós mesmos e aquilo de que devemos ser “dignos”. Paulo ora para que nossa vida corresponda ao caráter de Deus.

Na prática, essa correspondência, ou conformidade, significa que o conhecimento de Deus que recebemos de sua Palavra e aprendemos a valorizar em nossa caminhada com ele deve ser demonstrado por nossa fidelidade a ele e pela integridade de nosso estilo de vida. Temos de tornar “atraente o ensino de Deus, nosso Salvador” (Tt 2.10). Não existe conhecimento verdadeiro de Deus se ele não for demonstrado pela obediência à Palavra e à vontade dele. A pessoa que deseja conhecer a Deus, mas não tem o coração disposto a lhe obedecer, nunca entrará nos átrios sagrados onde Deus se revela à alma do homem. Deus não dá conhecimento divino àqueles que não têm nenhum desejo de glorificá-lo.

* * *

O conhecimento de Deus é nosso maior privilégio. Contudo, talvez seja a

necessidade mais profunda da igreja atual. É possível que também seja sua necessidade mais profunda neste exato momento. É bem possível que você afirme desfrutar a vida eterna. Quando, porém, essa vida é definida de acordo com as exigências de Jesus, e não as suas — quando é definida como conhecer ao Deus vivo e verdadeiro —, como é sua experiência de vida eterna, grande ou pequena? Você pode se orgulhar de que “conhece ao Senhor”?

Precisamos permitir que essas questões nos penetrem fundo no coração e na consciência e exerçam todo o seu impacto sobre eles. Para ao menos chegarmos a ter um conhecimento de Deus digno desse nome, precisamos enfrentar a realidade a fim de enxergar nossa ignorância. Se quisermos descobrir o conhecimento de Deus que ele dá aos que dependem de seu Espírito, precisamos ser esvaziados de nossa independência.

Os capítulos a seguir procuram revelar a grandeza de Deus, porque ter o coração dedicado a ele é um processo que exige saber e entender quem ele é. Antes de prosseguir, porém, precisamos parar um pouco e ter um momento de oração para buscar o Senhor enquanto podemos achá-lo e clamar a ele enquanto está próximo.

Fonte és tu de toda bênção;

vem o canto me inspirar;

tua graça soberana

quero em alto som louvar.

Oh, ensina o novo canto

dos remidos lá dos céus

ao teu servo e ao povo santo

para te louvarmos, Deus!

Devedor à tua graça

cada dia e hora sou.

Teu cuidado sempre faça

com que eu ame a ti, Senhor.

O meu ser é vacilante;

toma-o, prende-o com amor,

para que eu, a todo instante,

glorifique a ti, Senhor.

— Robert Robinson,

adaptado de Hinário para o culto cristão (hino 17).

DEUS EM TRÊS PESSOAS

Imagine que você esteja em um aposento mal iluminado e de pouca mobília no Oriente Médio. É noite, e você está acompanhado de um grupo de homens, a maioria deles em seus vinte e poucos anos. Uma refeição especial está sendo servida.

Um homem domina a cena. Ao que parece, é o líder do grupo de amigos. Também parece ser o mestre deles, pois se dirige ao grupo durante um bom tempo de maneira intensa e tranquila. Esse homem é Jesus de Nazaré. O grupo está num cenáculo em Jerusalém, comemorando a Páscoa judaica com um jantar.

Sabemos o que Jesus sabe — mas esses jovens têm apenas uma vaga noção. Sabemos que, dentro de 24 horas, o corpo de Jesus estará pendurado sem vida em uma cruz romana fora dos muros da cidade. Ele terá sido traído, interrogado, ridicularizado, flagelado, espancado, negado, humilhado, alvo de gritos, cuspidor, pregado num madeiro e erguido para morrer. O que você espera ouvir dos lábios dele nessas circunstâncias?

Talvez você espere uma exortação à fidelidade — e de fato poderá encontrá-la no registro que os Evangelhos apresentam de suas últimas horas. Certamente você espera encontrar manifestações de amor por esses homens que abandonaram tudo para segui-lo — e também as encontrará nas narrativas da Paixão. Mas há um tema que perpassa o ensino de Jesus no cenáculo (registrado em João 13—17) que poucos de nós esperaríamos encontrar. Naquela última noite, o foco da mensagem de Jesus a seus discípulos foi sua revelação e exposição da Trindade!

Será que isso é mesmo possível? Afinal, essa doutrina da Trindade foi fonte de problemas e mesmo de divisões na história da igreja cristã. Não houve praticamente uma guerra nos primeiros séculos da vida da igreja em torno dessa doutrina?

Verdade! Mas é possível interpretar essa polêmica e reagir a ela de diferentes maneiras. Ou ela significa que devemos evitar sequer pensar na Trindade como se foge da peste, ou também pode significar que a própria essência do evangelho cristão está alicerçado na Trindade — e isso explica por que as batalhas foram tão ferrenhas.

O ensino de Jesus no cenáculo sublinha que a segunda interpretação é a correta. A quantidade de tempo do sermão nessa oportunidade dedicado às relações entre o Pai, o Filho e o Espírito indica quanto essa doutrina deve ser fundamental. Também dá a entender que, se Jesus se concentrou no assunto em sua hora mais tenebrosa e no momento em que os discípulos mais precisavam ser consolados e encorajados, a doutrina da Trindade certamente deve ter as mais importantes e práticas implicações.

Assim como os homens de bem, quando chegam ao fim da vida, querem dizer algo de importância duradoura aos filhos, o que Jesus disse em João 13—17 pretende nos apresentar um novo e glorioso conhecimento de Deus como ele realmente é. É por isso que esse “Livro da Glória” (como às vezes a última parte do Evangelho de João é chamada) começa com uma descrição extraordinária da identidade de Jesus como o Filho de Deus, de sua humildade ao lavar os pés dos discípulos, uma parábola dramatizada que fala de sua descida da glória para a cruz e seu retorno para a direita do Pai:

Jesus sabia que tinha chegado o tempo de deixar este mundo e ir para o Pai. Tendo amado os seus que estavam no mundo, agora lhes demonstrou o tamanho

de seu amor [...]

Jesus sabia que o Pai pusera todas as coisas sob seu poder e que viera de Deus e estava voltando para Deus. Por isso, levantou-se da mesa, tirou a capa e amarrou uma toalha em volta da cintura. Em seguida derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a toalha que lhe envolvia a cintura [...]

Quando terminou de lavar os pés deles, vestiu a capa e voltou ao seu lugar. “Vocês entendem o que lhes fiz?”, perguntou-lhes (Jo 13.1,3-5,12).

Esse gesto foi um ato de imensa humildade. Jesus, o Senhor e Mestre dos discípulos, lavou-lhes os pés sujos. Isso, porém, foi mais que um mero ato — foi também uma parábola muito expressiva de tudo o que ele fizera e viria a fazer por eles. Foi uma figura de sua vinda de Deus, abandonando as manifestações de sua glória eterna, tornando-se homem, tomando o lugar do servo na cruz, morrendo por eles e depois retornando ao lugar que lhe era de direito junto ao Pai.

É fascinante situar esse acontecimento ao lado da explicação paulina daquilo que o apóstolo chama de “a mente de Cristo” em Filipenses 2.5-11:

Sendo Deus por natureza própria, não considerou a igualdade com Deus algo a

Reduziu-se a nada.

Assumindo a forma de servo, humilhou-se até a morte, e morte de cruz.

Deus o exaltou à mais alta posição.

Ao nome de Jesus todo joelho se dobre [...] e toda língua confesse que Jesus C

No cenáculo, a encarnação de Cristo apresentou-se em microcosmo. O propósito era ser uma apresentação visual do ensino que levaria os discípulos a conhecer a Deus (Jo 17.3) em um nível de profundidade que nunca haviam experimentado. É por isso que grande parte do ensino que se seguiu à lavagem dos pés dos discípulos se propunha a explicar-lhes as relações entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. De muitas formas, para entendermos a glória da Trindade (e não só a “fórmula” que a igreja usa para se referir à Trindade), é no cenáculo que temos de começar.

O Filho com seu Pai e seu Espírito

As palavras iniciais de João 13, que já comentamos, salientam um fato simples e belo a respeito de Jesus: seu lar era com o Pai. O que ele fez ao lavar os pés dos discípulos teria sido um ato de humildade se qualquer um deles o tivesse realizado. Mas aquele que de fato o realizou tinha “vindo de Deus”. Os discípulos confessaram essa verdade antes de deixar a mesa e partir para o Getsêmani: “Isso nos faz crer que vieste de Deus” (Jo 16.30).

João começa seu Evangelho com essa verdade. O Senhor Jesus é aquele que estava “no princípio [...] com Deus” e “era Deus”. Ele é aquele por cujo intermédio “todas as coisas foram feitas”. Ele é o “Filho unigênito, que veio do Pai”. Embora tenha vindo depois de João Batista, João confessou que Jesus “existia antes de mim [João Batista]” (e não “está diante de mim”).

É da presença de Deus que Jesus procede e é a ela que ele pertence. Não houve época alguma em que Jesus não existisse; pois ele existia no princípio, com Deus, e era Deus! Mais tarde, na oração de João 17, Jesus faria a declaração mais explícita de divindade eterna de todas as passagens da Bíblia, quando mencionou que ia retornar à glória que desfrutava com o Pai (a glória do próprio Deus). Tudo isso, e talvez mais, é o que João quer dizer quando afirma em João

13.3 que Jesus sabia ter vindo do céu, da presença do Pai.

Possivelmente o primeiro capítulo do Evangelho de João reflita as palavras da “Sabedoria” personificada do Livro de Provérbios:

Eu estava lá quando ele [Deus] preparava os céus,

quando traçava o horizonte sobre a face do abismo,

quando estabelecia as nuvens acima

e fixava as fontes do abismo,

quando determinava as fronteiras do mar,

para que as águas não transbordassem para além de

seu comando,

e quando marcava os alicerces da terra.

Eu era então o arquiteto ao seu lado.

Eu me enchia de prazer dia após dia,

alegrando-me sempre na presença dele (Pv 8.27-30).

Vários aspectos importantes do relacionamento de Jesus com o Pai e o Espírito vêm à tona no cenáculo:

1. Jesus está ciente de que seu relacionamento com o Pai é singular. Jesus refere-se a Deus como seu Pai em mais de quarenta ocasiões durante seu ensino e sua oração em João 13—17! E é claro que Jesus não foi o primeiro a desvendar o que todos os seres humanos agora podem descobrir: o relacionamento entre Jesus e seu Pai é única. Ele e o Pai são um. Ninguém chega ao Pai senão por meio dele (veja Jo 10.30; 14.6;14.9). Amar a Jesus é amar a seu Pai; obedecer a ele é obedecer a seu Pai. Conhecê-lo é conhecer o Pai (Jo 14.7,21,23).

Quase no início do Evangelho de João, há uma linda passagem em que Jesus fala de seu relacionamento com Deus:

O Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele só pode fazer o que vê seu Pai fazer, porque tudo aquilo que o Pai faz o Filho também faz. Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz. Sim, para espanto de vocês ele lhe mostrará coisas ainda maiores que estas. Porque assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, o Filho também dá vida a quem ele se agrada de dar. Ademais, o Pai não julga ninguém, mas confiou todo julgamento ao Filho, para que todos honrem o Filho assim como honram o Pai. Aquele que não honra o Filho não honra o Pai, que o enviou (Jo 5.19-23).

Aqui temos um retrato do companheirismo e da amizade únicos que um pai judeu teria com seu filho, caminhando com ele e lhe ensinando tudo o que sabe. Jesus declara ter o mesmo tipo de relacionamento com Deus. O modo de nos comportarmos com ele é o modo de nos comportarmos com Deus Pai. Eles são um só a tal ponto que Jesus virá a ser o juiz dos homens e das nações.

2. Jesus fala da intimidade mútua entre si mesmo e o Pai. Nem mesmo os maiores teólogos jamais encontraram palavras para definir o que Jesus quis dizer quando afirmou: “Eu estou no Pai, e o Pai está em mim” (Jo 14.11). Como às vezes ocorre nos círculos teológicos, para dizer alguma coisa sobre o insondável, em vez de não dizer nada, atribuiu-se um nome latino a essa declaração: *circumincessio*, ou “circum-encessão”, “circumtransitação”! Esse termo impressionante significa apenas que o Pai e o Filho “habitam” um no outro. Deparamos aqui com o mistério de Deus. Contudo, Jesus nos diz que há um paralelo para isso: os cristãos “moram” nele, e ele “mora” neles.

Tudo o que pertence ao Pai também pertence a Jesus, o Filho (Jo 16.15). Eles estão em unidade e harmonia completas. O Pai ama o Filho e confia nele; o Filho ama o Pai e confia nele.

3. A glória de Jesus é promovida pelo Pai. Quando se lê a pré-dica do cenáculo em João, observa-se que a certa altura da noite Jesus teve a sensação de profundo alívio. A passagem de João 13.18-30 registra a cena de Judas deixando o grupo e saindo noite adentro. Jesus estava “perturbado em espírito” até esse ponto. Mas, quando Judas saiu, um novo assunto lhe veio aos lábios. “Depois que Judas saiu, Jesus disse: ‘Agora o Filho do Homem é glorificado, e Deus é glorificado nele. Se Deus é glorificado nele, Deus glorificará o Filho em si mesmo, e o glorificará sem demora’” (v. 31,32).

Jesus estava falando de sua morte como o caminho para sua ressurreição,

ascensão e retorno ao Pai em glória. Mediante sua morte, ele pagaria o preço do resgate pelo pecado; na ressurreição, ele seria vindicado. No seu retorno, Jesus enviaria seu Espírito ao mundo para levar as nações à fé — na verdade, ele seria glorificado. Por isso ele orou, mais tarde (Jo 17.1-5), para que as coisas se dessem exatamente como Deus havia prometido. Nada podia ressaltar mais claramente a unidade entre Jesus e Deus. Ele participava da glória do Pai; ele o glorifica; ele recebe glória daquele que disse: “Não darei a outro a minha glória” (Is 42.8).

4. A glória de Jesus é promovida pelo Espírito. A razão para o envio do Espírito no Pentecostes, diz Jesus, é: “Ele me dará glória, recebendo do que é meu e fazendo-o conhecido a vocês” — isto é, o Espírito receberá o que Jesus, como Filho, compartilha com o Pai (visto que “tudo o que pertence ao Pai é meu” [Jo 16.14,15]).

Virá o dia, de acordo com Jesus, em que sua glória será vista por todos (veja Mt 24.30). Aqui Jesus acrescenta mais um aspecto à revelação de sua glória. A glória de sua divindade pode ser vista agora, por meio do ministério do Espírito. Portanto, podemos dizer com João: “Vimos a sua glória, a glória do Filho unigênito, que veio do Pai, cheio de graça e verdade” (Jo 1.14).

A glória de Jesus se revela a nós por meio do Espírito quando vimos a reconhecer quem Jesus realmente é, o Filho de Deus e nosso Salvador, o Criador e Sustentador de todas as coisas. Esse reconhecimento é parte do que Paulo quis dizer quando afirmou: “‘Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam’, mas Deus o revelou a nós por seu Espírito” (1Co 2.9,10).

Poderia haver maior testemunho da divindade de Jesus? O Pai e o Espírito de Deus mostram a glória dele aos homens — a glória que ele tinha com o Pai antes da fundação do mundo (Jo 17. 24).

* * *

Jesus inclui outra vertente de ensino em seu último sermão: ele ensina aos discípulos sobre o Espírito Santo e também sobre ele próprio.

O Espírito com o Pai e com o Filho

Muitas vezes, quando a igreja tentou demonstrar a divindade do Espírito Santo pelas Escrituras, ela se concentrou em passagens que falam de seus atributos pessoais (ele “ordena”, ou “proíbe”, ou é capaz de “se entristecer”) e de sua participação na obra de Deus. Jesus vai mais adiante no cenáculo. Ele nos diz que o Espírito é “outro Conselheiro” — literalmente, “outro do mesmo tipo”, outro como o próprio Jesus (Jo 14.16). Tudo o que se pode dizer sobre nosso Senhor, portanto, também se pode dizer sobre o Espírito.

Contudo, a coisa mais marcante que Jesus diz aqui talvez seja que o Espírito faz o que o Pai faz — seu coração está determinado a glorificar o Filho por causa da obra deste. Por isso, diz Jesus, o Espírito “me dará glória, recebendo do que é meu e fazendo-o conhecido a vocês. Tudo o que pertence ao Pai é meu. É por isso que afirmo que o Espírito receberá do que é meu e o fará conhecido a vocês” (Jo 16.14,15).

Essa declaração revela duas verdades importantes. Primeiro, o que pertence ao Pai pertence a Jesus. Mas, em segundo lugar, o Espírito tem autoridade e poder para nos mostrar o que pertence a Jesus e ao Pai. Em termos mais simples, o Espírito pode usar o que pertence ao Pai e ao Filho como se fosse coproprietário, ou parceiro, daquilo que eles possuem. E é!

Anteriormente no sermão, Jesus dá alguns vislumbres que nos ajudam a entender seu misterioso e profundo ensino mais plenamente. Em certo sentido, ele remove a obscuridade que em geral cerca o Espírito Santo: a percepção que tantos cristãos têm de que o Espírito Santo é uma espécie de membro “anônimo”, uma parte “neutra” da Trindade. Em João 14.15-27, lemos que o Espírito é Mestre, Advogado e “Dono da Casa”!

Ele é Mestre, porque ensina a igreja sobre o amor que flui entre o Pai e o Filho. “Naquele dia” (o dia em que o Espírito vier) “vocês entenderão que eu estou em meu Pai” (Jo 14.20).

Ele é Mestre também porque ensina à igreja sobre o amor de Cristo. “Naquele dia [no mesmo dia!] vocês entenderão [...] que estão em mim e eu estou em vocês” (Jo 14.20). Só o Espírito de Deus, que é o próprio Deus, podia ter acesso a essa informação e nos garantir que ela é verdadeira.

O Espírito é Advogado (Jo 14.16,26; 15.26; 16.13). Essa palavra que designa o ministério do Espírito é a mesma que João usou posteriormente para se referir a Jesus (1Jo 2.1, ARC, ARA e NAA). Na época de João, bem como na nossa, o advogado era um indivíduo chamado para ficar ao lado de alguém a fim de lhe prestar assistência. Para os contemporâneos de Jesus, esse defensor podia simplesmente ser o melhor amigo. Não me ocorre melhor maneira de definir o que Jesus quer dizer quando chama o Espírito de “Advogado” do que esta: ele é o “melhor amigo de Jesus”, a quem Jesus chama para junto de si a fim de agir em nosso coração, levando-nos ao conhecimento de Deus, que é a vida eterna (Jo 17.3). Segundo as Escrituras, esse relacionamento era verdadeiro não só no cenáculo, mas também na Criação, quando o Espírito de Deus pairava sobre as águas, gerando a ordem e a luz do caos e das trevas. Era verdadeiro quando Cristo falou por meio dos homens que escreveram o Antigo Testamento, os quais foram impelidos pelo Espírito (2Pe 1.21). Era verdadeiro na encarnação, no ministério e na morte e ressurreição de Jesus — em tudo isso o Espírito teve uma função. Quem mais, a não ser o Espírito Divino, poderia estar lado a lado

com o Filho Divino?

O mais impressionante é que o Espírito de Deus é o Divino Dono da Casa. “Vocês o conhecem [o Espírito]”, diz Jesus, “pois ele vive com vocês e estará em vocês” (Jo 14.17). Em outras palavras, essa verdade jaz na garantia que Jesus dá: “Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês” (Jo 14.18). Dita ainda de outro modo, essa verdade jaz na promessa de Jesus: “Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos nele morada” (Jo 14.23).

A menos que Deus seja nosso Pai, somos órfãos. Mas o próprio Filho de Deus se tornou nosso Irmão Mais Velho. Ele vem por meio de seu Espírito, com seu Pai, viver conosco. O Espírito Santo habita em nossa vida, fazendo de nós uma morada adequada para receber o Pai e o Filho! Por conseguinte, pelo Espírito aprendemos que não estamos abandonados e sem amor, mas que na verdade somos amados pelo Pai e pelo Filho e recebemos o cuidado amoroso do Espírito Santo (Jo 14.21).

Nos capítulos a seguir, vamos estudar juntos o que as Escrituras têm a dizer sobre o caráter de Deus: sua santidade, sua sabedoria, seu poder criador e salvador. Vamos indagar o que significa vir a conhecer melhor a Deus. Mas precisamos começar por aqui, pela Trindade. Trata-se da verdade mais profunda da Bíblia, e até seria perdoável se julgássemos melhor deixá-la para o fim. Porém, ela não é o fim; é o começo. Antes de todos os mundos, Deus era — Três em Um e Um em Três — a eterna Trindade.

Na noite da Páscoa no cenáculo, Jesus decidiu que o grande mistério da Trindade era a doutrina que os discípulos mais precisavam ouvir. Por que essa verdade era tão importante? Porque Jesus queria que os discípulos — e nós também — viessem a conhecer a Deus em todas as riquezas e em toda a plenitude do seu ser. Seu desejo era que conhecêssemos a Deus em sua glória eterna e reconhecêssemos quanto ele é grande; mas ele também queria que

entendêssemos que o Deus cujo ser não podemos compreender é também o Deus que é um Pai amoroso, um Filho que veio para morrer por nós, um Espírito que nos leva para dentro do coração de Deus e traz Deus para dentro do nosso coração.

Na noite em que foi traído, Jesus pregou a doutrina da Trindade aos discípulos porque sabia que, em última análise, só as pessoas que conhecem seu Deus podem permanecer firmes nos dias de provação (veja Dn 11.32). Enquanto estuda as doutrinas bíblicas sobre o caráter e a obra de Deus, lembre-se de que ele não é um Deus distante, mas, sim, alguém cuja essência foi revelada por Jesus nas horas mais críticas de sua vida na terra. Além disso, ore para que esse Deus em Três Pessoas se revele mais plenamente a você por meio das Escrituras, a fim de que você venha a conhecê-lo — conhecimento que é a vida eterna. Busque esse conhecimento de todo o coração. Assim, talvez você venha a orar, juntamente com John Donne:

Esmurra meu coração, Deus em três pessoas, pois tu

apenas golpeias, sopras, fazes brilhar e buscas consertar

para que eu levante e fique em pé; derruba-me e emprega

tua força para quebrar, soprar, queimar e me renovar.

Eu, qual vilarejo usurpado, a outro destinado,

luto para admitir-te, mas oh!, é em vão;

a Razão, teu vice-rei em mim, defender-me devia,

mas presa está ela, fraca ou sem verdade.

Contudo, amo-te muito e de bom grado seria amado,

mas a teu inimigo estou prometido.

Divorcia-me, desfaz o nó, desata o laço,

toma-me para ti, faze-me teu cativo,

pois jamais serei livre, se por ti não for detido;

tampouco serei casto, se por ti não possuído.

— John Donne (1572-1631)

CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

“No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gn 1.1). Poucas passagens da Bíblia são mais conhecidas que essa. Contudo, essa mesma familiaridade costuma nos embotar a percepção da natureza radical das primeiras palavras de Gênesis.

Quando essa frase foi escrita pela primeira vez, desafiou todas as religiões do mundo. Ela faz uma afirmação acerca do Deus de Israel, o Deus da Bíblia: somente ele é Deus; somente ele é o Criador. Desde então, essa afirmação vem contestando as filosofias e as visões de mundo da humanidade. Essas palavras declaram, sem reservas, que o Universo em que vivemos não é um acidente, não é resultado fortuito da “natureza” ou da “evolução”. Ele é obra das mãos do Deus vivo.

Essas simples palavras de Gênesis 1.1 têm profundo efeito em nossa maneira de pensar e viver. Elas nos ensinam que a vida não é uma sequência de acontecimentos fortuitos, mas um milagre que Deus realiza. Não somos meros produtos do esforço por “sobrevivência dos mais aptos”; somos as criaturas de um Deus sábio, bom e santo. O mundo em que vivemos não “aconteceu”, simplesmente. Ele foi criado com um propósito. Não estamos sozinhos no Universo, já que, antes de nossos ancestrais terem vida e respirarem, Deus era.

Sem esse conhecimento, o mundo seria um lugar sombrio. Em vez disso, porém, o mundo é um palco em que a grandeza de seu Criador é exibida e no qual podemos aprender nosso papel de criaturas adoradoras. Deus criou os céus e a terra, as coisas visíveis e as invisíveis. Em contrapartida, todos os deuses das nações (e, a propósito, também os deuses do homem moderno: Ciência,

Progresso, Materialismo, Natureza, Evolução, tantas vezes escritos com inicial maiúscula!) não são nada além de ídolos fabricados pelo próprio homem (Sl 96.5). O homem incrédulo, seja ele agnóstico, seja ateu, seja lá o que for, no fundo não tem nada que lhe inspire o coração a cantar. Em compensação, o cristão está cheio de louvor celestial: ele sabe que seu Deus é digno de receber glória, honra e poder, pois foi ele quem criou todas as coisas, e pela sua vontade elas existem e foram criadas (Ap 4.11).

* * *

Em geral se diz que a grande pergunta filosófica é: “Por que existe alguma coisa, e não o nada?”. Sem nossa convicção de que Deus é e de que ele é o Senhor descrito nas Escrituras, não há resposta. No máximo, o mais renomado cientista talvez seja capaz de relatar o que aconteceu, para explicar como “algo” veio a existir aqui. Mas por que isso teria acontecido continua sem resposta, a não ser pela revelação que Deus fornece. Como cristãos, e estudantes das Escrituras, não nos resta nenhuma dúvida. Deus criou todas as coisas para a sua glória, pois “dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém!” (Rm 11.36). É por isso que, dizem as Escrituras, “os céus declaram a glória de Deus” e “toda a terra está cheia da sua glória” (Sl 19.1; Is 6.3).

Você já parou para meditar nessa revelação de Gênesis? Ela pode ter um efeito espantoso em nossa mente: poderíamos nunca ter existido. Poderíamos nunca ter tido oportunidade de pensar sobre nós mesmos, ou sobre o Universo, ou sobre Deus! Não somos seres necessários; Deus não tem nenhuma “necessidade” de nossa existência. Contudo, ele decidiu criar este mundo e nos colocar aqui como suas criaturas! Que privilégio extraordinário ele nos deu, e como somos indignos (porque nada fizemos para merecer nossa existência), e quantas vezes nossa ingratidão deve entristecê-lo!

As Escrituras, porém, querem que ampliemos a mente para podermos enxergar o grande privilégio de termos sido criados. Porque, enquanto as palavras iniciais

da Bíblia nos dizem que Deus nos fez, é necessário todo o restante das Escrituras para nos dizer quem é esse Deus, como ele é e as medidas extremas a que recorreu para nos levar a conhecê-lo como nosso Criador. Foi o Deus em Três Pessoas que nos fez existir. “Há apenas um Deus, o Pai, de quem todas as coisas vieram e para quem vivemos; e há apenas um Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas vieram e por meio de quem nós vivemos” (1Co 8.6). E sabemos que o Espírito de Deus “pairava sobre as águas” (Gn 1.2), participando da obra da criação. Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito trabalharam juntos para nos criar, a nós e a tudo quanto existe! A ideia nos deixa perplexos e maravilhados ao mesmo tempo.

Assim, o que devemos aprender acerca de Deus e de nós mesmos com a doutrina bíblica da Criação? Essa própria pergunta é bíblica, como refletiu o autor do salmo 8: “O que é o homem...?”. Ele não estava procurando uma resposta científica, mas, sim, teológica. Em resposta, as Escrituras propõem que a obra da Criação nos comunica o poder e o amor de Deus.

1. O poder de Deus. O homem é fraco. É fraco em comparação com Deus, porque é uma criatura. É fraco em comparação com o Universo, porque é tão pequeno. É fraco também por causa de seu pecado. O ser humano precisa de poder.

Quando buscamos a Deus, como sabemos que ele tem o poder para nos ajudar? A resposta é: “O Deus que tem o poder para criar o mundo em que vivemos tem o poder para nos sustentar em nossa fraqueza”.

Às vezes nos equivocamos pensando que conhecer a Deus, o Criador, é praticamente irrelevante; que precisamos conhecer a Deus como nosso Salvador e Protetor. Mas a tônica bíblica é que o Deus Salvador é o Deus Criador, e, para saber quanto ele é poderoso como Salvador, devemos ter em mente que ele é o grande Criador.

Isaías contemplou Deus assim, como o grande Criador, você se lembra? O povo de Israel estava exilado na Babilônia, aparentemente sem esperança. Isaías falou da graça salvadora de Deus aos israelitas. Ele se referiu ao Deus Salvador como aquele que é capaz de salvar precisamente porque tem o poder do Criador:

Ergam os olhos e olhem para os céus:

Quem criou tudo isso?

Aquele que faz sair o exército das estrelas, uma por uma,

e chama cada uma pelo nome.

Por causa de seu grande poder e imensa força,

nenhuma delas deixa de comparecer [...]

Você não sabe? Não ouviu?

O Senhor é o Deus eterno,

o Criador dos confins da terra (Is 40.26,28; grifo do autor).

O mesmo padrão de pensamento ocorre no salmo 121. Esse salmo retrata um jovem peregrino prestes a fazer sua primeira viagem a Jerusalém para uma das grandes festas do Antigo Testamento. Ele está consciente dos perigos e dificuldades de sua jornada: pode deparar com bandidos, avalanches, deslizamento de rochas. Quando ergue os olhos para as colinas ao longe e contempla sua jornada, o peregrino pergunta: “De onde vem o meu socorro?”. Observe a resposta que ele dá: “Meu socorro vem do Senhor, o Criador dos céus e da terra” (Sl 121.1,2).

Não há maior erro na interpretação da Bíblia do que achar que essa compreensão de Deus é uma experiência “típica do Antigo Testamento”, como se no Novo Testamento (em contrapartida) conhecêssemos Deus como Salvador, e não como Criador. Porque o Novo Testamento ressalta de várias maneiras quão importante é conhecer o poder de Deus como Criador para valorizar seu poder como Salvador.

Quando Paulo estava buscando um meio apropriado de falar do poder que Deus tem de dar vida aos pecadores mortos, ele usou o vocabulário da Criação: “Pois Deus, que disse: ‘Que a luz resplandeça das trevas’, fez sua luz brilhar em nosso coração para nos dar a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6). Mais adiante, na mesma carta, quando quis se referir à natureza do novo mundo em que entramos por meio de Cristo, ele disse: “... se alguém está em Cristo, é nova criação” (2Co 5.17).

O Novo Testamento não para por aí na ênfase no Deus Criador. Quando quer realçar o poder de Cristo como Salvador, ele usa a imagem da Criação. Como sabemos que Cristo tem poder para nos salvar e guardar? A resposta é que ele é o Criador e Sustentador de todas as coisas. “Por ele todas as coisas foram criadas: as do céu e as da terra, as visíveis e as invisíveis, quer tronos, quer poderes, quer governantes, quer autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele.

Ele é antes de todas as coisas, e nele todas as coisas subsistem” (Cl 1.16,17).

Essa afirmação nos ajuda a compreender o aspecto cósmico do poder de nosso Salvador quando Paulo acrescenta: “E ele é a cabeça do corpo, a igreja; ele é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia” (Cl 1.18). Em Colossenses, Paulo se refere à obra de Cristo como a restauração de todas as coisas (“reconciliação” é a palavra que ele usa) ao propósito original de Deus na Criação — e tudo isso, é claro, por meio do Criador, o próprio Senhor Jesus Cristo!

Conhecer o Deus Criador significa conhecer seu poder. Conhecer seu poder nos capacita a encontrar o mesmo consolo e ânimo que Isaías deu a seu povo:

Por que você diz, ó Jacó,

e se queixa, ó Israel:

“Meu caminho está oculto ao Senhor;

minha causa é ignorada pelo meu Deus”?

Você não sabe?

Você não ouviu?

O Senhor é o Deus eterno,

o Criador dos confins da terra.

Ele não fica cansado nem esgotado,

e ninguém consegue sondar sua sabedoria.

Ele dá força ao cansado

e dá vigor ao fraco.

Até os jovens ficam cansados e exaustos,

e os moços tropeçam e caem;

mas aqueles que esperam no Senhor

renovarão suas forças.

Voarão alto como as águias;

correrão e não se esgotarão,

andarão e não ficarão cansados (Is 40.27-31).

O conhecimento do Deus Criador é a resposta a nossas dúvidas e queixas sobre como ele se esconde de nós, fazendo-nos sentir abandonados (Is 45.15). Ele criou tudo, sustenta tudo, vigia tudo. Sua energia não se esgota como a nossa. Ele é o Criador! Ele nos dá força e poder.

2. O amor de Deus. A Criação também nos mostra o amor e a bondade de Deus. Os estudantes da Bíblia às vezes ficam perplexos ao deparar com o que parece ser dois relatos diferentes da Criação em Gênesis 1 e Gênesis 2. Mas esses capítulos complementam um ao outro.

No primeiro capítulo, o autor relata a Criação mediante um crescendo que culmina na criação do homem. Se você ler o capítulo com calma e atenção, vai perceber esse recurso na sucessão dos acontecimentos: Deus fala; uma nova etapa da criação acontece; Deus se alegra com o que criou, porque é bom. Esse padrão se repete seis vezes. Em seguida, porém, inesperadamente se apresenta um novo padrão em Gênesis 1.26. Deus reúne o conselho divino; ele decide criar o homem — não “segundo sua própria espécie” (compare os versículos 11, 21, 24 e 25), mas “à nossa imagem, à nossa semelhança”. De súbito somos apresentados a um tipo inteiramente novo de criatura, cuja relação com Deus é diferente (feita à sua imagem) e cuja relação com o restante da criação também é diferente (recebeu domínio sobre ela). Agora entendemos que o homem é o ápice do propósito de Deus na Criação.

Em Gênesis 2, o padrão é muito diferente. Agora o homem é apresentado não como o ápice, mas como o centro da criação de Deus. O autor começa com a criação do homem e depois observa seu entorno. É claro, os dois capítulos se complementam: como escreveu um teólogo, Gênesis 1 mostra o homem como o propósito da Criação; Gênesis 2 o mostra como o começo da história.

O que aprendemos sobre Deus nessas narrativas? Fundamentalmente, que ele derrama amor e cuidado sobre o homem em todos os aspectos da existência humana. Ele coloca o ser humano em um jardim, o provê de recursos para todas as suas necessidades e estabelece uma relação de companheirismo com ele. Como Criador do homem, Deus não hesita nem por um segundo na provisão que lhe faz. Essa provisão fica evidente em diversas áreas:

Primeiro, Deus confere dignidade única ao homem. Ele criou todas as coisas “segundo sua própria espécie” — isto é, segundo o propósito e o destino que concebeu para elas. Mas o homem, ele o criou à sua própria imagem. O homem foi modelado pelo padrão de Deus! Foi criado para representar Deus — na forma humana, criada. É por isso que o homem tem domínio, ou soberania (Gn 1.26). Ele foi destinado a ser para a terra o que Deus é para todo o Universo criado.

Esse privilégio especial aparece de várias maneiras em Gênesis 1 e 2. O homem tem autoridade para dar nome aos animais; é capaz de exprimir racionalmente a adoração de toda a criação; é aquele a quem Deus anuncia suas instruções especiais e a quem Deus designa como “cuidador” do jardim que plantou no Éden.

O homem atual precisa às vezes ser lembrado de que o trabalho não é resultado da Queda. O homem foi feito para trabalhar, porque o Deus que o criou é um “Deus trabalhador”. O homem foi feito para ser criativo, com a mente e com as mãos. O trabalho é parte da dignidade de sua existência (como os cristãos desempregados não raro descobrem quando experimentam a sensação de perder sua dignidade). Quando Deus criou o homem, ele projetou engenhosamente a

vida de sua criatura e a encheu de bênçãos e privilégios. Por ser a criatura especial de Deus, o homem recebeu dele privilégios muito especiais e um propósito glorioso: servi-lo para a sua glória.

Um segundo aspecto da provisão criativa de Deus é: Deus fez o homem para desfrutar comunhão. Deus, como Trindade, existe em uma comunhão de amor. Não podemos entender plenamente esse conceito a não ser dizendo que há três Pessoas em um só Deus. Quando dizemos “Deus é amor”, portanto, sabemos que essa declaração é verdadeira desde a eternidade. Deus “se” ama com o amor que cada uma de suas Pessoas tem pelas outras. Ele existe em unidade e em comunhão.

Quando criou o homem, Deus o fez para também viver em comunhão. Claro, o homem tinha comunhão com Deus, mas Deus queria que o homem vivesse plenamente o sentido de ter sido criado à imagem divina, tendo comunhão com outras criaturas como ele. É nesse contexto que os animais foram trazidos a Adão para receberem nome. Adão “deu nome a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e aos animais do campo” (Gn 2.20), mas nenhum desses animais era adequado para ser companheiro e auxiliador de Adão. No fim das contas, um cão não pode ser “o melhor amigo do homem”! Por isso, Deus criou a mulher para ser uma “auxiliadora adequada”. Ela era como Adão, mas diferente dele, criada para ficar ao seu lado diante de Deus.

Aprendemos duas lições com a criação do homem e da mulher. Uma é que a amizade e a comunhão — entre homens e mulheres — faz parte do propósito de nossa criação. E que dom maravilhoso é a amizade! Quão adequado nos parece ter amigos com quem podemos “botar a conversa em dia”, mesmo que não nos vejamos há muitos meses ou há um ou dois anos. Lembro-me de ter mantido alguma correspondência com uma pessoa cujo papel timbrado trazia os dizeres: “Como é bom ter amigos cuja lembrança sempre nos eleva a alma!”. Verdade! É um dom que Deus, o Criador, nos deu para desfrutar.

A outra lição que aprendemos aqui é que Deus planejou o casamento. Isso não significa que todos nós nos casaremos, embora as Escrituras certamente presumam que a maioria dos homens e mulheres se casará (como de fato acontece, mesmo em um mundo que desconsiderou em grande medida os caminhos de Deus). E quer sejamos casados, quer não, como crentes temos de reconhecer a dádiva inestimável e a bênção que o casamento é. O casamento tem muitos e variados propósitos: provê o ambiente em que os filhos podem nascer e ser devidamente criados; proporciona o contexto em que os impulsos sexuais podem ser exercidos como Deus os concebeu; mas, acima de tudo, Gênesis nos ensina, o casamento proporciona uma amizade muito especial. No casamento, um homem e uma mulher podem ser os melhores amigos um do outro, conhecendo-se tão profundamente que apenas Deus os conhece melhor! Isso também é uma dádiva do Criador. Por sua incrível bondade, ele a concedeu não só aos que o amam, mas à humanidade toda. Que bondade extraordinária ele continua demonstrando como Criador às suas criaturas, mesmo elas tendo se rebelado contra ele!

Deus também mostrou seu amor pelo homem em uma terceira provisão: Deus fez o homem para a adoração. No último dia da semana da Criação, Deus descansou. Assim, ele “abençoou” o sétimo dia e “o santificou”. O que significa isso? Significa que, para o bem do homem, Deus separou um dia entre os sete em que o homem também possa descansar. O modelo do Criador na Criação, seis dias de trabalho e um sétimo dia de descanso, era para ser o modelo da criatura, já que esta, por sua vez, vivia uma vida criativa. Aqui também o homem é feito à imagem de Deus.

Gênesis 2 não nos diz muito mais sobre o significado desse sétimo dia. Mas, quando aprendemos mais sobre ele nas Escrituras, percebemos que o “descanso” em questão não era um descanso preguiçoso. Não, o propósito era ser um dia em que o homem trabalhador pudesse desfrutar tanto o Criador quanto a criação. Ele poderia dedicar-se mais diretamente à comunhão com Deus e à adoração de seu nome. Esse “sábado” ou “dia de descanso” foi uma bênção especial a mais que Deus deu ao homem para que ele se restaurasse, se fortalecesse, renovasse o ânimo e o vigor ao contemplar tudo o que Deus fizera e fosse estimulado a adorar a Deus em resposta.

Fomos criados para adorar a Deus, para encontrar descanso ao louvá-lo. Esse plano de Deus para nós é uma dádiva que, por sua generosidade e amor, ele concedeu a nós como seu povo. Nosso “principal objetivo é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre”, e só o desfrutamos quando aprendemos o que significa glorificá-lo e separamos (ou criamos) o tempo necessário para fazer isso.

Deus não deixou nada por fazer ao criar o homem. Não deixou de suprir nenhuma necessidade. Ele situou o homem no topo de sua obra de criação e o abençoou. É espantoso pensar que Deus não precisava fazer nada disso. Essa ideia já lhe passou pela cabeça? Se o Universo jamais tivesse sido criado, a glória de Deus continuaria sendo completa; se o homem jamais tivesse sido criado, a comunhão entre as Pessoas da Trindade permaneceria maravilhosamente feliz. Contudo, movido pelo desejo de criar seres que pudesse dignificar e abençoar, ele criou o Universo e assentou nele a humanidade. E entrou em comunhão e amizade com o homem.

* * *

Não vivemos mais em um jardim. Os homens não mais entoam espontaneamente louvores a Deus. Consideramos o trabalho penoso e muitas vezes frustrante. Nossos relacionamentos com os outros não são tudo o que deveriam ser, e o casamento muitas vezes é fonte de tristeza, e não de alegria. Aquilo que Deus deu aos seres humanos como as maiores bênçãos é, para alguns, justamente o contrário. O pior sempre é a perversão e a destruição do melhor. A que ponto caímos da glória de Deus com nosso pecado!

Entretanto, é esse jardim de glória que Deus queria que desfrutássemos. Que maravilha o Filho ter ido para o deserto, ter sido tentado pelo Diabo, ter conhecido a solidão e o isolamento da cruz e experimentado o juízo de Deus, tudo a fim de restaurar o Paraíso perdido! Porque Jesus realizou essa obra, agora

podemos começar a reconhecer e estimar Deus não só como Salvador, mas também como Criador. Começamos a ser aquilo que sempre foi o propósito de Deus para nós e descobrimos a alegria de viver no mundo de nosso Pai:

Amado com eterno amor,

pela graça me levaste,

Espírito, do céu a soprar;

assim tu me ensinaste.

Ó paz plena e perfeita!

Ó enlevo divinal!

Em amor que nunca cessa,

eu sou dele, e ele é meu.

É mais suave o azul acima,

e mais doce o verde terreal;

algo novo em cada tom

aos olhos cristãos se faz real:

aves vertem canções novas,

flores fulgem como o céu,

pois eu sei, eu sei agora,

que eu sou dele e ele é meu.

— George W. Robinson

O SENHOR DA ALIANÇA

Em meu último ano escolar, estudamos a genial tragédia Rei Lear, de Shakespeare, na aula de literatura inglesa. Se não me falha a memória, todos daquela pequena turma já haviam sido aceitos para ingressar em alguma universidade escocesa, por isso lemos a peça com bastante vagar e tranquilidade, com tempo de sobra para reflexão e conversa. Eu estava bem confiante em ter uma boa compreensão do verdadeiro sentido da peça.

Mais tarde, naquele mesmo ano, no meu primeiro semestre de universitário, o professor sênior de literatura inglesa deu uma série de palestras sobre Rei Lear. O homem era um dos mais renomados estudiosos de Shakespeare e um professor brilhante. Fiquei estupefato com a perspicácia e a força de sua palestra inaugural. Em apenas uma hora, eu havia aprendido mais sobre o sentido de Rei Lear do que em todas as minhas horas de estudo anteriores somadas! Agora, de uma nova maneira, eu percebia a pungência e a tragédia da peça. A razão era muito simples: o professor nos levava aos temas centrais, às ideias principais, às “chaves” que abrem a porta de tudo o que Shakespeare estava querendo dizer quando escreveu a peça.

A Bíblia também tem algumas ideias centrais e temas fundamentais. Para entender a mensagem do Autor, precisamos entender um pouco quais são esses temas e ideias. E, para entender melhor o Autor, precisamos aprender a pensar nele do jeito que ele se revelou a nós. Embora a Bíblia nos revele Deus, seu Autor, muitos de nós perdemos a oportunidade de conhecê-lo melhor porque não sabemos abrir a fechadura da mensagem bíblica que nos revela a natureza de nosso grande Deus.

Uma dessas ideias fundamentais é: “Deus é um Deus que faz alianças e guarda essas alianças”. Se nunca pensou em Deus nesse aspecto, você não começou a pensar nele como ele quer que você pense. A Palavra de Deus relata essas alianças, proclamando que ele é um Deus que faz alianças. Em certo sentido, a Bíblia é o livro da aliança de Deus. Nós até a chamamos por esse nome: a Antiga e a Nova Alianças (Testamentos)!

* * *

O que é uma aliança? A palavra (berith no Antigo Testamento; diathēkē no Novo) ocorre algumas centenas de vezes nas Escrituras. Refere-se a uma promessa confirmada por um juramento de lealdade. Quando Deus faz uma aliança com seu povo, promete ser o Deus desse povo e se compromete com essa promessa. Como Hebreus 6.13-18 ressalta, quando Deus fez sua aliança com Abraão, ele apostou sua própria existência no cumprimento dela. Deus jurou pelo seu próprio nome que a cumpriria, pois não há ser nem nada maior do que ele em cujo nome ele pudesse fazer seu juramento!

A aliança de Deus é o vínculo matrimonial que ele mantém com seu povo. Ele se compromete conosco em amor incondicional. Da mesma forma que nos votos do pacto de casamento não dizemos, “Prometo amá-lo e respeitá-lo, mas apenas se você...”, mas, sim, “Prometo amá-lo e respeitá-lo até que a morte nos separe”, também acontece com Deus. Ele não nos ama se nós o amarmos. Ele nos ama com amor incondicional; portanto, devemos amá-lo. A mensagem da aliança é a mensagem da graça de Deus totalmente livre para seu povo. Essa graça, sem dúvida, exige a resposta de compromisso total. Observe-se, porém, a ordem: o amor pactual de Deus não é consequência de nosso compromisso, mas, sim, a causa. O padrão é: “Eu faço a minha parte, por isso você deve fazer a sua”; e não: “Eu vou fazer a minha parte, mas só se você fizer a sua primeiro”.

Toda a mensagem da Bíblia se constrói em torno da iniciativa de Deus de vir até nós com esse amor pactual. A história dos propósitos salvíficos de Deus se

concentra nas alianças que ele fez com alguns indivíduos e suas respectivas famílias e posteridade. Deus firmou aliança com Noé, Abraão, Moisés, Davi e, finalmente, em Jesus Cristo. Em cada uma dessas alianças descobrimos quem é Deus e que podemos confiar plenamente nele. De fato, a mensagem que devemos ouvir é: ao longo dos séculos Deus foi absolutamente fiel às suas promessas. Se ele cumpriu sua palavra todos esses anos, por que nós também não podemos confiar plenamente nele? Ele provou que é confiável e fiel.

A aliança de Deus com Noé

“Noé” não é um nome muito escolhido para nossos filhos. Mas é um nome significativo, como muito bem explica Gênesis 5.28,29: “Lameque viveu 182 anos e teve um filho. Deu-lhe o nome de Noé e disse: ‘Ele nos consolará do trabalho pesado e doloroso de nossas mãos causado pela terra que o Senhor amaldiçoou’”. “Noé” significa “consolo” ou “descanso”. Mas note-se que o nome dele foi escolhido na esperança de que ele desse ao povo descanso do trabalho pesado e doloroso causado pela maldição que Deus lançou sobre a terra.

Provavelmente os pais de Noé estavam esperando que ele fosse o libertador que Deus havia prometido enviar em Gênesis 3.15, quando amaldiçoou a serpente: “Porei inimizade entre você (a serpente) e a mulher, e entre a sua descendência e o descendente dela: este lhe esmagará a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”. Deus havia transformado a bênção da terra em maldição (Gn 3.17-19). Em sua misericórdia, ele prometera enviar um Salvador, que libertaria o povo da maldição e do juízo e o traria novamente para a bênção do Senhor. O clamor de Eva no nascimento de Caim talvez tenha sido uma expressão dessa mesma esperança: “Com a ajuda do Senhor tive um filho homem” (Gn 4.1). Infelizmente essa esperança não se concretizou — mas não morreu. “Noé” é a expressão do anseio do coração do povo pelo rápido cumprimento da aliança-promessa de Deus.

O cumprimento não seria em breve. Mas Deus não se esqueceu de sua promessa.

Mais tarde, o próprio Noé teve essa confirmação. Embora estivesse para derramar seu juízo sobre a terra, Deus lhe prometeu: “Estabelecerei minha aliança com você, e você entrará na arca — você, seus filhos e sua mulher, e as mulheres de seus filhos” (Gn 6.18). A palavra “estabelecer” significa “fazer que fique firme”. Parece haver uma pista aqui de que a aliança de Deus “ficaria firme novamente” depois desses anos em que aparentemente tinha ficado oculta dos olhos dos homens. Certamente os homens a desprezaram e espezinharam. Todos os seus pensamentos se inclinavam apenas para o mal. Deus se entristeceu e decidiu fazer seu juízo sobrevir à humanidade. Porém, ele se lembrou de sua promessa e garantiu a Noé que cumpriria a palavra que dera (em Gn 3.15). Deus se manteria fiel à sua promessa de juízo, bem como se manteria fiel à promessa de salvação e bênção!

O sinal dessa aliança foi o arco-íris. Alguns estudiosos do Antigo Testamento sugeriram que esse arco simboliza um “arco de guerra”: Deus atirou sua arma de juízo nos céus como lembrete de sua promessa de nunca mais amaldiçoar a raça humana com um castigo como o Dilúvio. É por isso que, desde a época de Noé até a visão de João em Apocalipse — em que Deus está assentado em um trono de glória circundado por um “arco-íris semelhante à esmeralda” (Ap 4.3) —, o arco-íris é o sinal da aliança de Deus. Entretanto, observe o que o arco-íris comunica: não “lembre-se da aliança de Deus”, mas, sim, “lembre-se de que Deus se lembra de sua aliança” (Gn 9.12-17). Deus é um Deus que firma alianças, lembra-se delas e as guarda e cumpre!

A aliança de Deus com Abraão

O modelo das relações de aliança entre Deus e seu povo é que o povo está sob a maldição do juízo divino por causa do pecado. Por sua graça, porém, Deus o atrai para a bênção da aliança. Deparamos com esse modelo na promessa de aliança que Deus fez a Abraão:

Farei de você uma grande nação

e o abençoarei;

farei o seu nome grande,

e você será uma bênção.

Abençoarei os que o abençoarem,

e quem o amaldiçoar eu amaldiçoarei;

e todos os povos da terra

serão abençoados por seu intermédio (Gn 12.2,3).

Essa foi uma promessa enorme. Mas também inacreditável ! Abraão não tinha filhos. Tinha 75 anos de idade e sua esposa, 65! Deus esperou mais 25 anos para começar a cumprir a promessa (Gn 17.17,18). Por isso, quando Deus tirou Abraão de dentro da tenda para que ele contemplasse o céu noturno, o patriarca precisou de todas as garantias possíveis para acreditar na promessa: “Olhe para os céus e conte as estrelas, se é que pode contá-las’. E então lhe disse: ‘Assim será a sua descendência’” (Gn 15.5).

Um ritual estranho — e inesquecível para Abraão — acompanhou a promessa.

Abraão teve de abater uma novilha, uma cabra, um carneiro, uma rolinha e um pombinho. Ele cortou os animais (menos as aves) ao meio e dispôs cada metade em frente à outra. Em seguida, quando o sol se pôs, trevas densas vieram sobre a cena, Abraão adormeceu, e depois um fogareiro fumegante passou entre as metades dos animais.

O que Deus estava dizendo? “Seja este o meu destino, se eu não cumprir minha palavra e não o abençoar como prometi. Que eu seja ‘cortado’ assim como estas criaturas.” Deus selou sua aliança passando simbolicamente entre as metades dos animais. Deus estava firmando (literalmente “cortando”) sua aliança.

Dois elementos são importantes nesse simbolismo. O primeiro são as trevas densas. Talvez simbolizem o juízo de Deus. Ele promete abençoar seu povo, apesar do juízo sobre ele por causa de seus pecados. As trevas também podem simbolizar o ocultamento de Deus. Como vamos observar, a promessa não foi cumprida de imediato. Abraão e todo o povo de Deus precisavam aprender a confiar em Deus em meio às trevas. Como Isaías posteriormente diria: “Que aquele que caminha nas trevas, que não tem luz, confie no nome do Senhor e dependa de seu Deus” (Is 50.10).

O segundo elemento importante desse simbolismo da aliança está no ritual do corte. Deus estava dizendo: “Que eu seja cortado assim se minha aliança não se cumprir”. Mal sabia Abraão quanto seria imenso para Deus o custo de cumprir essa promessa: ele seria “cortado da terra dos vivos; por causa da transgressão de meu povo ele foi ferido” (Is 53.8), para que aqueles que foram “cortados” por causa do pecado e estavam sob a maldição de Deus pudessem receber a bênção prometida a Abraão (Gl 3.13,14).

Deus foi e é fiel à sua aliança. Mais do que isso, ele é fiel à sua promessa até a morte — a morte de seu Filho — a fim de dar bênção e salvação a seu povo.

A aliança de Deus com Moisés

A história do Êxodo é essencialmente o desdobramento da promessa que Deus fizera a Abraão. Desde o tempo de José, a família de Deus havia se reunido no Egito, aguardando o dia em que ele cumpriria a promessa de os levar para a própria terra deles (Gn 15.18). No entendimento do povo, Deus se esquecera de sua promessa e os abandonara. Eles “gemiam sob a escravidão e clamavam” (Êx 2.23). Foi um tempo de profunda escuridão. É curioso que, quando fala do retorno do povo do Exílio babilônico, comparando-o ao Êxodo, Isaías se refere a Deus como “um Deus que se esconde” (Is 45.15). É exatamente isto que os israelitas devem ter sentido: “Deus se escondeu; ele não vai cumprir a promessa”.

A verdade, porém, era justamente o contrário, pois Deus “lembrou-se de sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. Deus olhou para os israelitas e atentou para a situação deles” (Êx 2.24,25). Ele se revelou a Moisés como o Deus da aliança de Abraão, Isaque e Jacó (Êx 3.6). Ele disse a Moisés como haveria de cumprir a antiga promessa.

O segredo da vida de Moisés era este: ele se apegou à promessa de Deus não porque reconheceu imediatamente que ela seria facilmente cumprida, mas porque Deus a fizera. Moisés “perseverou porque viu aquele que é invisível” (Hb 11.27). Mas como ele viu o Deus invisível? Ele o viu na promessa da aliança!

A aliança de Deus com Davi

A história da aliança de Deus com Davi é narrada em 2Samuel 7 e no salmo 89. Todas as características das alianças com Noé, Abraão e Moisés estão presentes na aliança com Davi. Contudo, ao se aproximar do fim da vida, Davi refletiu

sobre o profundo significado dessa aliança. Com essa reflexão, ele nos dá um vislumbre do que significava (e significa) para um filho de Deus conhecer a Deus como o Senhor que guarda a aliança:

O Espírito do Senhor falou por meu intermédio;

sua palavra esteve em minha língua.

O Deus de Israel falou,

a Rocha de Israel me disse:

“Se aquele que governa os homens governa com justiça,

se governa com o temor a Deus,

ele será semelhante à luz da manhã ao nascer do sol

numa manhã sem nuvens,

como a claridade depois da chuva,

que faz a grama nascer da terra”.

Não está minha casa de bem com Deus?

Não fez ele comigo uma aliança eterna,

firmada e garantida em todos os aspectos?

Não fará ele prosperar minha salvação

e não me concederá tudo o que desejo? (2Sm 23.2-5).

Diante dos insucessos de Davi e da desordem em seu núcleo familiar, essa confiança não podia ser resultado daquilo que ele via com os próprios olhos. Não, sua confiança repousava no pacto que Deus fizera com ele, “uma aliança eterna, firmada e garantida em todos os aspectos”. Perceba essas duas características que Davi observou na aliança de Deus:

1. É uma aliança eterna. Quando a definiu assim, Davi quis dizer que a promessa de Deus seria mantida em todas as eras, não obstante as mudanças e vicissitudes em sua vida e na vida dos membros do povo de Deus. Deus “nos amou desde o princípio dos tempos e nos ama até o fim”. O Antigo Testamento tem uma palavra para definir esse amor: *chesed*, amor amoroso, amor pactual. Esse é o tipo de amor a que Oseias se refere quando retrata a aliança de Deus com seu povo:

Quando Israel era menino, eu o amei,

e do Egito chamei meu filho.

Mas, quanto mais eu chamava Israel,

mais eles se afastavam de mim.

Fui eu que ensinei Efraim a andar,

segurando-o pelos braços;

mas eles não perceberam

que fui eu quem os curou.

Eu os conduzi com laços de bondade humana,

com laços de amor;

Eu tirei o jugo de seu pescoço

e me inclinei para alimentá-los [...]

Como posso desistir de você, Efraim?

Como posso entregá-lo aos outros, Israel? [...]

Meu coração moveu-se dentro de mim;

toda a minha compaixão se despertou.

Não executarei o furor da minha ira,

nem devastarei Efraim novamente.

Pois eu sou Deus, e não homem —

o Santo no meio de vocês (Os 11.1-4,8,9).

Esse é o tipo de amor íntimo e familiar que Davi também entendeu que seu Deus da aliança tinha por ele. Considerando essas palavras amorosas, é um mistério alguém achar que o Deus do Antigo Testamento não é o Deus da aliança da

graça do Novo! O próprio Davi se afastara do Senhor. Desobedecera às ordens de Deus. Mas o Senhor não desistiu dele. Deus manteve a promessa da aliança e demonstrou prodigamente seu amor pactual a Davi. Por isso, Davi escreveu em Salmos 89.1-4:

Cantarei para sempre o amor do Senhor [...]

Declararei que teu amor permanece firme para sempre,

que confirmaste tua fidelidade no próprio céu.

Tu disseste: “Fiz uma aliança com meu escolhido,

Jurei a Davi, meu servo:

‘Estabelecerei tua linhagem para sempre

e hei de firmar o teu trono por todas as gerações’”.

Tudo no Universo poderia se desintegrar e se esmigalhar. Mas Davi sabia que a promessa da aliança de Deus e seu amor jamais falhariam!

2. A aliança de Deus é “firmada e garantida”. Davi confessou que a aliança de

Deus é perfeitamente executada de acordo com a promessa e o plano de Deus. Isso foi uma declaração de fé, e não uma opinião pessoal. Houve tempos na vida de Davi em que tudo indicava que a promessa da aliança havia se obscurecido e até parecia ter sido destruída. Olho humano nenhum podia detectar se Deus estava guardando sua palavra, nem como ele a cumpriria. Mas a fé não depende do que pode ser visto! Assim como a fé de Abraão se fortaleceu porque ele confiou na promessa de Deus em vez de pensar na idade de seu corpo (Rm 4.20), também Davi subordinou as circunstâncias presentes de sua vida ao plano que ele sabia que Deus ia cumprir. Não há nenhum outro meio de viver em comunhão com o Senhor da aliança.

Quando estava na universidade, tive um amigo estudante de medicina oriundo da Nigéria. Certo dia estávamos conversando sobre cabelos — os dele eram, como era típico, uma magnífica “cama” de fios fortemente enrolados. Comentei que devia ser difícil, talvez até doloroso, desenrolá-los. “Pelo contrário”, ele replicou, e começou a puxar um fio atrás do outro, estendendo um por um, e em seguida deixando cada um se enrolar de volta. Fiquei hipnotizado, fascinado com a demonstração. Cada cabelo tinha seu lugar; não havia confusão, apesar do que eu havia pensado. Cada um daqueles milhares de fios de cabelo tinha seu lugar próprio na cabeça dele. Parecia que todos estavam misturados, mas na verdade tudo estava em perfeita ordem.

A aliança de Deus é exatamente assim. Pode nos parecer impossível perceber o que ele está fazendo. Sua promessa talvez nos pareça irremediavelmente emaranhada nas circunstâncias de nossa vida. Mas aquele que conta os fios de cabelo de nossa cabeça conhece cada fio da história humana, cada minúscula parte de nossa vida. O propósito dele é algo bem organizado, e podemos confiar nele. Nada poderia ser mais garantido; nenhum padrão poderia ser mais perfeito que o dele. Podemos segui-lo ao longo dos altos e baixos com total confiança.

A nova aliança de Deus em Cristo

Nos dias dos profetas, chegou um tempo em que o remanescente fiel do povo de Deus começou a reconhecer que a aliança fora violada drasticamente. O povo havia infringido a aliança e abandonado a promessa de Deus. Quando eles procuraram consolo na presença de Deus e estudaram sua Palavra, começaram a ouvi-lo falar de uma “nova” aliança. Esta se concentraria no Servo de Deus, que iria sofrer pela desobediência de seu povo à aliança (veja Is 52.13—53.12). O resultado seria que Deus atrairia o povo para um relacionamento verdadeiro e fiel com ele; suas leis seriam escritas no coração desse povo, e seu Espírito o incitaria a obedecer de novo (Jr 31.31-34).

Essa é a explicação de pessoas como Simeão e Ana (Lc 2.25,38), que aguardavam a redenção e o consolo de Israel. Aliás, muito do contexto histórico das passagens que conhecemos como o Magnificat (Lc 1.46-52), o Benedictus (Lc 1.68,69) e o Nunc Dimittis (Lc 2.29-35) se encontra na promessa divina de uma nova aliança. O remanescente fiel daqueles dias acreditava que Deus se lembraria de “sua santa aliança” (Lc 1.72), assim como se lembrara no Êxodo. Um novo êxodo logo viria a ocorrer. É por isso que, quando Moisés e Elias apareceram com Jesus no monte da Transfiguração, eles conversaram com ele sobre o “êxodo” que ele realizaria em Jerusalém (Lc 9.31, texto em que a palavra grega é exodus).

O Novo Testamento vai ainda além na explicação do cumprimento da aliança. No cumprimento do Êxodo no Antigo Testamento, quando entrou na Terra Prometida, o povo renovou a aliança com Deus. De acordo com Deuteronômio, um estranho ritual foi realizado. O povo deveria se dividir em dois grupos, um diante do monte Gerizim e o outro diante do monte Ebal, para ouvir a leitura da aliança e da lei de Deus. As bênçãos e as maldições deveriam ser lidas (veja Dt 27.15ss.), e todo o povo deveria responder dizendo “amém”. Lemos sobre esse acontecimento em Josué 8.30-35. O povo se comprometeu com a aliança de Deus — tanto em relação às bênçãos como em relação às maldições — respondendo “amém”.

Por que essa estranha cerimônia é tão importante? Porque o Novo Testamento

nos diz que o Senhor Jesus Cristo é o “Amém”. Ele é aquele que disse “amém” perfeitamente à lei de Deus ao obedecer a ela. Mas ele também é aquele que disse “amém” à maldição e ao juízo de Deus, pondo-se no lugar de seu povo, no monte Gólgota, e recebendo a ira de Deus contra nosso pecado. Ele sela a aliança com seu próprio sangue. Foi esse o preço que ele pagou para se tornar o “Amém” de Deus (2Co 1.20; Ap 3.14).

Entende o que a morte de Cristo significa nesse contexto? Deus guarda sua promessa de nos abençoar por meio de seu Filho, mas ele também guarda a promessa de julgar e punir os pecados dos homens — mesmo quando é seu próprio Filho que leva sobre si esses pecados.

* * *

No capítulo 6, vamos refletir mais sobre como Deus mostra seu amor salvador por meio de Cristo. Mas não avancemos sem antes fixar com clareza em nosso coração e mente a lição que estamos aprendendo aqui sobre nosso Deus da aliança. Quando olha para a cruz, o que você enxerga? Enxerga a extraordinária fidelidade de Deus. Nada — nem mesmo o impulso de poupar seu próprio Filho — o fará desistir de cumprir sua palavra. Pois Deus prometeu a Abraão que cumpriria sua palavra de trazer bênção e salvação à humanidade por meio dele, mesmo que isso significasse ser “cortado” — como de fato foi.

Se, ao longo dos séculos, Deus estava planejando esse terrível clímax de sua promessa e foi absolutamente fiel a ela, por que você não poderia confiar nele completamente? Essa é a mensagem da aliança: Deus é confiável. Agarre-se a essa verdade quando você também estiver cercado pelas mais densas trevas. Se Cristo disse “amém” às promessas de Deus a você, nada poderá impedir que elas se cumpram!

AQUELE QUE ESTÁ SEMPRE PRESENTE

O conhecimento de Deus é a pedra fundamental de toda a vida e serviço cristãos, bem como de todo o amor fiel a Deus. Pelo menos foi isso que Moisés descobriu. Nascido da tribo de Levi, criado no palácio de faraó, Moisés fez uma primeira tentativa de se identificar com o povo de Deus quando tentou resgatar um hebreu que estava sendo espancado por um egípcio. Mas todas as suas ambições de ser o libertador de seu povo não deram em nada, e ele passou quarenta anos apascentando ovelhas no deserto, isolado desse povo.

Sem dúvida, Moisés se sentiu abandonado por Deus. Sua expectativa era ser o pastor de Israel, aquele que os tiraria do cativeiro (veja At 7.25), mas em vez disso ele se tornara pastor de ovelhas! Ele deve ter passado por momentos — talvez muitos — em que achou que Deus o havia ignorado. O deserto em torno dele simbolizava o deserto dentro dele. Longe de desfrutar a sensação da presença divina, provavelmente ele estivesse assombrado pela sensação da ausência divina. Seu passado fora maculado, seu presente era insignificante e seu futuro parecia relativamente sem sentido, considerando tudo o que Deus investira em sua vida.

Mal sabia Moisés que estava prestes a ter um encontro que mudaria drástica e permanentemente o curso de sua vida. Ele acabara de guiar o rebanho de seu sogro, Jetro, atravessando o deserto até Horebe. Ali ele teve um encontro com Deus. Foi um momento decisivo na história humana; foi um acontecimento histórico no plano de Deus, mas foi também o começo de uma nova fase na vida do próprio Moisés. Ele nunca mais seria o mesmo.

* * *

Em Horebe, o Senhor apareceu a Moisés na sarça em chamas. A estranha experiência da sarça ardente que não se consumia levou Moisés a fazer duas perguntas que em vários aspectos são as perguntas mais importantes do mundo. Por se sentir incapaz e fraco diante do chamado de Deus, Moisés perguntou: “Senhor, quem sou eu?”. Percebendo a missão para a qual estava sendo chamado, perguntou: “Senhor, quem és tu?” (Êx 3.11,13). Nessas duas perguntas se resumem as demais.

João Calvino, o reformador, certa vez escreveu que a soma de toda a nossa sabedoria é o conhecimento de Deus e de nós mesmos. Os dois jamais podem se separar. Não podemos conhecer a nós mesmos a não ser que nos vejamos como somos na presença de Deus. Tampouco podemos vir a conhecer a Deus sem nos enxergarmos sob uma nova luz. A presença de Deus, portanto, tem dois efeitos: ela nos torna conscientes de quem ele é e nos torna conscientes de quem somos na gloriosa presença dele. Moisés estava na presença do Deus que é fogo consumidor, mas descobriu que não era consumido. Deve ter pensado que os mínimos resquícios de superficialidade de seu ser estavam sendo extirpados. Naquela situação, não podia haver fingimento; tampouco havia lugar algum para se esconder no deserto. Ele estava sozinho, com Deus, assombrado pela presença daquele que se referia a si mesmo como “Eu Sou quem Sou” (Êx 3.14).

O que de fato significa estar na presença de Deus? No Antigo Testamento, estar “na presença de Deus” muitas vezes é a tradução de uma expressão hebraica que significa “diante da face de Deus”. Transmite a ideia de encontrar-se face a face com ele. Mais do que isso, já que homem nenhum pode ver a face de Deus e continuar vivo (como Moisés aprendeu — Êx 33.20), estar na presença de Deus pode significar estar diante daquele que é capaz de nos esquadrihar, que pode enxergar todas as nossas ações e reações, mesmo que jamais o conheçamos ou entendamos. Porque Deus habita na luz inacessível. O que poderia ser mais assombroso do que estar na presença de Deus — e permanecer vivo? Nada que Moisés tivesse feito podia ser mais assustador do que ficar diante do mistério do

ser de Deus e da majestade de sua glória e, ainda assim, não morrer. Uma das nossas maiores necessidades para conhecer a Deus hoje é recuperar o sentido do que de fato significa estar na presença de Deus.

Naquele encontro no deserto, Deus se revelou a Moisés de três modos: como o Deus eterno, como o Salvador cheio de graça e como o Senhor sempre presente.

O Deus eterno

Quando perguntou a Deus: “O que direi aos israelitas quando eles me perguntarem qual é seu nome?”, Moisés recebeu a enigmática resposta: “Diga-lhes que Eu Sou enviou você”, pois “Eu Sou o que Sou” (veja Êx 3.13,14).

Se você me perguntasse quem sou eu, e eu respondesse: “Eu sou”, você provavelmente ficaria irritado e exasperado. Talvez me acusasse com razão de tentar lhe esconder minha identidade. Mas absolutamente não é o que acontece nesse caso. É verdade, essas estranhas palavras nos ensinam que, mesmo quando Deus se revela a nós, ele jamais é o objeto do nosso conhecimento a respeito dele, como se tivéssemos algum tipo de “poder” sobre ele. O contrário é verdadeiro: nós chegamos a conhecer a Deus nunca como o objeto que possuímos, mas como o sujeito que nos possui e nos conhece. É por isso que, quando fala deirmos a conhecer a Deus, Paulo pode acrescentar: “... ou melhor, sendo por ele conhecidos” (Gl 4.9). Assim, o Deus que passamos a conhecer não é aquele cujo nome pode ser declarado “Ele é”. Ele vem a nós e diz: “Eu Sou”. Vir a conhecê-lo significa vir a ser conhecido e dominado por seu conhecimento de nós. Nesse sentido, o nome de Deus de fato se esconde de nós — isto é, se, ao pedir para conhecer seu nome, estamos tentando dominar Deus em vez de ser dominados por ele.

Contudo, o nome “Eu Sou”, em última análise, não esconde Deus de nós. Na

verdade, ele o revela a nós de uma forma muito especial. Porque o que Deus está dizendo com seu nome é que, enquanto Moisés é um homem que teve um começo, viveu ao longo de décadas de experiência e um dia dará seu último suspiro, o mesmo não se pode dizer a respeito de Deus. Deus não conhece nem começo nem fim. Ele simplesmente é — de eternidade em eternidade. Moisés veio a ser, mas Deus é — e, ao dizer isso, em vez de obscurecer a verdade sobre ele, nós afirmamos a realidade mais profunda de seu ser. Tudo o mais deriva do seu ser — a sua “condição de ser” é secundária. Mas Deus não derivou seu ser de nenhum outro — sua “natureza de ser” é “não adquirida”, original e eterna! Deus era, é e há de ser o eterno “Eu Sou”. Em vez de esconder a identidade de Deus, esse nome revela o mistério mais profundo de seu ser e abala nossa mente com a descoberta de que não conseguimos sequer começar a entender a mente e a vida desse Deus eterno.

A “natureza de ser” de Deus é o que os teólogos chamam, em termos técnicos teológicos, de aseidade de Deus (do latim: a = de; se = si — o ser de Deus existe sem derivar de nada a não ser de si mesmo). Mas não precisamos ser teólogos para ter a noção da maravilha e reverência acerca dessa verdade.

Assim como eu, você talvez ficasse perplexo com essa ideia quando era criança. Como Deus pode simplesmente ser? De onde ele veio? Quem o criou? Como ele pode existir se não foi criado nem causado de algum modo misterioso? Lembro-me de ter ficado aterrado por essas perguntas quando menino, percebendo que as respostas estavam além de minha capacidade, mas que talvez algum dia eu as descobrisse. Agora sei que o que então era um quebra-cabeça para mim hoje é um glorioso e divino mistério. Agora entendo que as perguntas que me frustravam o cérebro quando eu era menino sem fé no Senhor tinham o propósito de me tornar humilde e me levar com assombrosa reverência à Rocha mais elevada do que eu (Sl 61.2). Por mais que tentemos, o ser de Deus está além de nossa compreensão. É ao mesmo tempo o mistério do Universo e o seu sólido fundamento!

No entanto, a autoexistência de Deus é o alicerce de algo mais. Ela é o

fundamento de toda a nossa adoração e será o fundamento de nosso louvor por toda a eternidade. É por isso que, dia e noite no céu, as criaturas de Deus nunca cessam de dizer: “Santo, santo, santo é o Senhor Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir” (Ap 4.8). Não é de admirar que Moisés tenha recebido do “Eu Sou” a ordem de tirar as sandálias! Ele estava na presença de Deus.

Essa verdade sobre Deus já teve o impacto almejado em sua vida? Às vezes nosso conceito acerca do evangelho cristão é tão limitado que acabamos nos esquecendo de que Paulo o chamava de “o evangelho de Deus”. Concentramos toda a nossa atenção em algumas doutrinas favoritas. Mas os apóstolos não faziam isso; o evangelho deles começava com Deus. Se queremos ser cristãos completos, precisamos permitir que o evangelho integral cause impacto em nosso pensamento e sentimento, em nossas atitudes e em todos os aspectos de nosso modo de vida.

O fato de Deus ser eterno causa impacto de diferentes formas. Para o não cristão, isso é absolutamente intolerável. Tal fato diz a ele: “Deus é Deus; você é apenas uma de suas criaturas. Sua única alegria está em obedecer a ele, sua verdadeira realização está em adorá-lo e sua única sabedoria está em conhecê-lo e confiar nele”. Como muito bem disse Agostinho, o coração do incrédulo permanecerá inquieto enquanto não encontrar seu descanso em Deus.

Esses fatos são a ameaça suprema à independência, ao egocentrismo e à pecaminosidade do homem que não crê. Claro, essa pessoa diz que tem “dificuldades intelectuais” que tornam o Deus da fé cristã inaceitável para ela. Mas nenhum homem ou mulher jamais rejeitou o evangelho por motivos puramente intelectuais. O motivo último é sempre moral. O filósofo Nietzsche foi franco quando disse: “Se há um Deus, como posso suportar não ser Deus?”. Essa é a pura verdade sobre o homem: ele quer ser seu próprio deus. Não suporta que Outro seja Deus. Por isso, ele troca a verdade de Deus por uma mentira e adora e serve a algo da criação (sua casa, seu carro, sua família, seus interesses esportivos, dinheiro), e não ao Grande Criador de todas as coisas (Rm 1.21-23).

O que Moisés (e outros da mesma fé) descobriu foi que, ao se prostrar diante da presença do Eterno, o homem é completamente despido da fachada que mostra ao mundo e a si mesmo. Ele é constrangido a confessar: “Senhor, eu existo — mas só porque Tu existes de eternidade em eternidade”.

Essa mesma doutrina sobre o ser de Deus tem efeito diferente sobre o cristão. Ela dá consolo ao crente. O salmista expressa essa atitude de forma singular. No salmo 90, o autor está muito ciente da brevidade da vida e da evidente insignificância da existência humana. O homem é como a relva que nasce de manhã, mas ao entardecer já definhou. Em face da fragilidade do homem, será que há algum consolo e ânimo? Sim, há. O salmista diz: “Antes de nascerem os montes e de criares a terra e o mundo, de eternidade a eternidade tu és Deus”. Esse é o seu consolo em um mundo em constante transformação. Ele pode dizer, juntamente com o autor do hino: “Tudo ao redor é declínio sem fim; Ó Tu que não mudas, vem morar em mim”. Com efeito, é isso que ele diz quando confessa no primeiro versículo (que na verdade é o resumo da lição do salmo): “Senhor, tu tens sido nosso refúgio de geração em geração”. Em um mundo de mudanças, de constante flutuação e evidente caos, Deus é sempre o mesmo!

Encontramos confissão semelhante no salmo 46, que retrata o caos e a confusão do mundo. Onde se pode encontrar sanidade e estabilidade? Deus responde ao nosso coração temeroso: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Sl 46.10). “Eu Sou” é Deus! Portanto, podemos nos aquietar, ainda que “a terra ceda e as montanhas caiam no fundo do mar, ainda que as águas espumem e rujam, e em sua fúria sacudam os montes [...] Nações se insurgem, reinos desabam; ele levanta a voz, e a terra derrete. O Senhor todo-poderoso está conosco; o Deus de Jacó é nossa fortaleza” (Sl 46.2,3,6,7).

Como não existe exemplo disso na natureza — de que Deus simplesmente é, eterno, independente e autoexistente —, Deus criou uma ilustração para Moisés: um fogo que arde em uma sarça e não depende da sarça para existir como fogo. O fogo ardia independentemente — como o Deus que ele simbolizava, o Deus cujo nome é “Eu Sou quem Sou”!

O Deus cheio de graça

Moisés foi atraído por um fogo que não dependia da sarça em que estava queimando. Mas algo mais nesse fenômeno havia atraído sua atenção, que serviu como mais uma ilustração do Deus que se dirigia a ele de dentro da sarça. Ele disse: “Vou lá para ver essa coisa estranha — por que a sarça não se queima” (Êx 3.3). Ao contrário de tudo o que Moisés esperava ver, o fogo não consumia a sarça.

Moisés não se deu conta disso no momento, mas Deus estava lhe ensinando uma lição sobre seus propósitos. Ele pretendia fazer morada no meio de seu povo — o Deus que é fogo consumidor (Hb 12.29) —, contudo seu povo seria salvo, e não destruído. Eles aprenderiam a dizer: “Por causa do grande amor do Senhor, nós não somos consumidos” (Lm 3.22).

A lição sobre os propósitos de Deus foi ainda mais destacada para Moisés na revelação do nome de Deus. Como se vê na maioria das versões modernas, o nome pode ser traduzido por mais de uma maneira. Na verdade, ele tem mais de um significado: não apenas “Eu Sou”, mas também “Eu serei o que serei”. Deus também estava dizendo a Moisés que nos poderosos atos de salvação e juízo do Êxodo ele lhe mostraria quem ele é e o que planejava fazer. O que se seguiu à aproximação de Moisés da sarça é muito esclarecedor:

O Senhor disse: “Tenho de fato visto a tristeza de meu povo no Egito. Ouvi o seu clamor por causa de seus feitores e estou preocupado com seu sofrimento. Por isso desci para resgatá-los da mão dos egípcios, tirá-los dessa terra e levá-los para uma terra boa e espaçosa, uma terra onde manam leite e mel: a terra dos cananeus, hititas, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. E agora o clamor dos israelitas chegou até mim, e vi como os egípcios os oprimem. Portanto, vá. Eu o estou enviando ao faraó para tirar meu povo, os israelitas, do Egito” (Êx 3.7-10).

Os verbos dessa passagem nos dizem muita coisa. Eles aparecem repetidas vezes na primeira pessoa do singular: “Vi”, “Ouvi o seu clamor”, “Por isso desci” etc. Moisés não é informado tanto do que ele deve fazer, mas mais do que Deus vai fazer por seu soberano poder. Deus planeja tomar a salvação de seu povo em suas próprias mãos. Ele vai vencer os inimigos dos israelitas e os libertará. (Mais adiante em Êxodo, outra ilustração é usada para descrever essa libertação: Deus desce como águia, arranca seu povo das mãos do faraó e o tira do Egito sobre as asas abertas — Êxodo 19.4. Ele faz o que seu povo não pode fazer por si mesmo.)

Observe, no entanto, que há determinada característica nesses verbos com que Deus se refere a suas atividades. Ele viu a tristeza de seu povo; ouviu o clamor dessas pessoas; preocupou-se com o sofrimento deles; desceu para resgatá-los. Todos eles expressam a preocupação do Eterno “Eu Sou” com a situação e as necessidades de seu povo. Eles denotam seu amor pelo povo.

Mais uma vez, temos de ler em outra parte das Escrituras o que talvez seja a mais tocante descrição do cuidado que “Eu Sou” demonstrou por seu povo no Êxodo. É o profeta Ezequiel quem nos ensina que a independência de Deus na sua eterna existência própria não deve ser confundida com indiferença pelas necessidades de seu povo. Na verdade, é justamente o contrário:

No dia em que você nasceu, seu cordão não foi cortado, você não foi lavada com água para ficar limpa, nem foi esfregada com sal e envolta em panos. Ninguém olhou para você com misericórdia nem teve compaixão suficiente para lhe fazer alguma dessas coisas. Não, você foi jogada em campo aberto, pois no dia em que nasceu você foi desprezada.

Então passei e vi você esperneando em seu sangue e, enquanto você jazia ali em seu sangue, eu lhe disse: “Viva!”. Eu fiz você crescer como uma planta do

campo. Você cresceu e se desenvolveu e se tornou a mais linda de todas as joias... (Ez 16.4-7).

Sim, Moisés testemunharia o tremendo poder salvífico de Deus. Mas esse poder manifestaria a ternura e a delicadeza do amor de um Deus de graça infinita. Deus é fogo consumidor (veja Dt 4.24; Is 33.14; Hb 12.29). Ele aparece como uma chama perpétua para habitar no meio do seu povo. Mas não o consome. Ele salva seu povo!

O fogo não dependia da sarça, não consumiu a sarça; mas o fogo estava presente na sarça. Talvez isso indique o terceiro elemento dessa revelação do caráter de Deus a Moisés: sua presença eterna.

O Senhor eternamente presente

Deus disse a Moisés: “Eu (isto é, 'Eu Sou') estarei com você”. Mas em que sentido? O contexto em que o Êxodo se insere nos dá a resposta. O sentido do Êxodo é: Deus está se lembrando da promessa da aliança a seu povo (Êx 2.24; 6.5). Ele vai cumprir a promessa que fez a Abraão, Isaque e Jacó. A essência dessa promessa (assim como a essência de todas as alianças de Deus nas Escrituras) é: “Eu estarei com você” (Êx 3.12). A presença de Deus conosco é a essência de sua promessa a nós. Podemos confiar em Deus, porque ele nos deu sua palavra. E, se Deus está conosco, nada, absolutamente nada, pode ser contra nós!

Quanto mais tempo somos cristãos, mais devemos entender quanto essa simples verdade é central. Em muitos aspectos, ela é a essência do evangelho — “Emanuel, Deus conosco!”. Também é a realidade mais básica da experiência do cristão.

Temos de reconhecer essa verdade, em oposição àquilo que frequentemente nos dizem. Lembro-me de ter ouvido um programa de rádio cristão em que alguém, obviamente enfrentando uma grande crise e possivelmente profunda tristeza, fez a seguinte pergunta: “O que devemos fazer?”. A resposta (de forma um pouco impensada, pareceu-me) foi: “Confie em que o Deus que faz coisas impossíveis fará o impossível por você”. Mas essa não é realmente uma resposta bíblica. Nosso consolo não está no que Deus pode fazer, embora saibamos que ele pode fazer tudo o que esteja de acordo com sua santa vontade. Nosso consolo é que ele está conosco. Quando os montes de nossa vida são lançados ao mar, nosso alento e nossa força consistem em: “O Senhor todo-poderoso está conosco; o Deus de Jacó é nossa fortaleza” (Sl 46.7). Quando caminhamos pelo vale da densa escuridão ou da sombra da morte, não tememos mal nenhum. Por quê? Porque ele está conosco (Sl 23.4). Não sabemos se ele há de contrariar todas as expectativas humanas e fazer o impossível, mas temos sua promessa de que ele nunca nos deixará nem nos abandonará (Dt 31.6; Hb 13.5). É por isso que podemos dizer com confiança: “O Senhor está comigo; não temerei. O que pode o homem fazer contra mim?” (Sl 118.6,7; Hb 13.6).

Você já reparou, na história da sarça ardente, quem é que fala com Moisés e promete estar com ele? O Senhor que se pronuncia a Moisés é designado em Êxodo 3.2 como “o anjo do Senhor”. É “o anjo do Senhor” que revela seu nome, que promete livramento, que redime seu povo da escravidão. Quem é esse Anjo de Deus, esse seu Mensageiro, que é ele próprio o Senhor, o Eu Sou, e, no entanto, também é alguém enviado pelo Senhor? O restante da passagem responde à nossa pergunta.

O Anjo que apareceu a Moisés na sarça é o Bebê que apareceu aos homens na manjedoura em Belém. O Anjo que falou a Moisés no deserto a respeito do Êxodo é o Salvador que falou com Moisés no monte da Transfiguração sobre o Êxodo, ou morte, para libertar seu povo (Lc 9.31, passagem em que, como já observamos, a palavra grega exodus é efetivamente usada). O “Eu Sou” da sarça ardente é o mesmo mensageiro de Deus que declarou: “Eu sou o Pão da Vida; eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, e ninguém pode vir ao Pai senão por mim;

eu sou a Ressurreição e a Vida”. Ele é aquele a quem os soldados perguntaram se ele era Jesus, e quando ele respondeu: “Eu Sou”, eles recuaram espantados com o impacto da revelação instantânea de sua gloriosa identidade de Eterno (Jo 18.6). Moisés enxergou vagamente; nós agora vemos com clareza. Jesus cumpre a promessa da aliança de Deus. Nele descobrimos a presença de Deus, Emanuel, Deus conosco.

Quando percebemos essa verdade da presença de Deus conosco, determinadas coisas devem acontecer em nossa vida, como aconteceram na vida de Moisés. Devemos ficar cheios de uma nova humildade, porque nos encontramos com Deus. Devemos ser estimulados por uma nova sensação de segurança: estivemos diante de Deus e permanecemos vivos; o que mais temeremos? Devemos ficar cheios de gratidão eterna, porque Deus, o Senhor, agiu em nosso favor!

É esse o Deus que você conhece? E é assim que você o conhece? Quando você o conhece dessa forma, nada mais importa. Ou melhor, tudo começa a se encaixar em seu devido lugar quando servimos a Deus. Finalmente, vem um cântico que vale a pena entoar:

Deus está presente.

Vamos adorá-lo,

reverentes,

exaltá-lo.

Deus está no templo,

quietos, pois, fiquemos;

diante dele

nos prostremos.

Ao Senhor, com temor,

graças hoje damos,

hinos entoamos.

— Gerhard Tersteegen,

Hinário para o culto cristão (hino 222).

O SALVADOR

Você já se surpreendeu relendo alguma passagem das Escrituras, uma passagem que, talvez mais que todas as outras, ajudou você a conhecer melhor a Deus, a valorizar mais plenamente sua maravilhosa graça salvadora?

Para muitos cristãos, Romanos 8 é essa passagem. Ela é a quintessência da certeza da nossa fé. Ela nos oferece muitas palavras de alento, mas seu propósito principal é nos mostrar a maravilha da graça salvadora de Deus. É por isso que Paulo declara: “O que diremos, então, em resposta a isso? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como também não nos dará, junto com ele e graciosamente, todas as coisas?” (Rm 8.31,32).

Paulo falou com eloquência nessa passagem de sua Carta aos Romanos. Ele tem certeza de que absolutamente nada pode obstruir os caminhos dos propósitos de Deus para nossa vida. Mas ele pode dizer isso na condição de alguém que enfrentou uma multidão de obstáculos em sua caminhada cristã. Ele é tudo, menos alguém que “enterra a cabeça na areia”.

Em 2Coríntios 11.23-29, o apóstolo faz uma lista de algumas provações pelas quais passou: tribulações, dificuldades, perseguição, fome, nudez, perigo e espada. Ele é o homem que foi preso, açoitado, exposto à morte várias vezes, que recebera 39 açoites nada menos que cinco vezes, que três vezes foi golpeado com varas romanas, uma vez apedrejado, três vezes naufragou e, em uma dessas ocasiões, passou a noite e o dia no mar aberto. Ele muitas vezes ficou sem dormir, passou fome e sede, esteve sujeito ao frio e à nudez! Quando diz que

nada pode nos separar do amor de Cristo, Paulo sabe exatamente do que está falando.

Imagine por um momento que você é um membro da igreja de Antioquia. O apóstolo Paulo é membro da congregação. Você se tornou cristão depois que ele foi enviado pela igreja; você não o conhece pessoalmente. Mas agora Paulo voltou e contou sua história. Você fica perplexo com o que ouve, mas sua impressão duradoura do apóstolo vem de algo que você viu no piquenique da igreja. Uma das crianças da congregação pediu que Paulo viesse nadar. Paulo concordou de bom grado e tirou o manto. Você nunca tinha lido a carta que ele escreveu aos gálatas, mas, enquanto ele ia para a água de mãos dadas com a criança, você leu um dos versículos da epístola nas costas dele: “Trago no corpo as marcas de Jesus” (Gl 6.17). Feridas, cascas, lacerações que não sararam direito — sim, ele sabia do que estava falando. Não é de admirar que você tenha ficado com vontade de perguntar: “Paulo, como você conseguiu seguir em frente? O que há de tão grandioso na graça salvadora de Deus que o ajudou a perseverar dessa forma?”.

A resposta de Paulo teria sido mais ou menos assim: “Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por mim. Isso me dá a garantia de que Deus não me sonegará coisa alguma que seja para minha bênção. Também me dá a confiança de que Deus usará todo acontecimento da minha vida para trazer bênção a mim e aos outros. Deus não teria feito tudo o que fez para me salvar se não desejasse me preservar entre os seus remidos”.

De fato, em Romanos 8.32 Paulo apresenta três evidências da graça e da salvação divina: “Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como também não nos dará, junto com ele e graciosamente, todas as coisas?”. Cada uma dessas evidências nos diz alguma coisa sobre Jesus Cristo.

* * *

1. Jesus Cristo não foi poupado por seu Pai. Toda vez que Paulo era tentado a pensar: “Deus podia ter me poupado disso”, esta verdade era o que lhe vinha à mente: Deus não poupou Jesus! Deus não isolou Jesus para o proteger das experiências duras da vida. Aliás, “Deus não o poupou” talvez seja a forma mais branda de dizer isso. Porque, da manjedoura ao sepulcro, Jesus certamente não foi poupado!

Pense nos primeiros anos da vida de Jesus. Ele nasceu em um estábulo, a quilômetros de distância de sua terra; foi com os pais para o Egito, onde permaneceram por dois anos; criado em Nazaré, onde talvez José, seu pai terreno, tenha morrido quando o filho ainda era adolescente ou estava na casa dos vinte. Depois, conheceu a fome e a pobreza durante seu ministério; sentiu a tristeza de ser incompreendido e rejeitado, bem como o pesar do luto; sofreu maus-tratos de outros; acabou sendo traído por um de seus próprios discípulos e, em seguida, horas antes da morte, foi negado por um de seus amigos mais próximos. Foi espancado, alvo de cusparadas e, finalmente, exposto à vergonha pública e crucificado. Jesus não foi poupado em nenhum momento de sua vida.

Paulo, porém, enxergou algo além dos sofrimentos humanos nesse drama da vida do Messias. Ele notou que havia algo quase fora do natural nisso, algo que o assombrava, até que finalmente se transformou em fonte de excelente consolo e alegria. Ele sabia muito bem da autorrevelação de Deus como o Pai de seu povo: “Eu os pouparei”, dissera Deus por meio de Malaquias, “assim como o pai poupa e tem compaixão do filho que o serve” (Ml 3.17). Jesus havia servido a seu Pai, como cumpre que um filho faça. Mas, ao contrário de tudo o que é natural, seu Pai não o poupou.

Não obstante, Jesus merecia ser poupado. Ele não merecia provar da crueldade e da perversidade dos homens deste mundo. Não merecia ser pobre, passar fome nem ter o coração partido quando se via diante dos efeitos do pecado na vida do ser humano. Se pudéssemos tão somente nos enxergar à luz da santidade de Deus, jamais faríamos a pergunta provocativa: “O que fiz para merecer isso?”.

Saberíamos que diante do justo juízo de Deus não merecemos nada de bom. Mas Jesus poderia ter perguntado com perfeita justiça: “O que fiz para merecer isso?”. Em certo sentido, foi esse o significado de seu brado de desamparo na cruz: “Deus meu, por que tu me abandonaste?”. Por que ele não foi poupado? No horror da perda da comunhão com Deus, nada fazia sentido. Ali, na cruz, a impressão deve ter sido de que o certo se tornara errado; o bem, mal; a justiça de Deus, o terrível juízo e a condenação de um homem inocente.

Sim, Jesus merecia ser poupado. Pense no que ele realizara em seu breve ministério: pregara sobre um Pai que ele conhecia e amava e que o conhecia e amava. Apresentou uma geração inteira de homens e mulheres a esse Pai Celestial. Havia curado os enfermos, restaurado a visão dos cegos e até, vez ou outra, ressuscitado mortos. Suas palavras eram gloriosas; sua vida, impecável; todo o seu ser, íntegro e perfeito diante dos homens e de Deus. Tudo a seu respeito parecia apontar para a conclusão: eis alguém que merece ser poupado.

Paulo, entretanto, nos conta que Jesus não foi poupado. Ao dizer isso, ele está simplesmente resumindo o ensino dos Evangelhos. Contudo, é quase certo que Paulo sabia algo mais que o simples fato de Jesus não ter sido poupado, pois ele conhecia muito bem pelo menos dois autores dos Evangelhos: Marcos e Lucas. Paulo sabia que Jesus havia orado para que, se possível, ele fosse poupado. No jardim de Getsêmani, na noite anterior à sua crucificação, Jesus clamara a Deus, evidentemente em terrível agonia: “Pai, se for possível, afasta de mim esse cálice [os sofrimentos da cruz]”. Mais tarde, na cruz, ele bradou: “Meu Deus...”, mas no jardim seu apelo foi o de um filho ao pai. Que pai poderia deixar de atender ao clamor do filho? Mas Jesus não foi poupado, apesar de três vezes ter pedido que, se possível, a vontade do Pai fosse poupá-lo.

Jesus tinha razão em pedir para ser poupado. Ele não teria sido um homem de verdade se tivesse sido capaz de contemplar o abandono da cruz sem esse desejo. Mas seu desejo justo e santo não era para ser cumprido.

Tanto os autores dos Evangelhos quanto Paulo entenderam que Jesus estava cumprindo uma figura que aparecera pela primeira vez na vida de Abraão, em Gênesis 22, quando Deus lhe dera a ordem de tomar seu filho Isaque (o filho a quem ele amava) para sacrificá-lo no monte Moriá. Talvez seja para esse acontecimento que Deus estava chamando a atenção no batismo e na transfiguração de Jesus, quando disse: “Este é o Filho a quem amo”. O Pai estava praticamente dizendo: “Agora estou na mesma situação em que Abraão esteve: vocês precisam esperar para ver se meu Filho será poupado ou não”.

Paulo certamente estava pensando nessa história do Antigo Testamento quando escreveu Romanos 8.32, pois o vocabulário que ele emprega é extraído diretamente da tradução Septuaginta (grega) do Antigo Testamento que ele lia. Gênesis 22.17 claramente está por trás de Romanos 8.32. Abraão estava disposto a não poupar seu próprio filho, mas Deus ordenou que ele fosse poupado. Em compensação, o Filho do próprio Deus, o Filho a quem ele amava, não foi poupado.

Esse é o maior mistério do Universo. Mas Paulo expressa a mensagem do evangelho dessa maneira por uma razão óbvia. Se o que ele diz é verdade, podemos chegar a apenas duas conclusões: ou Deus é completamente arbitrário e voluntarioso, impossível de entender e indigno de confiança, ou (como Paulo estava convicto) Deus estava realizando algo na morte de Jesus Cristo, seu Filho, cujo significado é espetacular.

* * *

2. Jesus Cristo foi entregue em favor dos pecadores. É profundamente comovente pensar que o Filho de Deus não foi poupado. Em certo sentido, porém, isso é apenas a superfície do que Paulo quer dizer em Romanos 8. A passagem fala da experiência de Jesus em termos negativos. Mas Paulo a enche de significado quando afirma que Jesus foi “entregue”, ou oferecido, à morte na cruz. O que ele quer dizer?

A palavra que Paulo usa na passagem é quase um termo técnico, empregado como tal no Novo Testamento, em relação à morte de Jesus. Ocorre sobretudo no relato da Paixão do Evangelho de Mateus, traduzida de diferentes formas, conforme a versão utilizada:

“Subiremos a Jerusalém, e o Filho do Homem será traído e entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado...” [...]

Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes e perguntou: “O que vocês estão dispostos a me dar se eu o entregar às mãos de vocês?” [...]

De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo chegaram à decisão de condenar Jesus à morte. Eles o amarraram, o levaram e o entregaram a Pilatos, o governador [...]

Quando a multidão havia se reunido, Pilatos lhe perguntou: “Qual destes vocês querem que eu lhes solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?”. Pois sabia que era por inveja que o haviam entregado a ele [...]

“Qual destes vocês querem que eu lhes solte?”, perguntou o governador.

“Barrabás”, responderam eles.

“O que farei, então, com Jesus, chamado Cristo?”, perguntou Pilatos. Todos responderam: “Crucifica-o!” [...]

Então lhes soltou Barrabás. Mas mandou açoitar Jesus e o entregou para ser crucificado (Mt 20.18,19; 26.14,15; 27.1,2,17,18,21,22,26).

Qual é o sentido do uso reiterado desse termo nos Evangelhos? O Novo Testamento dá a entender que ele tem três significados centrais sobre como a morte de Cristo traz a salvação.

Primeiro, significa que a morte de Cristo foi judicial. Sua morte não é retratada como tragédia em nenhuma parte das Escrituras. Antes, é entendida como um processo legal em que Cristo foi preso, acusado, julgado e finalmente condenado à morte. Sabemos até que acusações lhe foram imputadas: blasfêmia e traição. Foi acusado de blasfêmia porque, ao declarar ser o Filho de Deus, ele se pôs em condições de igualdade com Deus. Foi acusado de traição porque, ao declarar ser Rei, rebelou-se contra a autoridade de Roma e de César. Foi acusado por judeus e gentios, capturado pela guarda do Templo e crucificado por soldados romanos.

Todavia, as mesmas narrativas da Paixão que relatam as acusações contra Jesus nos informam que ninguém foi capaz de corroborá-las. Aliás, em decisão após decisão, Jesus foi considerado inocente. Talvez estejamos tão acostumados com a narrativa que muitas vezes não percebemos o absurdo e a contradição do que ocorreu. Mas alguém que lesse com atenção o relato dos Evangelhos pela primeira vez se veria forçado a exclamar em protesto: “Parem! Vocês não veem que estão se contradizendo, judeus e romanos? Vocês estão apressados em condenar um homem à morte, mas não conseguem provar que ele é culpado. Têm provas da perfeita inocência dele diante de vocês, mas se recusam a ouvi-las! Parem!”. Essa é a contradição intrínseca da Paixão: Jesus é inocente. Ele é declarado inocente várias vezes (veja Lc 23). Contudo, Jesus foi condenado e executado. Por quê?

Nossa resposta está no segundo sentido central da palavra “entregue”: a morte de Cristo foi ordenada por Deus. Quando rastreamos o uso da palavra “entregue” nos Evangelhos, descobrimos que Judas “entregou” Jesus — dessa forma, ele desempenhou um papel na crucificação. Descobrimos que os sacerdotes “entregaram” Jesus, portanto eles têm sua parcela de responsabilidade. Lemos que Pilatos “entregou” Jesus. Vários indivíduos e grupos conduziram Jesus até a cruz. A igreja primitiva considerava esses acontecimentos o cumprimento do salmo 2: “... ‘os governantes se reúnem contra o Senhor e contra o seu Ungido’. De fato, Herodes e Pôncio Pilatos se reuniram com os gentios e o povo de Israel nesta cidade para conspirar contra o teu santo servo Jesus, que tu ungiste” (At 4.26,27).

Outra mão mais elevada, porém, aparece na crucificação de Jesus. Paulo afirma que Deus Pai “o entregou”! Não se trata de uma afirmação isolada — nem de algum tipo de aberração paulina. Releia a oração de Pedro e João em Atos 4. Depois de mencionarem os conspiradores da crucificação de Jesus, eles acrescentaram: “Eles fizeram o que teu poder e tua vontade haviam decidido de antemão que deveria acontecer” (At 4.28). Anteriormente, no dia de Pentecostes, Pedro havia dito diretamente aos judeus em Jerusalém, com uma compreensão que beira o assombro: “Este homem lhes foi entregue pelo propósito estabelecido e pela presciência de Deus; e vocês, com a ajuda de homens maus, o mataram, pregando-o na cruz” (At 2.23).

Era a mão do Pai que estava por trás de tudo o que acontecera na morte de Cristo na cruz. Jamais entenderemos o que aconteceu na cruz se não compreendermos esse fato. Todas as passagens centrais das Escrituras que esclarecem o sentido da morte de Cristo aludem a ele. Quando explicou a seus discípulos em Marcos 14.27 o significado do que estava para lhe acontecer, Jesus citou o que Deus dissera mediante o profeta Zacarias: “‘Desperte, ó espada, contra o meu pastor, contra o homem que me é próximo!’ [...] ‘Golpeie o pastor, e as ovelhas se dispersarão...’” (Zc 13.7). Paulo disse que a maldição de Deus veio sobre Cristo (Gl 3.13). Afirmou ousadamente que Deus fez de Jesus pecado (2Co 5.21)! Tudo isso havia sido previsto na profecia de Isaías do Servo Sofredor: “Foi vontade do

Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer” (Is 53.10).

Como pode ser isso, que Deus tenha entregado seu próprio Filho à morte? Precisamos dar um último passo para entender, e esse passo está no terceiro elemento do verbo “entregar”. Ele completa o sentido do propósito por trás do plano da cruz: a morte de Cristo foi substitutiva. Como poderia o Inocente ser enviado de forma justa à morte por um Pai santo? Só há uma resposta, de acordo com as Escrituras. Paulo a fornece em Romanos 8.32: o Pai entregou seu Filho “por todos nós”. Na sua condenação e morte, Jesus estava tomando nosso lugar. É por isso que as acusações feitas contra ele foram de blasfêmia e traição, pois são essas precisamente as acusações que nós enfrentamos diante do trono do juízo de Deus. Nós nos arvoramos em deuses e, assim, blasfemamos contra seu santo nome; nós nos rebelamos contra seu justo governo sobre nossa vida e somos culpados de alta traição contra sua graciosa majestade.

É por isso que essas passagens, segundo as quais em última instância foram a mão e o propósito de Deus que levaram Jesus para a cruz, também nos dizem que ele morreu por nós. Ele foi feito pecado por nós, embora não tivesse cometido nenhum pecado. Ele foi feito maldição por nós. Foi transpassado por nossas transgressões, esmagado por nossas iniquidades, punido para nossa paz, machucado para nossa cura: “Todos nós, como ovelhas, nos desviamos, cada um seguiu seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (Is 53.5,6; cf. 2Co 5.21; Gl 3.13).

Jesus realizou o que os reformadores chamavam de “maravilhoso intercâmbio”. Ele tomou o que era nosso para podermos receber o que é dele. Tomou nossa culpa e o consequente castigo; nós recebemos, pela fé nele, seu justo relacionamento com Deus e todas as bênçãos de pertencer à família de Deus. Não admira que Jesus tenha se sentido desolado e haja gritado da cruz: “Deus meu, por que me abandonaste?”. Eis a resposta bíblica a essa pergunta: Ele foi abandonado para nós não sermos abandonados. É isso que estamos dizendo quando cantamos: “Meu lugar tomou, condenado foi, meu perdão com seu sangue selou. Aleluia! Que Salvador!”.

Cristo não foi poupado por seu Pai. Ele foi “entregue” por nós, pecadores. Essas são as duas primeiras provas da graça e salvação de Deus que Paulo nos dá em Romanos 8.32. Mas Paulo vai além. Sua declaração: “Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós” é na verdade uma descrição de Deus que visa a nos explicar como Deus, nosso salvador, é. Podemos chegar à conclusão a que Paulo quer que cheguemos, a saber: já que é assim, “como também não nos dará, junto com ele e graciosamente, todas as coisas?”. Toda a preocupação de Paulo em afirmar o sentido da morte salvífica de Cristo tinha um propósito em vista: contar-nos como Deus é, para confiarmos nele sem reservas.

* * *

3. Jesus Cristo é completamente digno de confiança. Já que Deus nos deu, em Cristo, tudo o que ele tem, como podemos duvidar dele? Não importa quais sejam as circunstâncias, podemos usar este argumento: se o Pai entregou seu próprio Filho querido às trevas e à morte do Calvário, é absolutamente inconcebível que ele agora envie qualquer coisa à minha vida ou faça qualquer coisa por meio de minha vida que não seja para sua glória e para minha eterna bem-aventurança. É por isso que, mesmo quando tudo parecia contra ele, Paulo foi capaz de afirmar em Romanos 8 que Deus agia em todas as coisas para o seu bem e que ninguém nem coisa alguma podia em última instância ser contra ele se Deus era por ele. O motivo que lhe garantia sem sombra de dúvida o favor de Deus se encontrava em Cristo e no que ele realizara.

A lógica de Paulo é irrefutável. Esse é o tipo de Deus que nosso Pai salvador é. Apesar disso, como são poucos os que deixam o coração ser moldado pelo conhecimento dele! Pode-se até pensar que preferimos acreditar que Deus é contra nós, e não a favor! Quando pertencemos verdadeiramente a Cristo, essa ideia é uma mentira de autoria do Diabo. É o tipo de mentira que ele sussurrou para Eva no jardim do Éden: “Então Deus lhes deu esse ambiente magnífico e depois os restringiu a fim de que vocês não comessem de nenhuma das árvores do jardim?” (Gn 3.1). É a atitude do irmão mais velho na parábola de Jesus. Ele

jamais tivera um relacionamento de confiança com o pai, mas tinha este conceito de si mesmo: “Todos esses anos tenho trabalhado como escravo para ti” (Lc 15.29). É a suspeita do servo que disse ao mestre: “Eu sabia que o senhor é homem severo [...] Por isso tive medo...” (Mt 25.24).

É claro que essa noção errada acerca de Deus é consequência de má teologia; mas não se trata de forma alguma de uma questão acadêmica. Trata-se de uma das questões mais importantes e práticas da vida cristã. O modo de você enxergar Deus determina a qualidade e o estilo de sua experiência cristã. Muitos cristãos passam grande parte da vida paralisados porque, embora tenham confiado em Cristo como Salvador, nunca entenderam de fato o que o sacrifício dele nos ensina sobre o caráter de Deus. Ele deu seu Filho, enviou seu Filho e “entregou” seu Filho porque ele nos ama. Com isso, Deus prova sua graça.

Você conhece esse Deus, assim dessa maneira? É possível ter um “coração dedicado a Deus” e, contudo, não perceber a bênção de sua graça, acabando por se concentrar demais no próprio comprometimento e zelo, deixando de crescer mais e mais à semelhança de Cristo. Alguns “cristãos comprometidos” apresentam pouca semelhança com Jesus, muitas vezes porque não conhecem o que Jesus apresenta: a absoluta profundidade do amor de Deus, amor que nunca foi mais forte e poderoso do que no momento exato em que o Pai entregava o Filho para ser crucificado: “Por isso é que meu Pai me ama, porque dou a minha vida” (Jo 10.17).

Você já começou esse relacionamento de amor e confiança? O seu coração está focado no Pai, que não poupou seu Filho por você, mas por sua graça “entregou” Jesus à cruz, por sua causa? Se esse Deus é por você, quem pode ser contra você?

SOMENTE DEUS É SÁBIO

Se não tiver familiaridade com a sabedoria de Deus, você não consegue muito progresso na vida cristã. A verdadeira estabilidade ao longo de um grande período de discipulado muitas vezes depende de confiar que Deus é sábio em tudo o que faz e em toda maneira de agir com seus filhos.

A Bíblia é repleta de sabedoria. De fato, há uma série de livros na Bíblia conhecidos como “literatura de sabedoria”. Esses livros expressam a ideia da sabedoria (em Deus ou no homem) com um rico e variado vocabulário. A sabedoria implica preparo (inclusive correção e instrução); abrange perspicácia, reflexão e entendimento; inclui habilidades práticas e sensibilidade, percepção e discríção, conhecimento e aprendizado correto. O sábio é aquele que vê o objetivo, identifica os melhores meios de alcançar esse objetivo e implementa esses meios. A sabedoria de Deus é semelhante: Deus realiza seus propósitos gloriosos a fim de demonstrar seu conhecimento perfeito, poder soberano e graça infinita. A sabedoria de Deus fica evidente quando ele toma a matéria-prima decaída deste mundo, juntamente com sua história, e tece uma veste de louvor e glória a seu nome.

É fascinante perceber que na carta circular que Paulo escreveu a algumas das primeiras igrejas, entre elas a de Éfeso (a Carta aos Efésios é o exemplar que chegou até nós), a sabedoria de Deus é um dos principais temas. Paulo nos diz que a sabedoria de Deus está por trás do planejamento do evangelho: ele derramou graça sobre nós “com toda a sabedoria e entendimento” (Ef 1.8). Para os homens, “sabedoria” muitas vezes implica cautela e parcimônia. Mas, quando se trata de Deus e suas expressões de amor, a sabedoria dita que a graça seja “derramada sobre nós”!

As consequências últimas dessa manifestação da sabedoria de Deus se mostram no estilo de vida da igreja. Aprendemos a sabedoria com Deus e somos exortados: “Sejam cuidadosos, portanto, em seu modo de viver; não vivam como insensatos, mas como sábios” (Ef 5.15). O filho de Deus é desafiado a se tornar semelhante a seu Pai.

Há uma terceira passagem de Efésios em que Paulo trata da sabedoria divina, contudo, que é a mais fascinante de todas. No capítulo 3, ele trata da manifestação da sabedoria de Deus no evangelho. Paulo menciona seu próprio ministério especial como um propósito nutrido por Deus desde a eternidade, mas que esteve oculto ao longo das eras anteriores e só então (particularmente pelo ministério de Paulo) foi tornado conhecido. Esse “mistério” (o termo do Novo Testamento para um segredo que nessa ocasião se tornara público por revelação divina) é a união de judeus e gentios em uma só comunhão. Dessa forma, o “seu [de Deus] propósito era que agora, por meio da igreja, a multiforme sabedoria de Deus fosse tornada conhecida aos poderes e autoridades nas esferas celestiais, segundo seu propósito eterno que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3.10,11).

É uma afirmação surpreendente, e precisamos parar um pouco para refletir sobre o que ela diz. Paulo fala da variedade da sabedoria de Deus: ela é multiforme. A palavra que ele usa significa “multicolorida”! A sabedoria de Deus é semelhante ao arco-íris em simetria, beleza e variedade. Ele não pinta cenas meramente em preto e branco, mas usa um mar de cores da paleta celestial para mostrar a maravilha de suas sábias relações com seu povo.

Paulo também fala das pessoas a quem Deus demonstra sua sabedoria. O que ele diz é ainda mais surpreendente: Deus mostra sua sabedoria não só diante do mundo, mas também a expõe “aos poderes e autoridades nas esferas celestiais”. Deus dá uma demonstração cósmica de seus propósitos perfeitos.

O aspecto mais interessante de todos, porém, é a esfera em que Deus torna conhecida sua sabedoria. Esse aspecto já lhe saltou da página quando você lia Efésios 3.13? Isso é muito importante. Porque onde você encontrará provas da sabedoria de Deus para confiar nela? Quando olha para o mundo ou para as circunstâncias de sua vida e da vida dos outros, você às vezes não fica em dúvida se Deus é realmente sábio? Às vezes você se pergunta se há algum lugar onde Deus demonstre sua sabedoria para não deixar dúvidas?

William Cowper (que, em sua profunda aflição mental, sabia muito bem o que era duvidar da sabedoria de Deus) entendeu claramente o problema quando mencionou as palavras de Salmos 77.19 em um de seus hinos: “Misteriosos os seus caminhos, quando opera maravilhas; cavalga a tempestade, seus pés o mar palmilham”. Nosso problema é que não conseguimos enxergar as pegadas no mar! E, quando Deus cavalga sobre a tempestade, ele fica escondido de nós pelo aguaceiro. Às vezes ficamos nos perguntando qual é exatamente o plano dele. Precisamos de algo que possamos apontar e dizer: “Vejo aqui claramente uma demonstração da sabedoria divina. Por isso, apesar de não entender o que ele está fazendo em minha vida, eu sei que ele é perfeitamente sábio e também está agindo nas circunstâncias para realizar sua vontade perfeita”.

Paulo afirma que a sabedoria de Deus foi e está sendo claramente demonstrada na igreja. A igreja é o palco em que Deus representa sua sabedoria com tanta clareza que os poderes e as autoridades nas esferas celestiais sabem exatamente o que está acontecendo! A igreja, diz ele, é como um microscópio. Quando enxergamos Deus criando a igreja, reconhecemos a sabedoria dele. O que não conseguimos discernir a olho nu em nossa vida, podemos ver, vivo e atuante, na igreja — a sabedoria de Deus!

Como assim? A sabedoria multicolorida de Deus se manifesta de três formas distintas na igreja: em seu fundamento, em seus membros e em seus sofrimentos.

Primeiro, a sabedoria de Deus se mostra no fundamento da igreja, na obra de Jesus Cristo. Paulo afirma em Efésios 3.11 que a sabedoria de Deus se dá a conhecer “de acordo com seu propósito eterno, que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor”. O que Cristo fez por nós demonstra a sabedoria de Deus. Ao que parece, essa era uma das assombrações enfrentadas por Saulo de Tarso antes de sua submissão a Cristo e seu ingresso no reino de Deus. Como os cristãos podiam dizer que a Sabedoria de Deus encarnada tinha sido crucificada? Essa ideia era totalmente inconcebível para ele.

Esses conflitos iniciais na mente de Paulo provavelmente estejam refletidos no que ele escreveu em 1Coríntios 1.18—2.16. A mensagem da cruz não é de sabedoria, mas de loucura para o incrédulo, afirmou. O que podia ser mais louco que acreditar na salvação mediante a morte da “Sabedoria” e a crucificação do “Príncipe da Vida”? Posteriormente, contudo, Paulo veio a enxergar que a “loucura” de Deus é mais sábia que a “sabedoria” do homem, assim como a “fraqueza” de Deus (na morte de Cristo) é mais forte que a “força” do homem. O paradoxo (e a genialidade!) do evangelho para Paulo era que, quando o mundo em sua “sabedoria” não conhecia Deus, Deus se fez conhecido por meio da “loucura” da mensagem da cruz! O que antes simplesmente irritava Saulo de Tarso (“Como se atreve Deus a salvar os homens mediante a humilhação da cruz?!”) agora enchia Paulo, o Apóstolo, de extraordinária admiração.

Mas como a morte de Cristo na cruz demonstra a sabedoria de Deus? Desta forma: por meio da cruz, nosso pecado é julgado, contudo homens e mulheres pecadores são perdoados exatamente porque Deus castigou esse pecado em Jesus Cristo em vez de castigá-lo em nós. Deus fez o que parecia moralmente impossível de uma forma que, em vez de negar sua santidade e justiça, as demonstra cabalmente. É por isso que a cruz é o “ponto de encontro onde o amor e a justiça celestes se juntam”. A cruz é a expressão do gênio amoroso de Deus. Há algo divino na sabedoria que ela mostra!

Os teólogos já debateram se os “poderes e autoridades” a quem a sabedoria de

Deus é exibida são bons ou maus. Seriam eles os anjos de Deus ou o Diabo e seu exército? Talvez Paulo tivesse em mente os dois.

Imagine a reação do inferno à morte de Cristo. Jesus estava preso pelos grilhões da morte. Que alegria e que festa! Deus estava derrotado! O Diabo conseguiu sua vingança. Mas eles não contavam com a sabedoria de Deus. Porque Cristo não podia ser retido pelos grilhões da morte. Aliás, com a morte ele estava paralisando aquele que detinha o poder da morte e estava libertando seu povo (Hb 2.14,15). O que parecia derrota era na verdade vitória. A manhã da ressurreição foi o dia mais triste do inferno. Satanás viu a sabedoria de Deus e sentiu o gosto da derrota.

Imagine também os anjos do céu. Pedro nos diz que eles anseiam por um vislumbre daquilo que Cristo realizou (1Pe 1.12). Será que eles prenderam a respiração quando Jesus morreu na cruz, perguntando-se como a sabedoria de Deus podia ser demonstrada em tão evidente tragédia? Será que se perguntaram se os pecadores valiam tamanho preço para Deus, já que ele não poupou os anjos que pecaram? Imagine a admiração deles diante da vitória da ressurreição de Cristo, o Príncipe deles! Não é de estranhar que a igreja antiga concebesse a ascensão de Jesus pela perspectiva do salmo 24 — o Rei da Glória retornando de suas batalhas vitoriosas, exigindo entrada na Cidade de Deus: “Ergam, ó portas, a cabeça; levantem-se, ó portas antigas, para que o Rei da Glória entre. Quem é esse Rei da Glória? O Senhor forte e poderoso, o Senhor valente na guerra [...] O Senhor todo-poderoso — ele é o Rei da Glória” (Sl 24.7,8,10). Não há por que não cantar com Paulo: “Ó profundidade das riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e os seus caminhos, impenetráveis!” (Rm 11.33).

Mas por que essa sabedoria é vista na igreja, ou por meio da igreja? Porque a vida da igreja flui de seu fundamento na obra de Cristo. A igreja só existe em virtude do que ele fez. Na essência dela está a maior de todas as demonstrações da sabedoria divina. Se eu pertenço à igreja, é somente por causa do modo pelo qual a sabedoria de Deus foi mostrada em Jesus Cristo. A igreja depende de

Jesus Cristo, o único em quem se revelam todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento de Deus (Cl 2.3). A igreja serve como o microscópio que me permite enxergar uma sabedoria invisível a olho nu.

* * *

Segundo, a sabedoria de Deus se mostra na membresia da igreja, na comunhão entre judeu e gentio. Essa verdade é o foco principal do ensino de Paulo em Efésios 3. Paulo havia entendido que parte do sentido de sua vida (e da sabedoria de Deus para com ele) estava em ser ele o meio pelo qual o “mistério” de Cristo seria revelado, “o qual não foi dado a conhecer aos homens de outras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus” (Ef 3.5). Qual é esse mistério? É que “por meio do evangelho os gentios são herdeiros juntamente com Israel, membros de um só corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus” (Ef 3.6).

Essa união de gentio e judeu em Cristo era um dos principais elementos do ministério para o qual Paulo havia sido chamado na estrada de Damasco. O Senhor dissera a Ananias que Paulo era um instrumento escolhido dele para levar o evangelho tanto a gentios quanto a judeus (At 9.15).

Talvez hoje estejamos novamente vislumbrando essa maravilhosa convergência em Cristo nos jovens de origem judaica do mundo inteiro que parecem estar se voltando para a fé em Jesus como o Messias prometido. Muitos de nós, porém, ficamos tão acostumados com a natureza gentia da igreja que ignoramos o fato de que ouvimos o evangelho e respondemos a ele na condição de gentios, sendo enxertados na oliveira que Deus plantou em seu povo antigo (Rm 11.17-24).

Paulo nos diz que devemos nos admirar constantemente quando nos lembramos de que a igreja gentia tem suas raízes em um mundo judaico. Quem poderia ter

previsto o que Deus fez? Era um segredo, um mistério que Deus guardava consigo antes da vinda de Cristo.

Podemos examinar as implicações desse mistério de duas formas. Por um lado, a sabedoria de Deus em Jesus Cristo une judeu e gentio. Paulo tratara disso em Efésios 2. Os cristãos judeus e os cristãos gentios são irmãos em Cristo, compartilham as alianças e as promessas, são membros da mesma família e cidadãos do reino de Deus. A muralha que nos separava foi derrubada! Mas como? Incredivelmente (para Paulo), mediante a humilhação e a morte do Messias judeu!

Mas há uma segunda implicação no que Paulo diz sobre esse mistério: a união de gentios e judeus envolve a união de gentios e gentios. Em Cristo, diz Paulo, “não há grego nem judeu, circunciso nem incircunciso, bárbaro, cita, escravo ou livre, mas Cristo é tudo e está em todos” (Cl 3.11). A igreja é a forma visível e imperfeita do reino celestial de Deus. Nela as barreiras que erigimos com nosso pecado são derrubadas, porque Cristo habita em cada membro de sua igreja. O mesmo Cristo que habita em você habita em mim! Como, então, podemos erigir barreiras entre nós? Além disso, na igreja, Jesus Cristo é tudo em todos os que pertencem à comunhão. Todos nós confiamos nele, todos nós o amamos, adoramos e queremos servi-lo. O mesmo objetivo rege tudo o que fazemos: agradar a Cristo. Quando isso acontece, tudo o mais é secundário — dinheiro, origem, escolaridade, classe social, etnia, nacionalidade, tudo isso é relegado a segundo plano. Do caos das diferenças entre os homens, Deus tece uma magnífica tapeçaria para sua glória, uma paisagem multicolorida de sua sabedoria.

Esse é um dos grandes júbilos de pertencer a uma igreja cristã viva: poder olhar ao redor nos cultos e maravilhar-se com o modo pelo qual Deus nos trouxe por diferentes caminhos ao mesmo Cristo — não importa se somos pobres, sábios, simples, se temos este ou aquele sotaque: todos nós somos membros da mesma família. Não só isso, mas também, quando olhamos ao redor, vemos alguns que sofreram, outros que demonstraram enorme fé, outros ainda que foram

restaurados depois de um desvio, alguns que têm dons excelentes e outros que nos mostraram o amor de Cristo de um jeito especial. No que diz respeito à sabedoria de Deus, pode-se afirmar o que está escrito sobre sir Christopher Wren na Catedral de St. Paul, em Londres: “Se você procura o monumento em homenagem a ele, olhe ao redor!”. A igreja, como comunhão viva, é o monumento multicolorido que Deus erigiu à sua sabedoria. Nela podemos ver — basta olhar — quanto a sabedoria dele é maravilhosa. Vemos em sua obra maior na história que tudo o que ele faz é perfeitamente sábio. Também vemos, no quadro menor da vida de nossos irmãos e irmãs, que ele faz tudo com sabedoria e age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam e foram chamados de acordo com seu propósito (Rm 8.28).

* * *

Terceiro, a sabedoria de Deus se mostra no sofrimento da igreja, na experiência dos servos de Deus. Na conclusão de seu ensino nesse trecho de Efésios, Paulo apela: “Peço-lhes, portanto, que não desanimem por causa de meus sofrimentos por vocês, os quais são uma glória para vocês” (Ef 3.13). “Portanto” é uma palavra muito importante nos escritos de Paulo. Ela une a lição que ele está ministrando à aplicação prática e à conclusão dessa lição. É por isso que às vezes dizemos aos leitores novatos da Bíblia que, a toda ocorrência da palavra “portanto”, eles devem perguntar: “Por que esse ‘portanto’ está aqui?”. É uma boa regra para o estudo bíblico.

Aqui, Paulo está dizendo: “Em vista do que eu lhes disse sobre a sabedoria de Deus, não desanimem”. Mas por que eles desanimariam? “Por causa de meus sofrimentos”, é a resposta de Paulo. Dá para perceber o padrão de seu raciocínio. Ele estava na prisão. Talvez os cristãos estivessem pensando: “Se nosso líder foi silenciado, qual o sentido de seguirmos em frente?”. Eles estavam desanimados. Essa palavra é empregada no grego extrabíblico para designar a exaustão de uma mulher em trabalho de parto que está tão esgotada fisicamente que se sente incapaz de prosseguir.

Observe, porém, como Paulo os está estimulando. “Vocês estão falando como se eu fosse prisioneiro de César. Mas esse é apenas o fato superficial. Na verdade, eu sou ‘prisioneiro de Jesus Cristo’, e o motivo por que estou preso é ‘o bem dos gentios’. Meu sofrimento não é sem sentido; Deus tem um plano a cumprir por meio dele. Meus sofrimentos, na sabedoria de Deus, são ‘por vocês’ e para ‘a glória de vocês’”.

Assim, por que o “portanto” de Efésios 3.13 está ali? Paulo na verdade está dizendo: “Já que vocês viram a sabedoria de Deus no fundamento e na comunhão da igreja, vocês podem confiar na sabedoria do Senhor durante suas tribulações, mesmo quando não conseguem enxergar a sabedoria dele nem entender qual é o propósito dele? Se o Senhor me pôs aqui na prisão, só pode ser porque ele tem algum plano sábio em vista. Sem dúvida, vocês podem confiar nele!”.

No primeiro capítulo deste livro, vimos que o conhecimento de Deus requer paciência e perseverança. Aqui está um exemplo. Talvez no momento em que Paulo escreveu esse texto ele ainda não soubesse o que Deus ia fazer. Ele tinha de aprender a perseverar, esperar com paciência que o Senhor agisse. De fato, o Senhor agiu. Na Carta aos Filipenses, Paulo nos relata um dos efeitos de seu encarceramento:

Agora quero que saibam, irmãos, que o que me aconteceu na verdade serviu para fazer avançar o evangelho. Por consequência, ficou claro para toda a guarda do palácio e os demais que estou acorrentado por Cristo. Por causa de minhas correntes, a maioria dos irmãos no Senhor tem sido estimulada a anunciar a palavra de Deus com mais coragem e intrepidez (Fp 1.12-14).

Imagine a cena em escala cósmica. Paulo entra no cárcere, e a porta se fecha. Ele é prisioneiro de César. A igreja começa a desanimar. Talvez os anjos tenham ficado apreensivos mais uma vez. O que o Senhor está fazendo ao permitir que sua principal testemunha seja presa e aparentemente silenciada? Os “poderes e

autoridades” demoníacos batem palmas de alegria: Paulo foi silenciado, uma batalha foi ganha na guerra contra o céu. O inferno está em júbilo!

Entretanto, observe o que Deus está fazendo. Os soldados que guardam o prisioneiro vêm e vão. Eles percebem que esse Paulo não é um detento como qualquer outro. Ele está ali por causa de sua fé em Jesus Cristo. Os guardas que vigiam o prisioneiro são ouvintes cativos de seu ousado testemunho. A palavra se espalha por toda a guarda do palácio! Evidentemente Deus queria que o evangelho também os alcançasse, e que melhor maneira de realizar esse desejo do que essa? Logo a igreja fica sabendo, entende que Deus está agindo e é estimulada a servi-lo com mais coragem do que nunca. Sem dúvida, a “loucura de Deus” é mais sábia (e mais eficaz) que a “sabedoria dos homens”!

A peça de tapeçaria de Deus está sendo concluída dia a dia. Muitas vezes só enxergamos a parte de trás. Claro, podemos detectar algum padrão, mas há tantas pontas soltas que a imagem ainda não está clara. Mas, Paulo está dizendo, Deus lhes dá um vislumbre da parte da frente, da tecelagem perfeita da sabedoria divina, que resultará em “glória para vocês” (Ef 3.13). É por isso que você deve confiar sem reservas na sabedoria dele, mesmo quando não a compreende inteiramente. Olhe para a igreja mais uma vez, e mais outra, olhe sempre — para o fundamento dela na obra de Cristo, para a comunhão entre os irmãos, para seus sofrimentos — e tenha ânimo!

Quem são os homens e as mulheres cuja vida é uma demonstração da sabedoria de Deus? São aqueles que, como Paulo, podem afirmar que não são prisioneiros das circunstâncias, mas, sim, prisioneiros de Jesus Cristo. Eles não vivem para si mesmos, mas se dedicam a abençoar os outros. É essa a tela em que Deus pinta seu projeto perfeito. São os que têm esse “coração dedicado a Deus” que podem cantar: “Podemos confiar que tudo por nós ele fará; quem nele confiar um Deus veraz encontrará”.

Não admira que o próprio Paulo tenha recorrido à doxologia quando pensou

nessas coisas e orou: “Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que pedimos ou imaginamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus por todas as gerações, para todo o sempre! Amém” (Ef 3.20,21).

Será que não devemos fazer eco ao seu “Amém”?

O SANTO DE ISRAEL

Apenas palavras não são capazes de nos ensinar o que é a santidade de Deus. Nos homens, santidade verdadeira significa ser plenamente humano. Santidade significa ser separado do pecado, mas no sentido positivo significa ser completo, ser o que devemos ser: um verdadeiro homem ou mulher à imagem de Deus.

Porém, a santidade de Deus pertence a uma ordem diferente de coisas. Por certo, significa que Deus também é separado do pecado. Mas santidade em Deus significa igualmente inteireza. A santidade de Deus é sua “Deidade”. É seu ser Deus em tudo o que significa para ele ser Deus. Encontrar Deus em sua santidade, portanto, é ser completamente arrebatado pela descoberta de que ele é Deus, e não homem.

Em nosso conceito limitado de santidade, costumamos associá-la a determinadas seções da Bíblia. Pensamos corretamente que Levítico, por exemplo, nos ensina sobre santidade, no homem e em Deus. Mas em nenhuma outra passagem a santidade de Deus é mais plenamente exposta do que no ensino e na pregação do profeta Isaías. Ele conhecia o Senhor como “o Santo de Israel”. Em cerca de trinta ocasiões, Isaías usou esse título para Deus.

Por que ele fez isso? Provavelmente por causa de um padrão que ocorre com frequência no ministério de líderes piedosos e excepcionais da igreja. O peso de sua mensagem, o foco de seu conceito acerca do caráter de Deus, foi moldado pelas experiências formadoras que o introduziram no conhecimento do Senhor e no serviço do reino. Para Isaías, conhecer ao Senhor era ter comunhão com o Deus Santo. Ele estivera na presença de Deus e vira criaturas santas cobrirem o

rosto diante da santidade infinitamente maior de Deus. Ele ouvira essas criaturas responderem com gestos avassaladores de adoração a Deus: “Santo, santo, santo é o Senhor todo-poderoso; toda a terra está cheia de sua glória” (Is 6.3). Essa experiência determinou todo o curso e grande parte do conteúdo de seu ministério. Se analisarmos essa experiência, vamos descobrir mais sobre o que significa ter o coração dedicado ao verdadeiro Deus.

* * *

Sabemos o ano exato em que o jovem profeta Isaías se encontrou com Deus. Foi em 739 a.C. “No ano em que morreu o rei Uzias” (Is 6.1). Talvez Isaías estivesse no Templo. Mas ele foi transportado, espiritualmente, para o Templo Celestial. Ali ele viu o Senhor entronizado em glória e majestade, adorado incessantemente pelos serafins cujo crescendo de louvor fazia tudo ao redor estremecer e vibrar. “Ai de mim!”, exclamou o profeta, “Estou perdido! Pois sou homem de lábios impuros e vivo entre um povo de lábios impuros, e meus olhos viram o Rei, o Senhor todo-poderoso” (Is 6.5).

Contudo, a data do acontecimento não é tão significativa quanto sua ocasião. Isaías sublinha isso quando se refere ao ano em que viu o Senhor como “o ano em que morreu o rei Uzias”. Para nossos ouvidos, isso pode parecer corriqueiro, mas tal informação nos remete a uma das grandes tragédias da história do Antigo Testamento.

Uzias era filho de Amazias, um rei que “fez o que era certo aos olhos do Senhor, mas não de todo o coração” (2Cr 25.2). Ao contrário de seu pai, Uzias estava decidido a seguir ao Senhor sem transigir. “Ele buscou a Deus nos dias de Zacarias, que o instruiu no temor a Deus. Enquanto buscou o Senhor, Deus o fez prosperar [...] Sua fama se espalhou por toda a parte, pois foi muito ajudado até tornar-se poderoso” (2Cr 26.5,15). Todavia, enquanto a fraqueza de Amazias foi afrouxar os padrões de Deus, a fraqueza de Uzias foi não perseverar na humildade diante de Deus: “Depois que Uzias se tornou poderoso, seu orgulho

provocou sua queda. Ele foi infiel ao Senhor, o seu Deus, e entrou no templo do Senhor para queimar incenso no altar de incenso” (2Cr 26.16). Azarias, o sacerdote, junto com outros oitenta, o confrontou e repreendeu corajosamente. Os acontecimentos que se seguiram sem dúvida ficaram em primeiro lugar na mente de Isaías ao longo do ano em que ele se encontrou com Deus.

Uzias, que estava com um incensário na mão, pronto para queimar o incenso, ficou irado. Enquanto esbravejava contra os sacerdotes diante do altar do incenso do templo do Senhor, a lepra lhe surgiu na testa. Quando o sumo sacerdote Azarias e todos os demais sacerdotes olharam para ele, viram que estava com lepra na testa, por isso se apressaram em tirá-lo para fora do templo. Na verdade, ele próprio estava ansioso para sair, pois o Senhor o havia ferido.

O rei Uzias teve lepra até o dia em que morreu. Ele viveu em uma casa separada — leproso e excluído do templo do Senhor (2Cr 26.18-21).

Uzias subira ao trono aos dezesseis anos de idade. Tinha reinado durante meio século. No seu reinado, ocorrera enorme expansão. Ele buscara a Deus, e Deus o abençoara notavelmente. Seu reinado foi glorioso, longo o suficiente para haver prosperidade e estabilidade. Mas foi o que um comentarista chamou de “o reino glorioso com fim horrível”. Com seu orgulho, Uzias transgrediu as leis santas de Deus. Ele exibiu esse orgulho e a ira resultante no próprio lugar onde Deus devia ser conhecido como Senhor: o Templo. Ele também enfrentou a santidade de Deus e foi castigado por seu pecado e separado dos meios da graça.

Provavelmente o próprio Isaías estava no Templo quando teve sua maravilhosa visão. Imagine o que estava se passando na mente dele. Será que ele tinha algum entusiasmo pelas políticas de Uzias, que acabara de ser dolorosamente eliminado? Por que ele tinha ido ao Templo especificamente nesse dia? Será que era uma visita de rotina, ou talvez o aniversário da orgulhosa rebelião de Uzias? Será que Isaías fez o que a maioria de nós faria — caminhar pelo Templo pensando: “Foi aqui que Uzias veio naquele dia, ele foi ali para alcançar o altar

de incenso. Deve ser por aqui que Azarias e os sacerdotes devem ter vindo...?”. Enquanto meditava sobre a pecaminosidade do homem, talvez refletindo sobre alguns de seus próprios sermões nos quais procurara expor a pecaminosidade de seus contemporâneos, ele foi tomado pela sensação de ser alçado do tempo para a eternidade; conseguiu enxergar o Templo celestial para além do Templo de Jerusalém. Ali, assim como o apóstolo João, ele viu um trono e, assentado no trono, o Deus Eterno perante quem os seres viventes se prostram e “nunca cessam de dizer: Santo, santo, santo é o Senhor, Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir” (Ap 4.2,8).

Quem pode dizer exatamente que pensamentos foram o trampolim para a experiência de Isaías? Mas o importante é o que ele nos diz. Ele, que vira a queda do rei terreno em quem a nação depositara as esperanças e cuja confiança nos príncipes agora jazia estilhaçada aos seus pés, viu o Rei, o Senhor dos Exércitos! A experiência o deixou completa e absolutamente arrasado.

Em vários aspectos, Isaías 6 é o paralelo biográfico da grande cena do tribunal dos três primeiros capítulos da Carta aos Romanos. Ali Paulo reúne todas as provas para mostrar à humanidade que ela é culpada. Ele alega que homens e mulheres de toda parte, tanto judeus como gentios, são perversos e culpados diante de Deus. Cada parte do ser dos homens está corrompida. O mundo inteiro merece condenação. Quando estamos diante do trono do juízo, diz Paulo, toda boca se cala. Homens orgulhosos que tinham tanto a dizer de si mesmos calam-se estupefatos. Os que protestavam a favor de sua própria retidão sentem os protestos morrerem na garganta. Os homens descobrem o que são: pecadores perdidos, arruinados, culpados e condenados! Eles precisam clamar com o salmista: “Se tu, ó Senhor, tivesses um registro dos pecados, quem subsistiria?” (Sl 130.3; veja Rm 3.9-19).

O mesmo aconteceu a Isaías. Tudo o que ele pôde fazer foi confessar sua pecaminosidade diante do Deus três vezes santo. “Ai de mim!” foi tudo o que ele conseguiu dizer. Na presença daquele diante de quem os serafins velavam o rosto e cobriam os pés, Isaías alcançou uma autoimagem inteiramente nova. Ele

não era mais o pregador que expunha a pecaminosidade do povo. Ele era o servo diante do Mestre, com seu pecado exposto àquele que tudo vê e tudo sabe e é completamente santo. Conhecer a Deus dessa maneira foi, no sentido mais verdadeiro das palavras, o momento mais tremendo de sua vida.

Os estudiosos discutem o momento preciso do ministério de Isaías em que esse acontecimento se deu. Muitos propõem que o que temos aqui é seu chamado inicial. Mas seria bastante plausível sugerir que Isaías já era profeta e que a condenação do povo mencionada nos capítulos anteriores de sua profecia já caracterizava seu ministério. Se isso estiver correto (e eu creio que está), Isaías agora estava aprendendo a verdade daquilo que já vinha pregando, discernindo o peso real da sua mensagem e, o mais importante, descobrindo a pecaminosidade do seu próprio coração.

Talvez seja por isso que o foco da confissão de Isaías seja que ele é “um homem de lábios impuros”. Certamente, talvez ponderássemos, esse homem tinha os lábios mais puros de Jerusalém. Ele anunciava a santa Palavra de Deus! Talvez, mas aqueles que Deus usa passam a reconhecer que eles próprios são os principais pecadores (1Tm 1.12-16). O que Isaías na verdade estava descobrindo era que mesmo seus melhores feitos (pregar a Palavra de Deus) eram corrompidos e contaminados. Longe de ser “apto” para pregar, ele era por natureza totalmente desqualificado para fazê-lo. Eram seus atos de justiça que se assemelhavam a trapos imundos (Is 64.6).

Parece que alguns cristãos nunca fazem essa descoberta a respeito de si mesmos. Jamais chegam a perceber que são seus próprios “pontos fortes”, “qualidades” ou “dons” que precisam ser purificados por Deus. Nenhuma descoberta pode ser mais arrasadora. E, se há uma coisa que o senso da presença do Santo de Israel faz, é devastar um homem ou uma mulher. Assim, passamos a ser aqueles de quem Isaías mais tarde diria, em nome de Deus: “Este é quem eu estimo: aquele que é humilde e contrito de espírito, que treme ao som de minha palavra” (Is 66.2).

Há uma relação direta entre o senso arrasador da santidade de Deus e a qualidade do nosso serviço cristão. Ela dá um tom único ao modo pelo qual respondemos ao chamado de Deus: “Quem enviarei? E quem irá por nós?”. As pessoas em geral talvez digam: “Aqui estou eu. Envie-me!”. Mas só o homem ou a mulher que se prostrou em humildade diante do Senhor, como Isaías fez, fala no tom que Deus se agrada de ouvir.

Hoje há uma visão muito popular da vida cristã que considera esse tipo de conversa démodé. Afinal, Isaías não está falando da aterradora experiência do Antigo Testamento, muito anterior à revelação do caráter de Deus em Jesus Cristo?

Isso parece bem plausível e pode até parecer espiritual e bíblico. Infelizmente, contradiz o que as Escrituras afirmam com toda a clareza. O Evangelho de João cita Isaías 6.10:

Ele cegou os olhos deles

e lhes endureceu o coração,

para que não vejam com os olhos

nem entendam com o coração,

nem se convertam, e eu os cure (Jo 12.39,40).

Não há nada de extraordinário nessa afirmação. Extraordinário é o motivo por que Isaías, segundo João, a fez: “Isaías disse isso porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele” (Jo 12.41). Foi Jesus quem Isaías encontrou no Templo. Era Jesus a quem os serafins adoravam como o Senhor três vezes santo. Foi na presença de Jesus que Isaías descobriu que era totalmente pecador.

Também não foi uma experiência “veterotestamentária”. Lembra-se da reação de Simão Pedro a Jesus quando, à ordem de Jesus, os discípulos pescaram mais peixes do que suas redes podiam conter? “Quando Simão Pedro viu isso, caiu aos pés de Jesus e disse: ‘Afasta-te de mim, Senhor; sou um homem pecador’” (Lc 5.8). O que aconteceu com Pedro? Ele descobriu que sua maior aptidão natural (ele era pescador, Jesus era carpinteiro!) não era força nem conhecimento, mas, sim, fraqueza e ignorância! E, para que não pensemos (equivocadamente) que essa foi uma mera demonstração de emocionalismo por parte de Pedro, vamos pensar na experiência de João: “Quando o vi [a Jesus], caí a seus pés como morto” (Ap 1.17).

É esse o Cristo que você conhece? Deveria ser, porque não há nenhum outro Cristo senão esse. Ele é o Salvador Santo.

Mas que impressão essa experiência deixou em Isaías e que influência devemos esperar que esse encontro com o Santo de Israel exerça em moldar nossa vida?

Primeiro, vamos nos dar conta de que a santidade de Deus é a integridade total de seu ser. Encontrar-se com ele na sua santidade significa ser devastado por Deus. Os cristãos deste século às vezes usam a expressão “quebrantado diante de Deus”. Isso quase exprime o sentido do que as Escrituras estão dizendo, mas não exatamente. Porque Deus não “quebra” seus filhos (“Um caniço rachado ele não quebrará, e um pavio fumegante ele não apagará”, foi como Isaías depois falou do Servo do Senhor — Is 42.3). Na verdade, nossa experiência está mais para ser “desmantelados”. O puro poder da santa presença de Deus — sua “luz inacessível” (1Tm 6.16) — alcança os defeitos secretos, as incoerências

desconhecidas, as fraquezas morais, as transigências espirituais de nossa vida: “Nada em toda a criação está oculto aos olhos de Deus. Tudo está desvelado e exposto aos olhos daquele a quem teremos de prestar contas”, e a prova disso está no impacto da Palavra de Deus. Ela é “viva e ativa. Mais afiada que a espada de dois gumes, ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medula; ela julga os pensamentos e as atitudes do coração” (Hb 4.12,13).

O que acabamos descobrindo na santa presença de Deus é que somos o que nossos antecessores espirituais chamavam de “totalmente perversos”. Talvez não sejamos “tão maus quanto poderíamos ser”. Mas a questão é que nenhuma parte de nossa vida está livre da contaminação do pecado. Por toda parte existe uma força espiritual nos puxando para baixo. Nossa pecaminosidade gera “forças gravitacionais” espirituais que influenciam nossos mínimos atos e motivações. Na presença do Santo de Israel, só podemos dizer, como Paulo descobriu: “Não sou espiritual, fui vendido como escravo ao pecado [...] Que homem miserável eu sou!” (Rm 7.14,24).

Isaías enxergava essa presença generalizada do pecado nas pessoas. É por isso que sua pregação buscava retirar o verniz que lhes encobria a vida e mostrar sua verdadeira aparência diante de Deus. O corpo inteiro delas estava ferido, e seu coração, aflito; da sola dos pés ao topo da cabeça “não há nada sadio; só machucados e vergões e feridas abertas, não purificadas nem enfaixadas, nem ungidas com óleo” (Is 1.6). Na verdade, se Deus não tivesse demonstrado sua misericórdia, disse Isaías, “teríamos nos tornado como Sodoma, teríamos sido como Gomorra” (Is 1.9).

Você percebe a importância do que Isaías estava dizendo? Ele estava admoestando o povo por causa do pecado deles, mas o que ele descobriu no Templo foi que ele próprio era totalmente pecaminoso. Sua própria condição natural era sem esperança, a menos que Deus tivesse misericórdia dele. Como servo de Deus, agora ele estava descobrindo a extensão da influência do pecado em sua própria vida. Ele aprendeu isso na presença daquele que é o Santo.

Segundo, a repercussão imediata desse reconhecimento da santidade de Deus é que todo autoengano é contestado. Vemos com que facilidade nós nos equivocamos sobre nossa verdadeira situação espiritual, quanto somos superficiais quando pensamos em nosso relacionamento com Deus. Preferimos nos comparar informalmente aos outros e tirar a nota mínima para sermos aprovados segundo nossa própria estimativa. Mas agora, diante de Deus, somos “desenganados”, temos os olhos abertos. Descobrimos, assim como Robert Murray M’Cheyne, o jovem pregador escocês do século 19, que em nosso coração jazem as sementes de todos os pecados de que se tem conhecimento. Não fossem a criação que recebemos, o ambiente à nossa volta e a repressão da sociedade, nos entregaríamos com tudo a pecados imensuráveis.

Quem pode dizer a que ponto nos entregaríamos ao pecado se tivéssemos a garantia da imunidade a ser descobertos e expostos?

Tive o privilégio de participar de uma conferência com um escritor e palestrante, que também era um competente psiquiatra. Ele deu uma palestra de cujo impacto nunca me esqueci, por duas razões. A primeira foi o número de pessoas que ficaram perturbadas depois de ouvi-la (que era, pensei, precisamente como deviam ficar; e, suspeitei, a exata e necessária intenção do orador). A outra impressão indelével foi o modo discreto, mas completamente realista, pelo qual ele realizou a dissecação do cristão em toda a sua fragilidade e pecaminosidade. O orador havia catalogado alguns defeitos morais dos indivíduos e apresentou estatísticas que revelavam a facilidade com que os cristãos transigem seus princípios morais quando acham que ninguém os está observando nem os pode observar. A palestra foi completamente sóbria e racional; não houve nenhum histrionismo, apenas uma análise insistente e devastadora dos cristãos. Ele não ofereceu graça barata, apenas realidades dolorosas. Talvez suas descobertas expliquem em parte a reação suscitada: é tão difícil enfrentar um fato básico de nossa identidade — o fato de que pervertemos e profanamos a gloriosa imagem de Deus.

Confesso que precisei lutar para conter minha forte emoção. Eu queria chorar

muito — pela igreja, pelos cristãos que eu sabia terem caído em pecado público, pela conferência a que estava assistindo, pelo receio de que a nota profética sobre o que estava sendo dito não fosse ouvida e por mim mesmo, com toda a minha fraqueza e fragilidade moral.

Por que essa palestra foi tão devastadora? Não houve nenhuma tentativa de manipular emoções. Mas, em tudo o que foi dito, identifiquei um padrão: ali estava o cristão como de fato ele era, observado pela perspectiva da santidade de Deus. Nós havíamos recebido conhecimento de Deus e de nós mesmos. Fôramos confrontados com nossa desintegração moral. Eu, de minha parte, identifiquei-me com o clamor de Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou homem de lábios impuros [...] e meus olhos viram o Rei, o Senhor todo-poderoso”. Isaías estava certo: somos desastres morais, e é somente pela graça de Deus que somos protegidos diariamente da autodestruição total.

Quando a alvorada desse dia da santidade de Deus raia em nosso espírito, somos libertos de todos os pensamentos superficiais e inadequados sobre nossa própria santificação. Também somos protegidos de todo ensinamento barato que nos incentiva a crer que existem atalhos pelos quais podemos obter a santidade mais facilmente. A santidade não é uma experiência; é a reintegração de nosso caráter, a reconstrução de uma ruína. É trabalho especializado e esmerado, um projeto de longo prazo, que exige tudo o que Deus nos deu para a vida e a piedade.

A descoberta da santidade de Deus nos ensina que não podemos mais servi-lo pela transformação dos aspectos exteriores da vida (por mais importante que ela às vezes possa ser). Entendemos então que temos de lidar com o pecado pelo que ele é e “mortificar” o que pertence à carne:

Mortifiquem, portanto, tudo aquilo que pertence à sua natureza terrena [a carne]: imoralidade sexual, impureza, luxúria, desejos malignos e ganância, que é idolatria [...] Mas agora vocês devem se livrar de todas estas coisas: ira, cólera, maldade, calúnias e palavras torpes de seus lábios. Não mintam uns aos outros,

uma vez que vocês se despiram do antigo eu e suas práticas e se revestiram do novo eu [...]

Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e muito amado, revistam-se de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros... (Cl 3.5-13).

A santidade de Deus nos ensina que só há um modo de lidar com o pecado: de forma radical, séria, dolorosa e constante. Se você não vive assim, não vive na presença do Santo de Israel.

A descoberta da santidade de Deus tem um terceiro impacto profundo em nossa vida: Alcançamos uma consciência mais profunda das bem-aventuranças do perdão. Sem dúvida isso se aplica a Isaías. Ele viu um dos serafins voando em sua direção assim que confessou sua terrível culpa e impureza. O serafim carregava uma brasa viva — na mão — tirada com uma tenaz do altar de fogo e sacrifício do Templo. Com a brasa viva, ele tocou a boca de Isaías! Imagine que dor lancinante. Imagine também quanto esse gesto foi apropriado para um homem de lábios impuros. “Veja”, disse o serafim, “isto tocou os seus lábios; sua culpa foi levada e seu pecado foi expiado” (Is 6.7).

Isaías provou essa purificação em uma visão. Mas sua visão foi, com efeito, um prenúncio da cruz. Também na cruz a santidade de Deus se tornou visível, nas trevas do juízo que envolveram nosso Senhor no Calvário; ali também essa santidade se fez audível, quando na cruz ele levou sobre si os pecados de seu povo, como se dissesse: “Assumo o lugar do homem de lábios impuros e do povo de lábios impuros”, ao mesmo tempo que bradava: “Deus meu, Deus meu, estou desamparado. Por quê?”. Deus ali revelou quanto é santo, castigando seu próprio Filho quando este apareceu diante dele nos trajes da pecaminosidade do homem.

Contudo, do altar da cruz, outro Serafim voa em nossa direção. Trata-se do Espírito que Queima. Ele nos traz fogo do altar do Calvário, com o qual nossos pecados são perdoados e purificados. Na redescoberta de nossa condição de pecadores, aprendemos o que isso significa: aqueles a quem muito é perdoado, muito amam. E descobrimos que o alicerce de nosso amor pelo Senhor está no reconhecimento de sua santidade, de nossa pecaminosidade e de sua graça.

* * *

O efeito do encontro com o Santo foi o preparo de Isaías para o ministério. Aquele que fitou sua própria pecaminosidade será capaz de perseverar diante dos reveses. Não se surpreenderá com os pecados daqueles a quem ministra; se entristecerá por eles. Chorar pelos pecados de seus companheiros, bem como pelos seus próprios pecados; mas não se desesperará por causa deles, pois tem uma visão realista, e não superficial, de si mesmo. Não só isso, mas também tem uma visão gloriosa de Deus e de seu poder de salvar e guardar. O homem que pouco viu de seu próprio pecado também terá pouca familiaridade com as maravilhas da graça. O homem cujo olhar penetrou seu próprio coração com auxílio da iluminação divina e que viu a graça de Cristo mediante essa luz é aquele que, por muito amar, muito se doará.

O que sabemos de Deus molda o ministério e o serviço que prestamos. Talvez em nenhum outro ponto essa verdade seja mais crítica do que este: quem quer saber o que é ser frutífero deve saber o que é a santidade de Deus.

O PROVEDOR FIEL

A providência de Deus é o meio pelo qual ele governa todas as coisas com sabedoria, primeiro para a glória de seu nome e segundo para as bênçãos de seus filhos. Sem dúvida, a providência de Deus está intimamente ligada à sabedoria dele. Precisamos confiar que todas as coisas cooperam juntas para o nosso bem, se quisermos ser capazes de lidar com o que nos parecem ser os aspectos “não bons” da vida. É por isso que a Bíblia nos ensina de muitas formas que todo acontecimento da vida e toda circunstância de cada dia são guiados pela mão de nosso Pai. Ele contou os fios de cabelo de nossa cabeça (Mt 10.30). Nenhum detalhe de nossa vida está fora de seu propósito e seu controle.

A ideia gera dificuldades para alguns cristãos, que se perguntam: “Se eu acreditar que Deus está universalmente no controle de sua providência no mundo, será que isso não me paralisaria, não me faria pensar que nada do que faço na verdade importa?”. Na verdade, como a vida de muitos cristãos demonstra — e como a vida do Senhor Jesus Cristo mostra com muita clareza —, acreditar no completo controle e providência de Deus tem o efeito oposto. Em vez de nos desestimular, isso nos encoraja! É por essa razão, afinal, que Deus nos ensinou sobre sua providência em sua Palavra! Sabemos que coisa alguma (tribulações, dificuldades, perseguição, fome, nudez, perigo, espada — todos os elementos do mundo que Deus providencialmente governa) pode nos separar do amor de Deus em Cristo. Como sabemos isso? A resposta de Paulo é que sabemos que Deus tem um propósito por meio dessas coisas. Ele é por nós (Rm 8.31) e, portanto, no final das contas, nenhuma de nossas circunstâncias pode ser contra nós. Elas servem ao propósito de Deus e, dessa forma, devem servir para nossa bênção.

Podemos estudar a doutrina bíblica da providência de Deus de diferentes

maneiras. Podemos, por exemplo, fazer um apanhado de tudo o que a Bíblia ensina sobre o tema, reunir tudo de forma mais ou menos sistemática e examinar o que juntamos. Cada doutrina bíblica é uma joia multifacetada, e podemos aprender muito procurando entender todas as facetas de cada uma dessas joias.

De outro modo, podemos nos concentrar em uma das maravilhosas declarações das Escrituras sobre a providência de Deus. Romanos 8.28, por exemplo, renderia um excelente estudo. Começando com o fato de que Deus faz todas as coisas cooperarem para o nosso bem de acordo com seu propósito, poderíamos refletir sobre qual é esse propósito e sobre os diferentes meios pelos quais aparentemente Deus o está realizando em nossa vida. Mais uma vez, esse seria um procedimento perfeitamente legítimo e demonstraria ser muito instrutivo.

No entanto, um terceiro modo de abordar a providência de Deus consiste em rastreá-la biograficamente na vida de algum personagem das Escrituras. Alguns personagens bíblicos nos dariam exemplos extraordinários nesse aspecto. José é um deles. Lembre-se de que, ao recordar as experiências do passado, ele pôde dizer aos irmãos: “Vocês pretendiam me prejudicar, mas Deus planejou isso para o bem, para realizar o que agora está sendo feito, a salvação de muitas vidas. Por isso, não temam. Eu providerei para vocês e seus filhos” (Gn 50.19,20). A promessa de José de prover para as famílias de seus irmãos baseia-se no conhecimento de que Deus proveu para ele, a fim de abençoar sua vida e a vida de outros por meio dele. O que seus irmãos fizeram foi realmente significativo — e feriu José profundamente. Mas José teve olhos para ver que Deus também estava agindo e que seus propósitos tinham sido cumpridos não só apesar de seus irmãos, mas inclusive por meio das ações deles!

Podemos delinear o mesmo padrão na vida de Paulo. Pense, por exemplo, na longa narrativa de Atos, desde o apelo de Paulo a César até o momento em que ele chega a Roma (At 26.10—28.31). Todos esses acontecimentos cumprem o desejo que Paulo recebeu de Deus de pregar o evangelho também em Roma (Rm 1.13). Mas também mostram que, em cada passo do caminho, Deus estava no controle e proporcionou a Paulo oportunidades de dar testemunho de Cristo que

não seriam possíveis de outra forma.

O exemplo de providência divina que mais costuma ser ignorado é o ministério do próprio Jesus. Eis o exemplo perfeito de alguém cuja vida estava sob o controle do Pai celestial, alguém que enfrentou oposição, dor, frustração e finalmente rejeição; contudo, foram precisamente esses os meios que Deus usou para realizar seu plano perfeito. Ao menos era essa a concepção de Simão Pedro no Dia de Pentecostes: “Este homem lhes foi entregue pelo propósito determinado e a presciência de Deus; e vocês, com a ajuda de homens maus, o mataram ao pregá-lo na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, libertando-o da agonia da morte, porque era impossível que a morte o retivesse” (At 2.23,24). Aqui são postos lado a lado dois fatos: 1) a realidade dos feitos malignos dos homens e do sofrimento de Jesus; e 2) o plano de Deus realizado exatamente mediante esses atos. Aí está, sem dúvida, a providência de Deus. Aí também, na obediência livre e voluntária de Jesus ao Pai, vemos que o propósito soberano de Deus não negou o senso de responsabilidade de Cristo, mas, sim, o incentivou.

José, Paulo e Jesus são exemplos relativamente óbvios da ação da providência de Deus. Um exemplo menos óbvio, contudo, mas igualmente claro, está escondido no Antigo Testamento, no livro de Rute. Noemi, a sogra de Rute, é uma ilustração um pouco diferente, mas nem por isso menos valiosa, dos meios formidáveis com que Deus governa e provê para realizar seu propósito.

Em alguns aspectos, Noemi é um exemplo especialmente valioso. Ela é mulher e experimentou os grandes princípios da graça de Deus em circunstâncias com que as mulheres em particular podem se identificar. Não só isso, mas sua vida ilustra um importante princípio da providência divina: a obra de Deus em nossa vida em geral começa com sua obra na vida de outra pessoa. Embora o livro de Rute trate realmente da vida de Rute, o primeiro capítulo (que trata sobretudo de Noemi) nos ensina que o que Deus planejava realizar em Rute e por meio dela na verdade começou com o que ele já havia feito em Noemi e por meio dela!

* * *

O contexto histórico da narrativa do livro de Rute é o período dos juízes, quando “Israel não tinha rei; todo mundo fazia o que lhe parecia certo” (Jz 21.25). O livro de Juízes retrata a rebeldia do povo de Deus contra ele e a provisão divina ao libertá-los das consequências das tolices que praticaram, a fim de cumprir seus propósitos nesse povo. É a história de uma nação que Deus libertou e protegeu, “como a águia que revolve seu ninho e paira sobre os filhotes, estende as asas para apanhá-los e os carrega sobre elas” (Dt 32.11). Em certo sentido, Rute é uma história sobre o mesmo Deus fazendo a mesma coisa, mas em um contexto familiar, e não nacional. A mensagem do livro se resume nas palavras de Boaz a Rute, que empregam a mesma metáfora: “Que você seja ricamente recompensada pelo Senhor, o Deus de Israel, sob cujas asas você veio buscar refúgio” (Rt 2.12). Buscar refúgio sob as asas do Senhor é tão somente outro modo de falar da experiência da salvação e da providência de Deus. É o que o salmo 91 chama de morar “no abrigo do Altíssimo” e descansar “à sombra do Todo-Poderoso”. Nossa confiança, portanto, é esta: “Ele o cobrirá com suas penas, e sob suas asas você encontrará abrigo; sua fidelidade será o escudo que o protege...”. É isso que significa dizer: “Direi do Senhor: ‘Tu és meu refúgio e minha fortaleza, meu Deus, em quem confio’” (Sl 91.1,4,2).

Noemi descobriu esse refúgio sob as asas de Deus mediante experiências bastante sombrias e em situações difíceis de entender. Mas, quando as situamos em um contexto maior, quatro lições ficam claras. Em primeiro lugar, as providências de Deus às vezes são dolorosas e severas; em segundo lugar, por meio dessas experiências ele pode tocar a vida dos outros; em terceiro lugar, ele nos faz entender seus métodos de lidar conosco mediante essas experiências, entendimento que sem elas não obteríamos; e, em quarto lugar, Deus cumpre seus propósitos por nosso intermédio de maneiras que ultrapassam em muito nossas expectativas.

Cada um desses aspectos da providência divina está gravado na vida de Noemi.

Observe o catálogo de tristezas e tragédias pessoais com que o livro de Rute se inicia:

Nos dias em que os juízes governavam, houve fome na terra, e um homem de Belém de Judá, com a mulher e os dois filhos, foi viver por um tempo na terra de Moabe. Seu nome era Elimeleque, o de sua mulher, Noemi, e os nomes dos dois filhos eram Malom e Quiliom. Eles eram efrateus de Belém de Judá. E foram a Moabe e viveram ali.

Elimeleque, marido de Noemi, morreu, e lhe sobraram os dois filhos. Eles se casaram com mulheres moabitas, uma chamada Orfa e a outra, Rute. Depois de lá viverem por quase dez anos, morreram também Malom e Quiliom, e Noemi ficou sem os dois filhos e sem o marido (Rt 1.1-5).

Devastador, não é? Muito mais quando lemos a passagem prestando atenção ao simbolismo expresso nos nomes dos personagens.

Eis uma jovem com dois filhos. O nome dela significa “agradável”. Mas nada na vida dela é agradável. O nome de cada um dos filhos revela um fardo secreto que ela carregou desde o instante do nascimento deles, pois Malom significa “fraco”, e Quiliom significa “anseio”. Como o tempo confirma, a vida deles parecia estar por um fio desde as primeiras horas de seu nascimento. Só uma mãe que teme diariamente pelo bem-estar dos filhos pode entender de fato a grande sombra que essa apreensão lançava sobre o caminho de Noemi.

O marido de Noemi, em contrapartida, tem um nome glorioso, Elimeleque (El-i = Meu Deus; melech = Rei). Mas, quando o juízo divino sobrevém ao povo de Deus e passa a haver fome na terra (talvez como a situação descrita em Juízes 6.1-6), em vez de se voltar para o Senhor, arrependido pelos pecados do povo, Elimeleque se afasta da terra em que Deus prometeu abençoar e guardar seu

povo e se dirige à terra de Moabe para ali “viver por um tempo”.

É perfeitamente compreensível sair de uma terra atribulada. Muitos homens emigraram para construir uma vida melhor para si e sua família. Não há nada de intrinsecamente errado na emigração! No entanto, havia algo espiritualmente sinistro na atitude de Elimeleque, pois ele estava deixando a terra de Deus, afastando-se assim das promessas que Deus fizera. Ele devia ter feito jus ao próprio nome e pedido a Deus que perdoasse seu povo e lhe restaurasse a riqueza. Isso é ressaltado na intenção da família de passar apenas um breve período em Moabe (“viver por um tempo”, v. 1). Contudo, pelo menos dez anos transcorreram sem nenhum indício de retorno (Rt 1.4). A essa altura, tanto o pai quanto os dois rapazes jaziam em sepulcros moabitas.

Não podemos saber quanta responsabilidade a própria Noemi teve por essas decisões — embora seja raro um casamento em que a mulher não tenha nenhuma voz! Não precisamos tampouco nos pronunciar sobre quanto a morte dos três homens representa alguma espécie de julgamento sobre a vida deles. O que está evidente é que essas experiências representam um rol incomum de tristezas na vida de uma mulher. Uma coisa é ser viúva; outra é ser viúva em terra estrangeira; outra ainda é uma viúva ver os frutos de seu ventre lhe serem tomados prematuramente pela morte. Sem dúvida, o terceiro luto aumentou em dobro a dor do segundo e fez Noemi achar que o mundo não só ficara vazio, mas também dolorido e tenebroso. Ela foi excluída do passado pela emigração, excluída do presente pela perda do marido e excluída do futuro pela morte dos filhos antes que eles tivessem filhos.

Diante de providências tão severas em sua vida, Noemi tinha duas opções: afastar-se de Deus e voltar-se para seu próprio desespero ou voltar-se para Deus e afastar-se de seu desespero. Ela escolheu a segunda alternativa: voltou-se para o Senhor e retornou ao povo dele. Ela ouviu que ele, por misericórdia, tinha vindo em socorro de seu povo (Rt 1.6). Noemi sabia que também precisava do auxílio dele, por isso partiu de volta para Belém.

Não podemos emitir um juízo definitivo sobre todos os detalhes da mão de Deus na vida e na experiência de Noemi, mas uma coisa é clara: com essas experiências sombrias, todos os possíveis substitutos de Deus na vida dela foram removidos, toda potencial barreira foi derrubada. Com essa série de tragédias, Deus estava resgatando Noemi para ele.

Esse resgate é sempre o propósito do governo providencial de Deus na vida de seus filhos. Podemos achar que tamanha severidade não é compatível com o que conhecemos da bondade e compaixão de Deus. Mas isso é porque não entendemos a seriedade do amor de Deus por nós e quanto ele está determinado a nos fazer receber o melhor que ele tem para nos dar, mesmo que isso signifique dor. No caso de Noemi, essas dores da providência estão registradas em letras maiúsculas. Mas Deus as escreveu dessa forma em parte para nos ajudar a ler o que ele escreve em nossa vida com letras minúsculas e às vezes até em taquigrafia. A mensagem é a mesma: Ele não medirá esforços para nos abençoar! Em resumo, é isso que a providência de Deus significa de fato.

* * *

A providência de Deus na vida de Noemi, contudo, não se restringe à sua restauração pessoal. A narrativa primorosa de Rute 1 prossegue, relatando a viagem em que Noemi foi acompanhada de suas noras, Orfa e Rute. Elas chegaram ao cruzamento entre Moabe e Belém — um “ponto sem volta”. Noemi mandou que as duas voltassem para a família delas. Orou para que recebessem as bênçãos de um novo casamento, um novo lar e uma nova família no seu próprio povo (fato que levou o comentarista Matthew Henry a observar, com alguma ironia, que as orações de uma sogra não devem ser desprezadas!). As jovens lhe garantiram que permaneceriam com ela.

Mas então aconteceu algo novo: Noemi lhes falou mais diretamente sobre o custo de ir com ela até o povo de Deus. Isso podia significar que as noras tivessem de permanecer solteiras para o resto da vida. Esse desafio, profundo

como é hoje, era ainda mais sério naquela época, em que a mulher dependia do casamento para seu sustento por toda a vida.

O que é tão notável na fala de Noemi? Pela primeira vez naqueles dez anos, Noemi estava espiritualmente preparada para falar a outras pessoas sobre o preço do discipulado — porque ela mesma o estava pagando! Considerando que ela não era mais tão somente uma sofredora, mas agora era uma discípula (ou pelo menos uma penitente que retornava à sua terra), suas noras podiam ver na vida dela a essência do discipulado a que aspiravam. O que ela lhes dissera sobre seu custo agora lhes fazia sentido.

Uma das noras retornou a Moabe. Mas a outra, Rute, prosseguiu até Belém com Noemi. Ela disse à sogra:

Não insistas comigo para que te deixe e te dê as costas. Aonde fores irei, onde ficares ficarei. Teu povo será meu povo e teu Deus será meu Deus. Onde morreres morrerei, e ali serei sepultada. Que Deus me trate ainda com mais severidade se outra coisa que não a morte me separar de ti (Rt 1.16,17).

As palavras de Rute muitas vezes são interpretadas como a expressão perfeita da lealdade de uma mulher à outra. De fato, elas expressam essa lealdade muito belamente. Todavia, ver apenas isso nelas é um equívoco, pois elas exprimem uma lealdade mais elevada, como um mínimo de conhecimento dos termos bíblicos demonstra. Rute está na verdade confessando sua conversão ao Senhor e sua confiança nele. É por isso que suas palavras tantas vezes nos lembram as palavras com que Deus normalmente confirmava sua aliança com seu povo: “Eu serei seu Deus, e vocês serão meu povo” (Lv 26.12; veja tb. Êx 6.7; Jr 11.4; 30.3). Rute está se apropriando da promessa da aliança de Deus de graça e provisão para seu povo e dizendo: “Entrego-me a seu Deus, Noemi, e me comprometo com os que são o povo dele e o seu povo — por toda a minha vida!”.

Aqui está, em parte, a explicação das trevas que Noemi teve de atravessar. Assim como o meio usado por Deus para alcançar os soldados romanos foi permitir o encarceramento de Paulo, assim também, para fazer Rute entrar no seu reino, ele agiu por meio dos sofrimentos de Noemi. O que parecia sua providência especial na vida de Noemi foi também sua providência especial na vida de Rute. Deus sempre está pelo menos um passo à frente de nós em seus planos!

Contudo, ser útil nas mãos de Deus não é necessariamente a mesma coisa que ter um coração dedicado a Deus. Às vezes o Senhor nos usa apesar de nós mesmos. Simplesmente não é bíblico dizer que ele não nos usará se não lhe formos obedientes e não vivermos na plenitude do Espírito. Ele talvez nos “use” mesmo se nosso coração não estiver sintonizado com ele. Deus realiza seus planos à sua maneira. Mas ele quer usar aqueles que têm o coração disposto a amá-lo e servi-lo. Os últimos versículos de Rute 1 indicam que Noemi tinha um coração assim.

No mercado local de Belém, as senhoras se reuniam para comentar a fofoca do dia. Na boca de todas estava a volta de Noemi e de sua nora, Rute. “É mesmo a Noemi?”, perguntavam algumas; ela parecia tão diferente — não só mais velha, mas mudada, de alguma forma.

A mudança não era aquela da simples passagem do tempo. Era mais profunda, de natureza espiritual. Ela deixou a cidade em polvorosa. Às vezes tem-se o privilégio de ver esse tipo de fenômeno: a vida de um cristão tão transformada, tão restaurada, que talvez as pessoas não consigam falar de outra coisa. Lembro-me de ser perguntado a respeito de uma mudança assim em alguém que eu conhecia — por uma completa desconhecida, tanto de mim quanto da pessoa cuja vida havia sido transformada. Essa pessoa ouvira por terceiros sobre a “mudança que havia ocorrido” em alguém de outra cidade. “Você ficou sabendo que...? É verdade mesmo o que ouvi a respeito da mudança?”. Esse tipo de transformação é uma coisa gloriosa de testemunhar. Acontecera com Noemi. E agora Noemi desejava explicá-la. Sua mudança devia-se à mão de Deus, à providência dele.

John Flavel, um dos grandes pregadores puritanos ingleses do século 17, certa vez observou que a providência de Deus é como uma palavra hebraica: ela só pode ser lida de trás para a frente! É isso que vemos Noemi fazer aqui: ela confessa a providência de Deus em sua vida, providência que ela só está começando a entender.

Noemi tem três coisas a dizer. “Não me chamem Noemi, chamem-me Mara, pois o Senhor tornou minha vida muito amarga.” Não se equivoque ao ler essas palavras. Noemi não diz que ela tem o espírito amargo, mas que a vida lhe tem sido amarga. A diferença é monumental. A pessoa que tem o coração dedicado a Deus pode ter uma vida amarga sem que seu coração fique amargo. Noemi está dizendo: “Quero mudar de nome, de ‘Agradável’ para ‘Amarga’, para dar testemunho da necessidade de Deus me enviar experiências amargas para tornar minha vida doce. Minha vida não tem sido agradável, mas amarga; todavia, quero que o resto de minha vida dê testemunho daquilo que Deus pode fazer mediante essas experiências amargas”.

A segunda parte do testemunho de Noemi acerca da providência de Deus é: “Saí daqui cheia, mas o Senhor me trouxe de volta vazia”. A viagem da família a Moabe em tempo de fome dá a entender que “cheia” significa “cheios de si; cheios de esperanças e planos”, e não “materialmente prósperos”. Nesse caso, Noemi havia de fato retornado “vazia”. Sua família lhe fora tirada; seu orgulho fora destruído. Ela não tinha nada. Não podia ter certeza de que receberia algo além de desprezo aos olhos de seus vizinhos. Contudo, o fato grandioso que ela enxergou foi que o Senhor a trouxera de volta — à terra dele, ao povo dele e para ele.

Em terceiro lugar, Noemi chega à conclusão lógica daquilo que vinha dizendo. Podemos hesitar em dizer isso sobre ela, mas ela mesma diz: “O Senhor me afligiu, o Todo-Poderoso trouxe infortúnio sobre mim”. Contudo, na essência da confissão, saída à força de seus lábios, está “o Senhor” (ela usa o nome da

aliança, Yahweh). Nele estava sua segurança, embora ela não tivesse nada; nele estava sua esperança em uma situação de desespero: o Senhor se recusara a abandoná-la. Como o pastor de suas ovelhas, ele havia enviado os cães-pastores da tristeza e da aflição para trazê-la de volta para casa. Agora ela estava de volta ao aprisco e podia dizer com o salmista: “Antes de ser afligido eu andei desviado, mas agora obedeço à tua palavra” (Sl 119.67).

Todavia, nem mesmo essa restauração explica adequadamente todas as experiências de Noemi. Achemos instintivamente que deve haver algo mais. Quando um grão de trigo cai na terra e morre, disse Jesus, ele dá muito fruto (Jo 12.24). Não há nessa metáfora de Jesus um padrão semelhante ao da experiência de Noemi? De fato, sim, mas temos de analisar uma passagem posterior das Escrituras para encontrá-lo.

Você já leu o livro de Rute do começo ao fim? Para nossa mente ocidental, ele tem uma conclusão estranha, anticlimática — uma árvore genealógica:

Perez foi o pai de Hezrom;

Hezrom, o pai de Rão;

Rão, o pai de Aminadabe;

Aminadabe, o pai de Naassom;

Naassom, o pai de Salmom;

Salmom, o pai de Boaz;

Boaz [o marido de Rute], o pai de Obede;

Obede, o pai de Jessé;

e Jessé, o pai de Davi (Rt 4.18-21).

Você percebe a importância dessa árvore genealógica? Procure pensar nela com esta pergunta: O que Deus estava planejando com a emigração de Noemi, a morte trágica do marido dela, o casamento de seu filho com Rute, a morte de ambos os filhos e a longa e humilhante jornada de volta a Belém? Não era apenas a restauração espiritual de Noemi, nem a conversão de Rute e seu posterior casamento com Boaz, nem mesmo a felicidade de Rute por se tornar mãe e a de Noemi por se tornar avó (finalmente!). Claro que tudo isso era fruto generoso da providência divina, mas Deus estava planejando muito mais. Ele estava planejando a árvore genealógica e as influências familiares da vida do grande rei Davi!

Porém, precisamos ir ainda além. Pois a genealogia de Rute é encontrada em outra passagem das Escrituras: no primeiro capítulo do Novo Testamento, que repete a genealogia de Davi. Nesse contexto, porém, não se trata da genealogia de Davi, mas, sim, da árvore genealógica de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo! Em última análise, esse era o plano de Deus. Essa é a explicação definitiva do mistério da providência de Deus na vida de Noemi. Do ponto de vista humano, Deus estava planejando bênçãos indizíveis para a humanidade. Ele estava trabalhando em solo profundo. Séculos antes da encarnação, ele estava conclamando a seus divinos propósitos o sofrimento de Noemi!

De ocultas fontes faz nascer,

com firme precisão,

desígnios que nos fazem ver

sua soberana mão.

O que Deus fez em larga escala na vida de Noemi, ele continua fazendo em pequena escala em sua providência em nossa vida. Seus propósitos para o futuro imediato dependem de nossa resposta às suas providências no presente. Mas gerações além da nossa também serão afetadas por nossa resposta a ele. Pois Deus nos chamou para seu reino, para o centro de seus propósitos. Que privilégio! Para a pessoa que tem o coração dedicado a Deus, esta é uma das verdades mais gloriosas: em sua sabedoria e em seu governo, Deus faz muito mais do que tudo quanto poderíamos pedir ou pensar:

Deus não se vê com a vã razão,

mas, crendo em seu amor,

por trás de austera provisão,

sorri com seu favor.

— William Cowper

ADOREMOS A DEUS!

Nas igrejas em que fui criado, todo culto em provavelmente toda congregação começava com as mesmas três palavras. Imagino que meu avô também as ouvia no começo dos cultos que frequentava e que o avô dele também as ouvia. Hoje em dia, não se ouvem mais essas palavras com a mesma frequência, mas elas exprimem com perfeição o propósito do culto. Também exprimem o que nosso estudo nos capítulos anteriores devia gerar em nosso coração.

As famosas palavras são: “Adoremos a Deus”. A. W. Tozer certa vez disse que a adoração é “a joia que está faltando na igreja evangélica”. Ele estava quase inteiramente certo. Temos muitos prédios com instalações espaçosas; temos cursos e organizações, tanto dentro como fora de nossas igrejas. Temos literatura cristã, fitas e discos de música, temos vídeos, conferências e seminários cristãos; contudo, a pergunta é inevitável: “Será que estamos adorando ao Senhor com maior habilidade, com alegria e intensidade renovadas, por causa dessas coisas?”. É claro que elas são boas e valiosas em si, mas a questão não é essa. A questão é se elas nos têm levado, ou se temos permitido que elas nos levem, à essência de tudo: a adoração a Deus, para a qual fomos criados e para a qual fomos redimidos pela sua graça.

Quando Deus está no centro das coisas, a adoração é inevitável. Onde não existe espírito de adoração, aí Deus foi destronado e substituído. Se o que aprendemos juntos até aqui sobre o caráter de Deus deve produzir algo em nós, que seja nos fazer adorar. Essa era uma das grandes preocupações de Paulo em relação à igreja de Corinto, que estava dando atenção excessiva a questões menores. O anseio de Paulo era que, quando um estranho comparecesse à celebração deles e ouvisse a Palavra de Deus proclamada entre eles, essa pessoa se prostrasse e confessasse em adoração: “Deus realmente está entre vocês” (1Co 11.25). Mas

isso estava acontecendo com tão pouca frequência em Corinto quanto acontece em nossas congregações hoje. Por quê? Porque preocupações secundárias cegaram os olhos da igreja para sua verdadeira função: adorar a Deus.

Podemos retrucar dizendo que a igreja existe — nós existimos — para outras coisas. Verdade! Mas nosso problema não é a falta de outros compromissos. Na verdade, nosso problema é que também somos tão ineficientes em tantos desses compromissos (evangelismo, comunhão da igreja, ação social) porque somos incompetentes neste compromisso central: não adoramos o Senhor como deveríamos. Uma de nossas grandes necessidades, portanto, agora que estamos chegando ao fim deste estudo sobre o caráter de Deus, é refletir com mais atenção e seriedade sobre a adoração.

É exatamente para nos estimular nesse sentido que o salmo 92 foi escrito. Seu título é: “Cântico. Para o dia de sábado”. Obviamente, o salmo foi escrito por alguém que atingira uma compreensão mais profunda do que significa adorar a Deus. Por isso, ele falou de sua experiência nesse lindo poema, em que abre o coração para Deus e dá exemplo do verdadeiro espírito de louvor e adoração. Esse salmo “para o dia de sábado” se destina supostamente a instruir e estimular o povo de Deus a se entregar mais livre e plenamente à adoração nesse dia.

O salmo abrange quatro áreas específicas: a base, as bênçãos, o caráter e o fruto da verdadeira adoração espiritual.

É bom louvar ao Senhor e entoar cânticos ao teu nome,

ó Altíssimo,

proclamar teu amor pela manhã e tua fidelidade à noite,

ao som da lira de dez cordas e da melodia da harpa.

Pois tu me alegras com teus feitos, ó Senhor;

canto de alegria por causa da obra de tuas mãos.

Quão grandes são tuas obras, ó Senhor, quão

profundos teus pensamentos!

Os insensatos não sabem, os tolos não entendem,

que, embora os maus brotem como a grama e todos os

malfeitores floresçam,

eles serão destruídos para sempre.

Mas tu, ó Senhor, és exaltado para sempre.

Pois certamente teus inimigos, ó Senhor, certamente

teus inimigos perecerão;

todos os malfeitores serão dispersos.

Tu exaltaste meu chifre como o do touro selvagem;

óleos preciosos foram derramados sobre mim.

Meus olhos viram a derrota de meus adversários;

meus ouvidos ouviram a debandada de meus

inimigos perversos.

Os justos florescerão como a palmeira, crescerão como

o cedro do Líbano;

plantados na casa do Senhor, eles florescerão nos

átrios de nosso Deus.

Continuarão a dar fruto na velhice, permanecerão

viçosos e verdejantes,

proclamando: “O Senhor é justo; ele é minha Rocha, e não há nenhuma iniquidade nele” (Sl 92).

A base da adoração nesse poema é evidente. A adoração do salmista é consequência direta de sua vida centrada em Deus. Seus lábios entoam música e estão cheios de louvor (v. 1). Mas perceba que ele não está interessado na música pela música, nem mesmo por causa da influência que ela tem sobre suas emoções, por mais benéfico que isso seja. Não! O que lhe rege os pensamentos é que o louvor é direcionado ao Senhor e que seu cântico é entoado “ao teu nome, ó Altíssimo”. É essa a diferença entre ir ao culto “pelo louvor” e ir ao culto “para adorar ao Senhor”. Pode parecer uma distinção menor, mas nela pode estar a diferença entre a adoração a Deus e a adoração à música!

O alicerce do louvor em nosso coração, portanto, não é emocional (“Sinto-me cheio de louvor!” ou “Que atmosfera de louvor!”). Na realidade, ele é teológico. A adoração não é algo que “produzimos”, mas algo que “desce” até nós da natureza de Deus.

Há uma bela ilustração disso no salmo 133, que descreve a alegria da comunhão cristã nos dias de adoração. Esse salmo pertence a uma série de salmos, quinze ao todo, que têm o nome de “cântico dos degraus”. Eles constituem uma série de “hinos para ocasiões especiais” em uma seção do Saltério e eram usados quando as pessoas iam em peregrinação a Jerusalém. Transmitem as expectativas e as bênçãos do povo do Senhor durante esses dias. Assim como os cristãos atuais, os crentes do Antigo Testamento achavam essas “conferências” excelentes oportunidades de adoração e comunhão. No salmo 133, o autor busca retratar com imagens verbais como eram essas ocasiões.

A primeira imagem que ele usa é a do óleo da unção, que era derramado sobre a cabeça do sumo sacerdote e fluía para sua barba e suas vestes. A segunda imagem é a do orvalho que cai no distante monte Hermom, mas que depois desce e alcança Jerusalém.

O que significam essas imagens? Em ambos os casos, a ênfase está no óleo e no orvalho “descendo” — de Deus, que unge seus sacerdotes para o serviço e envia o orvalho ao mundo natural. “Ali o Senhor concede sua bênção”, diz o salmista, concluindo (Sl 133.3). É Deus que nos dá o espírito de adoração, e é o que conhecemos de Deus que produz esse espírito de adoração. Podemos dizer que a adoração é simplesmente teologia, doutrina, o que pensamos acerca de Deus, mas na potência máxima! Em vez de apenas pensar nele, nós lhe dizemos, em oração, louvor e cânticos, quanto cremos que ele é grande e glorioso!

Encontramos essa aclamação escrita no salmo 92. O autor está pleno de Deus. Ele fala da graça de Deus: seu “amor de manhã” e sua “fidelidade à noite” são os temas de seus cânticos. Ele está perplexo diante dos feitos poderosos de Deus, tanto na criação quanto na providência, na redenção e na preservação. Os “feitos” de Deus o alegram, e as “obras de suas mãos” o fazem cantar de alegria. Ao contemplar o que Deus revelou em sua Palavra, ele fica assombrado com a natureza profunda dos pensamentos de Deus (v. 5). Ele também reflete sobre os meios pelos quais Deus o livrou da oposição: “exaltaste meu chifre [símbolo da força]” (v. 10). No mundo em geral, na história do povo de Deus, nas Escrituras,

na experiência pessoal, ele descobriu que Deus está no centro.

Não surpreende que ele brade de alegria: “Tu, ó Senhor, és exaltado para sempre”! Assim como outros crentes do período do Antigo Testamento, havia nele a percepção de que o Senhor é entronizado nos louvores de seu povo. O salmista tivera um vislumbre da glória de seu Deus. Aí está um homem preparado para deixar Deus ser Deus!

Com muita frequência deixamos de entender que essa percepção de Deus não é apenas o teste de nossa adoração, mas também do nosso crescimento espiritual. O verdadeiro crescimento do cristão na vida espiritual sempre será revelado pelo que ele pensa de Deus — quanto ele pensa em Deus e qual é o tamanho da estima e do conceito que ele tem de Deus. Porque a adoração é, essencialmente, o oposto do pecado. O pecado começou (e começa) quando sucumbimos à tentação: “Vocês serão como deuses”. Quando fazemos isso, colocamo-nos no centro do Universo e tiramos Deus de seu trono. A adoração, em contrapartida, significa dar a Deus seu verdadeiro valor; significa reconhecer que ele é o Senhor de todas as coisas e o Senhor de tudo em nossa vida. Ele é verdadeiramente o Deus Altíssimo!

* * *

O salmo 92 também fala das bênçãos da adoração. “É bom louvar ao Senhor e entoar cânticos ao teu nome, ó Altíssimo” (v. 1).

À primeira vista, esse verso talvez pareça representar aquela ideia de um “remédio à moda antiga” que costuma figurar nos comerciais de televisão: “Como pode fazer bem se é saboroso?”. Mas o salmista não está dizendo: “Adore a Deus, mesmo que você ache ruim o gosto disso; vai fazer bem para você”. Não. Na verdade ele está falando de uma descoberta pessoal: ele está

dizendo que a adoração é um deleite para ele. A verdade é que ele a considera muito emocionante, além de ser seu dever.

Dá para perceber isso tanto na forma em que ele escreve (o salmo pulsa de vida e alegria) como no que ele escreve (o salmo também pulsa de devoção a Deus!). Esse homem comum torna-se extraordinário quando louva a Deus. Torna-se poeta, corista, compositor, músico e teólogo, tudo isso ao mesmo tempo! Ele canta (v. 1); compõe melodias (v. 3); e se alegra (v. 4). Parece que todo o seu ser se envolve nessa grandiosa atividade.

O que aconteceu com ele na adoração (e o que acontece conosco) foi a descoberta de seu destino. Ele foi criado para isso, como diz a famosa primeira pergunta do Catecismo Menor de Westminster: “Qual é o propósito maior do homem? O propósito maior do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre”. É só quando somos restaurados para Deus e começamos a adorá-lo que, em vez de carecermos de sua glória por causa do pecado (Rm 3.23), começamos a ver sua glória, pela graça, e a nos prostrar alegre e voluntariamente diante dele.

É por isso que, toda vez que nos reunimos em adoração cristã, temos de ter consciência de que estamos participando dos poderes do mundo vindouro (Hb 6.5). Isso explica por que no louvor e na adoração às vezes temos consciência de um mundo completamente diferente, um mundo celestial melhor e mais glorioso — quando nos descobrimos em um sentido especial na presença de Deus. Finalmente encontramos nosso destino ali!

Salvador, se de Sião,

pela graça, cidadão eu sou,

zombe o mundo ou tenha pena,

minha glória é o nome teu:

o prazer do mundo é breve,

breve a pompa, a vaidade;

tesouro e júbilo perenes

só existem na tua cidade.

— John Newton

* * *

O terceiro elemento da adoração mencionado no salmo 92 é a natureza da adoração. Que natureza é essa? O salmo inteiro nos dá a resposta. Mas há uma palavra nele, sinônimo de adoração, que é especialmente marcante. Trata-se do verbo "proclamar" (v. 2,15). Adoração é proclamação. A adoração inclui proclamação, é claro. Mas perceba que, para esse homem, o salmista, adoração é proclamação.

Obviamente, em algumas igrejas a proclamação, ou pregação, é um dos principais elementos do culto. Mas não é só isso que está em vista aqui. O salmista considera cada elemento da adoração uma oportunidade de “proclamar teu amor pela manhã e tua fidelidade à noite” (v. 2). E entende que, no fim da vida, os velhos (frágeis demais para proclamar pregando!) ainda estão “viçosos e verdejantes, proclamando: ‘O Senhor é justo; ele é minha Rocha’” (v. 14,15).

Talvez uma palavra mais adequada seja “aclamar”. Em nossa adoração, estamos aclamando a Deus, e nossas exclamações devem-se àquilo que sabemos que ele é em sua graça e em seu poder. É por isso que os salmos estão repletos de expressões como: “Aclamem a Deus com brados de alegria” (Sl 47.1); “Brade a Deus de alegria, toda a terra!” (Sl 66.1); “Bradem de alegria ao Senhor, povos de toda a terra” (Sl 98.4). A proclamação de Deus envolve pregação e ensino (e a adoração depende dela para obter sua substância e força); mas também envolve nossos cânticos, nossas orações e, na verdade, o próprio espírito no qual nos reunimos, com o desejo de que o Senhor ocupe o centro do palco de tudo o que fazemos.

Uma bela expressão desse espírito no salmo 92 está no verso: “Como são grandes tuas obras, ó Senhor, como são profundos teus pensamentos!” (v. 5). É como se o próprio ato de proclamar tudo o que Deus havia feito tivesse despertado no salmista uma percepção nova e avassaladora do privilégio da adoração, e ele instintivamente deixou escapar essas palavras de assombro e maravilhamento. Sua experiência é como a de Isaías, que falou aos outros da santidade de Deus e depois, no Templo, ouviu a melodia assombrosa dos serafins celestiais exclamando uns aos outros na presença do Deus Santo: “Santo”; e, em seguida, talvez movidos mais uma vez pelo que perceberam que ele é: “Santo”; e, mais uma vez: “Santo é o Senhor todo-poderoso, toda a terra está cheia de sua glória” (Is 6.3).

Você já experimentou uma adoração que se passa na presença de Deus, como essa da passagem? Ela produz perplexidade santa e nos capacita a experimentar

e entender as palavras de Habacuque 2.20: “O Senhor está em seu santo templo; que toda a terra fique em silêncio diante dele”.

Paulo diz que, quando cantamos louvores, estamos entoando uma melodia para o Senhor em nosso coração, além de instruir uns aos outros (Cl 3.16). É por essas verdades e para esse propósito que fazemos isso. Certamente vivemos em uma época que necessita seriamente desse tipo de instrução.

Diante do trono de Jeová,

prostrai-vos, nações, com santo prazer:

Sabei que só o Senhor é Deus;

que cria e destrói como bem entender.

Seu poder soberano, sem nossa ajuda,

nos fez do barro, homens nos formou;

e quando, ovelhas errantes, nos desviamos,

ao aprisco de volta ele nos levou.

Em teus portões canções entoaremos;

aos céus ergueremos nossa voz com fervor;

e a terra, com suas dez mil línguas,

teus átrios encherá de sonoro louvor.

Que visão gloriosa para a verdadeira adoração!

* * *

O último aspecto da adoração mencionado no salmo 92 é o fruto da adoração. Será que a adoração faz mesmo diferença? Sim, faz — pela simples razão de que o fator mais importante na vida do povo de Deus é o que e como ele pensa sobre Deus; e a maneira de pensarmos sobre Deus é profundamente influenciada pela forma de proclamarmos Deus na adoração e na aclamação que lhe fazemos quando louvamos.

O autor do salmo 92 sabia o que era enfrentar dificuldades e oposição amarga. O que lhe deu estabilidade em face da aparente prosperidade dos homens maus foi seu conhecimento de que Deus é o juiz deles. Foi mediante sua consciência cada vez mais profunda do poder e da vitória de Deus sobre seus inimigos que ele entendeu que não tinha nada a temer da parte deles.

Asafe ensina uma lição semelhante no salmo 73. Ele nos diz que quase abandonara a fé por causa da prosperidade e da aparente imunidade dos homens perversos. Mas então entrou no Templo e, provavelmente pela adoração e pelo louvor, pela leitura e pela proclamação, “compreendeu o destino final deles” (Sl 73.17). Entendeu que sua perspectiva era míope e restrita ao tempo. Mas, na presença do Deus eterno e na consciência de sua glória, Asafe enxergou sua vida e a do mundo por uma perspectiva diferente: a perspectiva de Deus!

Assim também, no salmo 92, diante da oposição, o salmista encontra estabilidade renovada em sua vida. Ele recebe força de Deus (“Tu exaltaste o meu chifre como o do touro selvagem”, v. 10); enxerga a sabedoria de Deus, que o tolo jamais consegue compreender (v. 5-7); aprecia a bênção permanente que desfrutam os filhos de Deus, de modo que mesmo na velhice (e sobretudo na velhice!) eles “continuarão a dar fruto [...] permanecerão viçosos e verdejantes, proclamando: ‘O Senhor é justo; ele é minha Rocha’” (v. 14,15). E tudo porque o povo de Deus está “plantado na casa do Senhor” (v. 13).

É no fim da vida, e não só no começo, que os cristãos ficam mais diferentes do resto do mundo. É então que a verdadeira beleza da mulher e o verdadeiro caráter do homem são vistos como realmente são. É por isso que às vezes parece haver um toque de glória e luz na vida dos cristãos idosos. Eles permaneceram “viçosos e verdejantes” como o salmo 92 indica, porque o coração deles se entregou ao Senhor em adoração. Como disse Newton, o prazer do mundo é efêmero; é mera “pompa e ostentação”. Mas o adorador de Deus, em Espírito e em verdade, conhece alegrias sólidas e tesouros duradouros!

A verdadeira adoração dá caráter à nossa vida, humildade ao nosso ser e força e confiança ao nosso testemunho. Mas será que ela continuará sendo “a joia que está faltando na igreja evangélica”? Vamos aprender a adorar a Deus, com a fidelidade e a alegria do autor do salmo 92. Vamos nos tornar “os adoradores que o Pai procura” (Jo 4.23).

LEMBREM-SE DO SENHOR

Ohomem ou a mulher que tem o coração dedicado a Deus é alguém decidido a lembrar-se do Senhor.

Em algum ponto da história, a ideia de ser um cristão decidido e determinado saiu de moda. Permitimos que o mundo nos espremesse para dentro de seu molde. Porque ali, no mundo, a ideia de um compromisso permanente é muito rara, mesmo em áreas como o emprego ou o casamento. Hoje em dia não podemos prometer nada. Curiosamente, tornamo-nos tão despretensiosos que não temos mais certeza se vamos cumprir ou não as promessas que fazemos! Mas a palavra central aqui é vontade, pois hoje em dia mesmo as promessas mais solenes deixam de ser cumpridas por falta de força de vontade e determinação. A realidade não é que “os tempos mudaram”. Fomos nós que mudamos. O homem “forte” do século 20 tem uma vontade flácida, um nível desleixado de comprometimento e um medo quase neurótico de tudo o que lembre santidade ou retidão. A tragédia é que o espírito da época infectou a nova era do povo de Deus, na igreja. Às vezes disfarçamos nossa incapacidade com teologia (justamente com ela!) — nós nos conhecemos muito bem para fazer promessas ambiciosas a Deus! Mas isso é má teologia. Também é má espiritualidade. Porque Deus nos chama para assumir com ele um compromisso vitalício de fidelidade e obediência. Ele não vê nosso insucesso nessa área como recato conveniente ou discrição compreensível. Deus tem outros nomes para isso: desobediência, deslealdade, afastamento, falta de fé.

Nossos antecessores espirituais reconheciam essa inclinação no coração deles, mas decidiram ter o “coração dedicado a Deus”; eles demonstravam todo o empenho em triunfar sobre essa inclinação e vencê-la. É por isso que os diários deles às vezes continham votos, ou alianças, que eles faziam diante do Senhor.

Na presença dele, eles se comprometiam, pela sua graça, a se lembrar dele e viver a vida inteira diante dele.

Em nosso estudo sobre o que significa conhecer a Deus e ter o coração dedicado em segui-lo, chegamos ao ponto em que nós também precisamos enfrentar essa questão. Você tomou a resolução de fazer ao Senhor um voto de que, de um jeito novo, você vai se lembrar dele? Se deseja que o conhecimento de Deus não seja um mero passatempo intelectual, você precisa fazer isso. Faz parte de sua adoração a Deus. O louvor que rendemos a ele inclui o louvor de uma vida que cumpre o voto de servi-lo (Sl 65.1). Entregar-se — inteligente e voluntariamente — ao Senhor faz parte da sua adoração (Rm 12.1,2).

Quando Moisés recapitulou os acontecimentos que cumpriram a promessa que Deus lhe fizera na sarça ardente, ele apresentou aos israelitas a resposta que o Senhor esperava deles: “Tenham o cuidado de não se esquecer do Senhor e de obedecer a seus mandamentos”. Em uma frase, aí está a verdadeira resposta à descoberta do caráter de Deus revelado em tudo o que ele diz e faz. Não “se esqueça” dele. Viva na presença dele e abra toda a sua vida para a vontade dele, manifesta em sua Palavra (“obedeçam a seus mandamentos”).

O povo de Deus — tanto daquela época quanto de hoje — era vítima de amnésia espiritual. É por isso que, além da exortação, Moisés falou àquele povo com muito vigor sobre as influências que causavam essa amnésia, as repercussões da presença dela na vida de Israel e o único remédio que podia preservar e curar os israelitas.

* * *

A causa da amnésia espiritual normalmente tem dois aspectos. Primeiro, paramos de nos beneficiar das ações passadas do Senhor em nossa vida. Moisés

expressou isso muito bem no contexto de sua época:

Lembrem-se de como o Senhor, seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto durante estes quarenta anos, para torná-los humildes e testá-los, a fim de saber o que estava no coração de vocês, se iam obedecer ou não a seus mandamentos. Ele os tornou humildes, fazendo que passassem fome e depois os alimentando com maná, o qual nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para lhes mostrar que nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor. As vestes de vocês não se gastaram, e seus pés não incharam durante esses quarenta anos. Saibam, pois, no coração que, assim como um homem disciplina o filho, da mesma forma o Senhor, o seu Deus, disciplina vocês (Dt 8.2-5).

São palavras muito significativas e importantes. A importância delas é sublinhada para nós porque Jesus as conhecia muito bem e obviamente as guardara na memória. Ele as usou como parte de sua armadura espiritual contra as tentações do Diabo (quando estava no deserto sendo posto à prova, como foram os israelitas, Mt 4.4).

Deus fora gracioso com os israelitas. Ele havia sido o Deus que prometera ser: ele os salvou, conduziu, protegeu e proveu para eles (os pés deles não incharam em quarenta anos!). Contudo, eles estavam correndo o risco de fazer pouco caso de tudo isso. Eles enxergavam o deserto, roupas velhas e o maná no deserto. Mas não tinham olhos para ver o que Deus estava fazendo mediante essas experiências. Moisés diz que Deus estava tentando torná-los humildes, ensiná-los, educá-los e discipliná-los como Pai. Mas eles não viam o que Deus estava fazendo; eles não aprenderam nada e, em vez de se animarem a louvar a Deus e ter comunhão com ele, ficaram indiferentes.

Refleta por um momento sobre seu passado. Você alguma vez já se sentiu cheio de júbilo e gratidão porque Deus o aproximou dele e o libertou para servi-lo e amá-lo? Você já recordou, em espírito de gratidão, os passos que o levaram a

Cristo, as diferentes formas pelas quais Deus ensinou você, as pessoas que ele colocou em seu caminho e mediante as quais ele moldou a pessoa que você é hoje?

Você ainda reflete sobre a graça de Deus em sua vida? Você ainda tem consciência de que ser cristão significa ser tocado pelo Deus vivo em sua vida diária? Ou será que você, assim como os israelitas, deixou de se beneficiar dos atos do Senhor? Agora a vida simplesmente “acontece”, os incidentes e as experiências vêm e vão, de forma quase indistinguível. Você não vê mais a mão de Deus agir, não tem mais a sensação de ser filho de um Pai que o está sempre ensinando, sempre disciplinando-o para a glória dele.

O esquecimento dos hebreus, ao que tudo indica, também é síndrome recorrente entre os cristãos. Mais adiante, no Novo Testamento, deparamos com os mesmos sintomas, e é preciso dizer aos cristãos: “Em sua luta contra o pecado, vocês ainda não resistiram a ponto de derramar o próprio sangue. E vocês se esqueceram da palavra de ânimo que ele lhes dirige como a filhos: ‘Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor e não desanime quando ele o repreender, pois o Senhor disciplina aqueles que ama e castiga todos aqueles que aceita como filhos’” (Hb 12.4-6, citando Pv 3.11,12). Aqui, a experiência do Antigo Testamento e a do Novo é a mesma. O autor identificou, por um lado, um nível minguate de santidade e, por outro, o esquecimento da Palavra de Deus e a cegueira em relação à atividade de Deus. Será que é nesse nível triste de experiência que eu e você nos encontramos?

* * *

A segunda causa da amnésia espiritual é a existência de um coração orgulhoso em resposta à generosidade do Senhor. Moisés fala francamente também sobre isso:

Quando tiverem comido até ficarem satisfeitos, louvem ao Senhor, o seu Deus, pela boa terra que lhes deu. Tenham o cuidado de não se esquecer do Senhor, o seu Deus, e de obedecer aos seus mandamentos, suas ordenanças e seus decretos que hoje estou dando a vocês. De outra forma, depois de terem comido até ficarem satisfeitos, vocês construirão casas boas e se acomodarão, e quando aumentarem seus rebanhos, sua prata e seu ouro, e quando tudo o que vocês têm for multiplicado, o coração de vocês ficará orgulhoso e vocês se esquecerão do Senhor, o seu Deus, que os tirou do Egito, da terra da escravidão. Ele os conduziu pelo vasto e temível deserto, por aquela terra seca e sem água, de cobras e escorpiões venenosos. Ele tirou água da rocha para vocês. Ele lhes deu maná no deserto, o qual seus antepassados não conheciam, para torná-los humildes e testá-los, a fim de no final fazer-lhes o bem. Vocês talvez digam a si mesmos: "Minha capacidade e a força de minhas mãos produziram para mim toda esta riqueza". Mas lembrem-se do Senhor, o seu Deus, pois é ele que lhes dá a capacidade de produzir riqueza, confirmando a aliança que jurou aos seus antepassados, como hoje se vê (Dt 8.10-18).

É difícil acreditar que o povo de Deus pudesse receber tanto e tão claramente de Deus, e mesmo assim ficar orgulhoso de sua própria atividade — a não ser que você tenha consciência de quanto o seu próprio coração é enganoso. Mas aqueles que conhecem o próprio coração sabem com que facilidade cada um de nós pode cair no pecado do orgulho e da autossuficiência, quando o propósito de Deus é que sejamos humildes e aprendamos que nossa suficiência depende dele.

A riqueza e a prosperidade já foram uma armadilha em sua vida? Jesus falou sobre esse perigo na Parábola do Semeador. Um dos solos não produziu fruto por causa da presença de espinhos, os quais Jesus interpretou como “as preocupações desta vida, o engano das riquezas e os desejos por outras coisas”, que entram na vida, estrangulam a semente da Palavra de Deus e a tornam infrutífera (Mc 4.18,19). Deus provê tudo de que precisamos, mas nós ficamos obcecados com os presentes, e não com o Doador, e logo estamos pensando nos presentes que ele nos dá como nossos “direitos”, como se os tivéssemos conquistado ou os merecêssemos. Começamos a nutrir cada vez mais o desejo de escrever em nossa vida: “Fiz tudo do meu jeito”. Por isso nos distanciamos do Senhor, ficamos insensíveis a ele e nos esquecemos de sua graça.

Esse afastamento de Deus, como observamos no capítulo 8, foi o que ocorreu com o rei Uzias: “Ele buscou a Deus durante os dias de Zacarias, que o instruiu no temor a Deus. Enquanto buscou ao Senhor, Deus lhe concedeu êxito [...] Sua fama se espalhou vastamente, pois foi muito ajudado até tornar-se poderoso. Depois de Uzias se tornar poderoso, seu orgulho provocou sua queda. Ele foi infiel ao Senhor” (2Cr 26.5,15,16). Não foi seu poder nem seu sucesso que destruiu sua utilidade espiritual, mas seu esquecimento, o fato de não se lembrar do Senhor, e sua consequente infidelidade.

A prosperidade é um dom. Pode ser uma bênção; mas sempre é um teste. Era isso que Moisés estava exortando o povo a perceber. Tanto a adversidade quanto a prosperidade têm essa função em nossa vida cristã. Elas são um teste para saber se temos um compromisso com o Senhor que nos ajudará a entender que ambos os tipos de experiência estão associadas a ele. Todos os cristãos encontram tanto a adversidade quanto a prosperidade. A maioria de nós normalmente experimentou as duas. Você passou no teste? Sua experiência o aproximou mais do Senhor, conforme você entregava seu caminho a ele? Ou será que você, assim como os israelitas, se esqueceu dele e acabou se voltando para si mesmo — obcecado com seus problemas ou com suas realizações?

Que tal encarar essas questões e fazer um novo voto ao Senhor, um voto de que, com a ajuda dele e por meio da graça dele, você não se esquecerá mais dele em sua jornada?

A seriedade dessas questões constrangeu Moisés a apresentar aos israelitas não só as causas, mas também as consequências da amnésia espiritual. Ele percebeu o que eles haviam esquecido: que a natureza do relacionamento deles com Deus estava em tal estado que a enfermidade espiritual deles era grave e podia de fato constituir doença terminal, porque eles eram o povo da aliança de Deus.

À primeira vista, isso parece contraditório, pois Moisés diz que Deus confirma sua aliança (Dt 8.18). Mas é exatamente isso. Deus sempre confirma sua aliança. Ele sempre cumpre os votos que fez a seu povo. Todavia, o que exatamente é sua aliança? É a promessa juramentada de que os que confiam nele participarão de todas as riquezas de sua bênção. No entanto, o corolário da promessa é que os que são infiéis à sua aliança descobrirão que rejeitaram sua bênção. A dureza do coração deles terminará em juízo e perda. Por isso, Moisés diz:

O Senhor não simpatizou com vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menos numeroso de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e guardou o juramento que fez aos seus antepassados que ele os tirou com mão poderosa e os redimiui da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito. Saibam, portanto, que o Senhor, o seu Deus, é Deus; ele é o Deus fiel, que guarda sua aliança de amor por mil gerações daqueles que o amam e guardam os seus mandamentos. Mas

àqueles que o odeiam, ele retribuirá

com destruição;

ele não tarda em retribuir

àqueles que o odeiam (Dt 7.7-10).

É assim que a fidelidade da aliança inevitavelmente opera. Encontramos isso claramente expresso em Hebreus, livro que já foi chamado de “A Epístola da Aliança”. Em várias ocasiões, o autor nos adverte de não cair na incredulidade e nos erros do povo de Deus nos dias do Êxodo: “Cuidado, irmãos, para que

nenhum de vocês tenha coração pecaminoso e incrédulo que se afaste do Deus vivo. Mas animem-se uns aos outros diariamente, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado. Nós passamos a ser participantes de Cristo se nos apegarmos firmemente até o fim à confiança que tivemos no princípio. Como foi dito: ‘Se hoje vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração como fizeram quando se rebelaram’” (Hb 3.12-15; veja tb. toda a série de “passagens de advertência” presentes em Hebreus: 2.1-3; 4.1,2,11; 10.26-31).

Essa é a medida do compromisso de Deus com sua aliança: ele permanecerá fiel a ela, custe o que custar. É por isso que a autossatisfação que produz o esquecimento espiritual é tão enganosa e mortífera. Quando caímos nessa autossatisfação, a bênção que Deus nos prometeu é rejeitada, e o juízo divino cai sobre nós.

A solene verdade do evangelho é que, quando se trata das coisas espirituais, você recebe aquilo em que seu coração se concentra. Se seu coração estiver concentrado no conhecimento de Deus, ele se revelará a você por meio de sua Palavra; se estiver concentrado em servi-lo, não faltarão oportunidades de você servir. Mas, se seu coração não estiver concentrado em nada que seja espiritual, é exatamente isso que você receberá: nada que seja espiritual. Se seu coração estiver concentrado em suas ambições, é muito provável que elas se cumpram. Deus pode lhe conceder o desejo de seu coração. Ele fez exatamente isso ao seu povo no deserto. Ele os salvou para sua própria glória e os conduziu através do deserto, contudo “eles logo se esqueceram do que ele havia feito e não esperaram para ouvir seu plano. No deserto, entregaram-se à gula; nas terras áridas, puseram Deus à prova. Ele, portanto, lhes deu o que pediram, mas enviou sobre eles uma doença terrível” (Sl 106.13-15). Tudo isso apesar da advertência de Moisés a eles:

Se vocês se esquecerem do Senhor, seu Deus, e seguirem outros deuses, os adorarem e se prostrarem diante deles, asseguro-lhes hoje que vocês certamente serão destruídos. Assim como as nações que o Senhor destruiu diante de vocês,

vocês serão destruídos por não obedecerem ao Senhor, seu Deus (Dt 8.19,20).

Pense um pouco até onde sua vida o levou. Que ambições e aspirações se cumpriram? O Senhor lhe deu muitas das coisas que você ambicionava — material, pessoal, social e profissionalmente? Agora, reflita sobre isto: Você tem, além dessas coisas, o próprio Senhor? Ou será que você as tem sem ter o Senhor? Será que você se esqueceu do Senhor?

* * *

Moisés dirigiu essas palavras ao povo no deserto porque era seu pastor. Ele se preocupava profundamente com o povo. Lembre-se de sua oração: “Por favor, perdoa o pecado deles; senão, risca-me do livro que escreveste” (Êx 32.32). Ele os advertiu da importância de lembrar-se do Senhor, mas também lhes indicou a cura da amnésia espiritual. Mencionou dois fatores essenciais.

Primeiro, o coração plenamente satisfeito com a provisão do Senhor nos mantém renovados e ávidos de nos lembrar dele e servir a ele. Várias vezes durante sua longa exposição e aplicação da lei de Deus, Moisés ressaltou que Deus dera ao povo tudo de que eles precisavam. Sempre que houve alguma carência, ele supria invariável e plenamente (veja Dt 8.3,4,7,10,15,16,18). O passado, o presente e o futuro estavam nas mãos de Deus. Ele nunca os deixaria ou falharia com eles. O que eles precisavam era entender que o que Deus dera — a medida exata, nem mais nem menos — era o suprimento perfeito. Eis uma questão que não tinham resolvido: eles se contentariam com a sabedoria, a graça e a soberana provisão de Deus ou iriam insistir toda vez em resolver os problemas por eles mesmos?

A história do Êxodo é ao mesmo tempo um relato histórico e um símbolo. Ela aconteceu na história, mas Deus também a concebeu como lição, como exemplo

da provisão final que ele viria a fazer pelo seu povo por meio de Jesus Cristo. É por isso que, sobretudo no Evangelho de Mateus, há tantos detalhes da vida de Jesus que seguem o padrão do Êxodo. Pois Cristo agora é a provisão de Deus para nós. Nele, diz Paulo, Deus nos deu todas as bênçãos espirituais (Ef 1.3). Todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão guardados nele para seu povo (Cl 2.3). Deus o entregou por todos nós e, assim, ele nos garante que nos dará todas as coisas em Cristo (Rm 8.32).

A questão é: Você está satisfeito com a provisão de Deus? Já aprendeu a se contentar com aquilo que ele acrescenta à sua vida e com as dádivas que ele lhe deu, ou será que você nutre o que Jesus chamou de “os desejos por outras coisas” (Mc 4.19)?

A outra cura essencial para a amnésia espiritual é um coração inteiramente submisso à vontade do Senhor. Note que grande parte das exortações que Moisés dirigiu ao povo estão relacionadas ao coração e à vontade: “tenham o cuidado de seguir”, “lembrem-se”, “observem”. As expressões talvez pareçam ligadas à mente, à memória e ao entendimento. Mas na verdade todas elas estão intimamente ligadas à nossa vontade, porque todas estão ligadas à submissão à Palavra de Deus. O que Deus queria era “saber se os israelitas iam obedecer ou não aos seus mandamentos” (Dt 8.2). Não se trata da preocupação de um déspota; trata-se da preocupação íntima de um pai. Ele humilhou e testou seus filhos, “a fim de no final fazer-lhes o bem” (Dt 8.16). Esse é seu desejo mais profundo: ele anseia que seus filhos submetam o coração e a vontade à sua vontade, porque só assim eles podem descobrir a bênção que ele pretende prover, de sua maneira e no seu tempo.

Você já fez um voto de se submeter ao Senhor? No fim das contas, é isso que significa “lembrar-se dele”.

William Booth, o fundador do movimento Exército de Salvação, no século 19, certa vez foi indagado sobre o segredo de seu poder espiritual. Ele deu uma

resposta interessante e esclarecedora: “Houve um dia na minha vida em que jurei que tudo o que William Booth tem a oferecer seria de Deus”. Anos depois da morte de Booth, a filha dele foi lembrada por um amigo do voto do pai dela. Ela respondeu: “Sabe, o voto em si não era o verdadeiro segredo da vida de meu pai. O verdadeiro segredo é que ele o cumpriu”.

Para ter um coração devotado ao Senhor, precisamos fazer o mesmo voto em resposta àquilo que descobrimos juntos a respeito de Deus. Então saberemos o que significa ter o coração dedicado a Deus.

O objetivo é o próprio Deus,

não alegria, nem paz;

nem mesmo bênção,

mas ele próprio, meu Deus.

A ele cumpre me conduzir,

não a mim, mas a ele —

custe o que custar, Senhor querido,

seja qual for o caminho.

Conheça outra obra do autor

SINCLAIR B. FERGUSON

Prefácio de Tim Keller

SOMENTE CRISTO

LEGALISMO, ANTINOMIANISMO
E A CERTEZA DO EVANGELHO


VIDA NOVA

Desde os dias da igreja primitiva, os cristãos lutam para compreender a relação entre lei e evangelho. Se a salvação é pela graça e a lei não pode salvar, como afirma o apóstolo Paulo, qual a relevância da lei para os cristãos de hoje?

Ao revisitar a famosa mas esquecida “controvérsia do cerne” que, no século 18, acentuou o debate acerca da relação e da proporção adequada entre a graça de Deus e nossas obras —, Sinclair B. Ferguson explora essa questão central e por isso ainda tão relevante. Ao fazê-lo, explica como nossa compreensão da relação entre lei e evangelho determina a maneira de encarmos a evangelização, a busca da santificação e até mesmo nossa compreensão do próprio Deus.